

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
CAMILA MANOEL PEREIRA

O COMÉRCIO FRONTEIRIÇO ENTRE FOZ DO IGUAÇU – BR E CIUDAD DEL  
ESTE – PY: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE CONSUMO DOS  
MORADORES LOCAIS



Dourados, MS

2019



CAMILA MANOEL PEREIRA

**O COMÉRCIO FRONTEIRIÇO ENTRE FOZ DO IGUAÇU – BR E CIUDAD  
DEL ESTE – PY: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE  
CONSUMO DOS MORADORES LOCAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Grande Dourados, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Dourados, 09 de setembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo  
Universidade Federal da Grande Dourados  
Dourados - MS

---

Prof(a). Dra. Adriana Dorfman  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre - RS

---

Prof. Dr. Jones Dari Goettert  
Universidade Federal da Grande Dourados  
Dourados - MS

Dourados, MS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P436c Pereira, Camila Manoel

O comércio fronteiriço entre Foz do Iguaçu - BR e Ciudad del Este - PY: Uma análise a partir da perspectiva de consumo dos moradores locais [recurso eletrônico] / Camila Manoel Pereira. -- 2019.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Marcos Leandro Mondardo .

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Fronteira. 2. Comércio fronteiriço. 3. Interações fronteiriças. I. Mondardo, Marcos Leandro.  
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), universidade pública que me recebeu como aluna e me possibilitou inúmeros aprendizados e experiências que levarei por toda a vida.

Agradeço ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcos Leandro Mondardo por ter dividido comigo um pouco de seus conhecimentos, pela paciência, dedicação, por me incentivar a seguir estudando, e por sempre estar disponível e disposto a conversar e a dar conselhos.

Agradeço aos amigos Larissa Daves e Vinícius Romero pelas explicações, conselhos e pelo suporte antes, durante e depois do processo seletivo da pós-graduação, sem eles o início dessa caminhada não seria possível.

Meu mais profundo sentimento de gratidão e carinho aos meus amigos e companheiros de trabalho de campo, de pós-graduação, de inúmeras refeições e debates acadêmicos Dálila e Luís Felipe. E ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jones Dari Goettert pelos inúmeros conselhos e pela carona durante meu primeiro trabalho de campo na fronteira.

Agradeço também a minha família, pai (Reginaldo), vó e vó (João e Ivone) e irmã (Nathalia). E principalmente, agradeço a minha mãe (Denise), que foi minha professora de Geografia durante a escola, me incentivou e me inspirou a seguir a licenciatura. Além de sempre estar ao meu lado e de sonhar junto comigo com a pós-graduação.

As minhas amigas Paloma, Sabrina, Deise e Luana, algumas das amigadas que Dourados – MS me presenteou e que guardarei sempre em meu coração.

Aos meus amigos de Presidente Prudente – SP, Wellington, Maria Laura, Isabela, Maria Eduarda, Stephanie, Nathália Puglisi, Verônica, Bianca, Gustavo e Jean; e a minha cachorra Amora que tanto me ajudou em dias difíceis.

Ao meu namorado, Matheus Gonsalves, por todo amor, atenção, paciência, ensinamentos e pelo empenho em todos os momentos em que precisei.

Por fim, agradeço a Deus por sempre olhar por mim e iluminar o meu caminho.

## RESUMO

O presente trabalho tem como o objetivo principal compreender o comércio que ocorre na fronteira entre o município paraguaio de Ciudad del Este e o município brasileiro de Foz do Iguaçu a partir da perspectiva dos moradores locais. Buscou-se compreender quais as vantagens e/ou desvantagens em se consumir de um lado ou de outro da fronteira; além de realizar o levantamento de quais produtos são os mais consumidos pelos moradores de Ciudad Del Este no lado brasileiro, e quais os mais procurados por moradores de Foz do Iguaçu no lado paraguaio; por fim averiguar se tratasse de uma real necessidade ou apenas costume da população fronteiriça em realizar compras no país vizinho. Também foi proposto averiguar se leis como, o sistema de cotas que proíbe a entrada de determinados produtos vindos do país vizinho em território nacional colabora com o aumento da atividade de contrabandos/descaminhos, e se os moradores locais realizam contrabando ou descaminhos na tentativa de burlar/contornar a fiscalização. Para que esses objetivos fossem alcançados foram realizados diversos trabalhos de campos, leituras bibliográficas, buscas por notícias em jornais locais, entrevistas informais e recolhimento de dados em sites oficiais dos governos municipais e federais tanto do Brasil quanto do Paraguai. Por fim, concluiu-se que existe uma cultura sobre os produtos brasileiros serem de melhor qualidade em ambos os lados da fronteira, que o sistema de cota não condiz com a realidade fronteiriça e isso faz com que os moradores locais busquem por meios alternativos de transporte; além do fato de que a população paraguaia vem ao Brasil em busca de produtos do gênero alimentício e os brasileiros cruzam a fronteira em busca de produtos eletrônicos e de marcas mundiais.

**Palavras-chaves:** Fronteira, Comércio, Redes.

## ABSTRACT

The main objective of the present work is to understand the trade that takes place on the border between the Paraguayan municipality of Ciudad del Este and the Brazilian municipality of Foz do Iguaçu from the perspective of local residents. We sought to understand the advantages and / or disadvantages of consuming either side of the border; besides surveying which products are the most consumed by residents of Ciudad Del Este on the Brazilian side, and which are the most sought after by residents of Foz do Iguaçu on the Paraguayan side; Finally, it is necessary to ascertain whether it is a real need or just the custom of the border population to consume in the neighboring country. It was also proposed to investigate whether laws such as the quota system that prohibits the entry of certain products from the neighboring country into the country contribute to the increase of contraband / misleading activity, and whether local residents smuggle or mislead in an attempt to circumvent / circumvent surveillance. In order to achieve these goals, various fieldwork, bibliographic readings, news searches in local newspapers, informal interviews, and data collection were carried out on official websites of the municipal and federal governments of both Brazil and Paraguay. Finally, we conclude that there is a culture that Brazilian products are of better quality on both sides of the border, that the quota system is not in line with the border reality and this makes local residents look for alternative means of transportation; We also conclude that the Paraguayan population comes to Brazil in search of food products and Brazilians cross the border in search of electronics and world brands.

**Keywords:** Border, Trade, Networks.

## RESUMEN

El objetivo principal del presente trabajo es comprender el comercio que se lleva a cabo en la frontera entre el municipio paraguayo de Ciudad del Este y el municipio brasileño de Foz do Iguaçu desde la perspectiva de los residentes locales. Intentamos comprender las ventajas y / o desventajas de consumir a ambos lados de la frontera; además de estudiar qué productos son los más consumidos por los residentes de Ciudad del Este en el lado brasileño, y cuáles son los más buscados por los residentes de Foz do Iguaçu en el lado paraguayo; Finalmente, es necesario determinar si es una necesidad real o solo la costumbre de la población fronteriza consumir en el país vecino. También se propuso investigar si las leyes como el sistema de cuotas que prohíbe la entrada de ciertos productos del país vecino al país contribuyen a aumentar la actividad de contrabando / engaño, y si los residentes locales pasan de contrabando o engañan en un intento de eludir / eludir la vigilancia. Para lograr estos objetivos, se llevaron a cabo diversos trabajos de campo, lecturas bibliográficas, búsquedas de noticias en periódicos locales, entrevistas informales y recopilación de datos en sitios web oficiales de los gobiernos municipal y federal de Brasil y Paraguay. Finalmente, concluimos que existe una cultura de que los productos brasileños son de mejor calidad en ambos lados de la frontera, que el sistema de cuotas no está en línea con la realidad fronteriza y esto hace que los residentes locales busquen medios de transporte alternativos; También concluimos que la población paraguaya viene a Brasil en busca de productos alimenticios y los brasileños cruzan la frontera en busca de productos electrónicos y marcas mundiales.

**Palabras-claves:** Frontera, Comercio, Redes.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Média de preços dos produtos mais consumidos em 2018 .....	88
Tabela 2 - Média de preços dos produtos mais consumidos em 2019 .....	89
Tabela 3 - Preços dos produtos no hipermercado Super 6 em 2018 .....	90
Tabela 4 - Preços dos produtos no hipermercado Super 6 em 2019 .....	90
Tabela 5 - Mercadorias apreendidas em Foz do Iguaçu em 2017 e 2016 .....	138
Tabela 6 - Redes identificadas na fronteira entre Ciudad del Este – PY/ Foz do Iguaçu – BR	145
Tabela 7 - Empregos formais e informais dependentes do comércio fronteiriço .....	149

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ponte da Amizade fotografada do lado brasileiro .....	43
Figura 2 - Centro de Ciudad del Este durante o feriado do dia 30 de março .....	45
Figura 3 - Parte do centro comercial de Ciudad del Este .....	48
Figura 4 - Placas de localização no Shopping Catuaí Palladium .....	60
Figura 5 - Faixada da loja Casa Anjita no Shopping Catuaí Palladium .....	61
Figura 6 - Perímetro urbano ocupado pela Vila Portes em Foz do Iguaçu.....	63
Figura 7 - Comércio na Vila Portes.....	65
Figura 8 - Empilhadeira transitando entre os automóveis na Vila Portes .....	67
Figura 9 - Sequência das ruas percorridas durante a visita a campo na Vila Portes .....	68
Figura 10 - Fachada de estabelecimento escrito em espanhol, Foz do Iguaçu – PR.....	70
Figura 11 - Cartaz na entrada da loja na Vila Portes – Foz do Iguaçu .....	71
Figura 12 - Blumenau Comércio de Malhas, loja de roupas na Vila Portes .....	73
Figura 13 - Loja em Foz do Iguaçu vendendo cópias de calçados originais .....	75
Figura 14 - Farmácia AndrianFarma na Vila Portes .....	77
Figura 15 - Prateleira de produtos Avon dentro da loja de cosméticos.....	78
Figura 16 - Mercadorias sendo comercializadas na Vila Portes.....	80
Figura 17 - Hortifrúti Colorado e Frutaria Grassi na Vila Portes.....	81
Figura 18 - Comércio de baterias na Vila Portes.....	82
Figura 19 - Comércio de laranjas na Vila Portes.....	83
Figura 20 - Cartaz na entrada do Hipermercado Muffato Max .....	84
Figura 21 - Carros, caminhões e vans na Vila Portes.....	87
Figura 22 - Consumidores sábado de manhã na Vila Portes .....	95
Figura 23 - Ônibus municipal de Ciudad del Este.....	98
Figura 24 - Localização da Area 4 em relação aos demais bairros estudados.....	99
Figura 25 - Fachada de um dos armazéns do bairro paraguaio Area 4.....	100
Figura 26 - Localização da Area 4 em Ciudad del Este e de Presidente Franco – PY.....	103
Figura 27 - Almacén “Totti” na Area 4 em Ciudad del Este.....	104
Figura 28 - Prateleira com mercadorias expostas em um almacén local.....	106
Figura 29 - Propaganda do Mega Shopping em um pedágio na BR-277 .....	108
Figura 30 - Propaganda de loja paraguaia usando a imagem de jogador brasileiro .....	109

Figura 31 - Caminhão de raio x da Receita Federal brasileira .....	111
Figura 32 - Restaurante, Moto táxi e Outdoor com propaganda paraguaia.....	113
Figura 33 - Perímetro analisado no centro comercial de Ciudad del Este.....	114
Figura 34 - Carro com placa de Rondônia e adesivo da U.P.E .....	116
Figura 35 - Alguns panfletos de propaganda distribuídos em Ciudad del Este.....	118
Figura 36 - Sequência de ruas percorridas no centro comercial de Ciudad del Este - PY .....	119
Figura 37 - Garrafas com os escudos do Cerro Porteño e Club Olimpia .....	121
Figura 38 - Entrada da loja Xiaoni .....	123
Figura 39 - Rua Abay em Ciudad del Este.....	125
Figura 40 - Anúncio do trabalho na loja chinesa no Shopping Global Center.....	126
Figura 41 - Rua Adrián Jara próxima a Gral Bernardino .....	128
Figura 42 - Rua Adrián Jara no centro comercial de Ciudad del Este .....	129
Figura 43 - Rua Camilo Recalde e alguns estabelecimentos comerciais .....	131
Figura 44 - Placa de identificação na Rua Capitán Miranda .....	133
Figura 45 – Cambistas à espera de clientes na Avenida San Blas.....	135
Figura 46 - Feira livre em Foz do Iguaçu.....	140
Figura 47 - Origem dos produtos comercializados na Vila Portes.....	151
Figura 48 - Origem dos produtos comercializados nos estabelecimentos em Ciudad del Este – PY.....	153
Figura 49 - Fachada do estabelecimento na Vila Portes .....	182
Figura 50 - Van paraguaia sendo carregada de produtos na Vila Portes.....	183
Figura 51- Interior do ônibus que circula em CDE.....	184
<i>Figura 52- Outra fachada em espanhol na Vila Portes.....</i>	<i>185</i>
Figura 53 – Loja de vestuários na Vila Portes em que a vendedora fala espanhol .....	186
Figura 54 - Produtos comercializados na Vila Portes .....	187
Figura 55 - Outro jogador brasileiro (Adriano) em propaganda de loja paraguaia .....	188
Figura 56 - Caminhão da Copacol descarregando na Vila Portes.....	189
Figura 57 - Táxi paraguaio na Vila Portes .....	190

## **LISTA DE SIGLAS**

BR – Brasil

PY – Paraguay

AR – Argentina

CDE – Ciudad del Este

PR – Paraná

CD's – Discos compactos

DVD's – Disco digital versátil

SciELO – Biblioteca Eletrônica Científica Online

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

PIB – Produto Interno Bruto

CPF – Cadastro de Pessoas Físicas

IBR – Instituto de Bem-estar Rural

INDERT – Instituto Nacional de Desenvolvimento Rural e Territorial

P.R.C. – República Popular da China

ACIFI – Associação Comercial e Empresarial de Foz do Iguaçu

AMP – Asociación de Almaceneros Minoristas del Paraguay

U.P.E. – Universidad Privada del Este

## **LISTA DE SÍMBOLOS**

% – Percentagem

₲ – Guaraní paraguaio

R\$ – Real brasileiro

US\$ – Dólar americano

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>II A CRIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE FOZ DO IGUAÇU, CIUDAD DEL ESTE E O COMÉRCIO LOCAL</b> .....	23
<b>II.I A relação entre o município de Foz do Iguaçu com o comércio fronteiriço</b> .....	25
<b>II.II Ciudad del Este e o comércio transfronteiriço com Foz do Iguaçu.</b> .....	37
<b>II.III Breve análise da problemática das leis estatais e o cotidiano fronteiriço</b> .....	51
<b>III O COMÉRCIO FRONTEIRIÇO: OBSERVAÇÕES E VIVÊNCIAS DO TRABALHO DE CAMPO</b> .....	57
<b>III.I O lado brasileiro da fronteira e os consumidores estrangeiros: O caso de Foz do Iguaçu</b> 58	
<b>III.II <i>Almacenes</i> Paraguaios e sua relação com o comércio na Vila Portes</b> .....	97
<b>III.III O lado paraguaio da fronteira e os consumidores de Foz do Iguaçu: centro comercial de Ciudad del Este</b> .....	107
<b>III.IV Visita à prefeitura municipal de Foz do Iguaçu – PR</b> .....	138
<b>IV AS REDES E INTERAÇÕES ESPACIAIS PRESENTES NA FRONTEIRA</b> .....	144
<b>V CONCLUSÃO</b> .....	163
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	169
<b>ANEXO 1</b> .....	182

## I INTRODUÇÃO

O comércio fronteiriço, a circulação de mercadorias e pessoas entre os municípios de Ciudad del Este – PY, Foz do Iguaçu – BR e Puerto Iguazú – AR, nem sempre foi como na contemporaneidade. A interação comercial entre os moradores locais da tríplice fronteira surgiu desde a criação das primeiras colônias no final do século XIX, e que futuramente daria origem aos referidos municípios.

O comércio fronteiriço foi crescendo junto com os municípios e se adaptando as necessidades de consumo da população local. A princípio essas necessidades diziam respeito apenas a produtos alimentícios e atualmente envolvem tanto produtos de primeira necessidade como eletrônicos, cosméticos e vestuários de marcas famosas.

Os primeiros moradores da região, em que hoje se localiza o município de Foz do Iguaçu, via no comércio de trocas de especiarias <sup>1</sup>com a população vizinha uma alternativa de fonte de renda.

A atividade de contrabando encontra-se atrelada ao comércio fronteiriço nessa região desde o início, pois, além da extração da erva-mate (principal atividade da região na época), os moradores locais contrabandeavam madeiras das grandes propriedades do lado brasileiro e comercializavam nos países vizinhos (Argentina e Paraguai).

Isto é, as interações fronteiriças ocorrem na tríplice fronteira a décadas baseadas nas trocas comerciais. O comércio une e aproxima as pessoas na fronteira desde os primeiros habitantes locais.

Em 1957 foi criado o município paraguaio que a princípio recebeu o nome de Puerto Flor de Lis, mas logo teve o nome alterado para Puerto Stroessner, em homenagem ao então Presidente Alfredo Stroessner, que foi o grande responsável pela criação de incentivos fiscais voltado às atividades comerciais na época.

Após a criação do município o então presidente paraguaio visando estreitar sua relação com o governo brasileiro deu início a construção de uma estrada interligando os municípios fronteiriços, de Puerto Stroessner e Foz do Iguaçu a capital paraguaia, Asunción. A partir disso os dois governos assinaram um acordo que concedia ao Paraguai o direito de usar o porto de Paranaguá, localizado no estado brasileiro do Paraná, para desembarque e embarque de produtos.

Esta estrada ficou conhecida como BR 277, e até hoje é a principal rota para a entrada e saída de produtos que chegam do Brasil em território paraguaio, e vice-versa.

---

<sup>1</sup> Trocavam-se principalmente alimentos, como: Laranjas, maçãs e temperos.

As relações entre os dois municípios fronteiriços se intensificaram com a construção da Itaipu Binacional, na década de 1980. Para Lavínia Martins e Doris Ruschamann (2010) foi a partir deste momento que ficou mais evidente o crescimento da importância das transações entre Brasil e Paraguai, principalmente para Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Segundo as autoras entre o período de construção e pós-construção notou-se uma ampliação na importância do turismo de compras, assim como, do comércio atacadista exportador para a região da tríplice fronteira.

Esta região possui um contingente populacional de mais de 500 mil habitantes<sup>2</sup>, e é vista como o coração de um espaço transfronteiriço formado por outras cidades que tem como polo Ciudad del Este – PY, Foz do Iguaçu – BR e Puerto Iguazú – AR.

Segundo Aldomar Rückert e Circe Dietz (2012) a tríplice fronteira se caracteriza como área dinamizada pela economia do comércio internacional e por múltiplas interações, sobretudo, entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, por meio da Ponte da Amizade e do Rio Paraná. Trata-se de uma área dinâmica pelos os fluxos diários, de pessoas, capital, trabalho, serviços e informações, fontes de diversas interações transfronteiriças e de processos de integração em múltiplas escalas.

Partindo desta afirmação, o presente trabalho dará ênfase às relações comerciais de compra e venda de mercadorias entre as populações de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, com o objetivo principal de analisar o comércio fronteiriço que ocorre entre os moradores locais dos dois municípios; buscando compreender quais as vantagens e/ou desvantagens em se consumir determinados produtos de um lado ou de outro da fronteira; além de realizar o levantamento de quais produtos são os mais consumidos pelos moradores de Ciudad Del Este no lado brasileiro, e quais os mais procurados por moradores de Foz do Iguaçu no lado paraguaio; por fim averiguar se trata-se de uma real necessidade ou apenas costume da população fronteiriça em consumir no país vizinho.

Para isso estudamos as normas direcionadas às fronteiras e as específicas para a tríplice fronteira, a fim de compreender se elas facilitam a integração do comércio fronteiriço entre o Brasil e o Paraguai, e/ou se atrapalha o deslocamento e o consumo

---

<sup>2</sup> Número resultante dos dados fornecidos por Béliveau & Montenegro (2006). Foz do Iguaçu tem o maior contingente populacional, somando 301.209 habitantes, segundo estimativa feita em 2005 pelo IGBE. Ciudad del Este tem 170.000 habitantes de acordo com dados de 2004, provenientes da Dirección General de Estadística. Por último, Puerto Iguazu tem 32.038 habitantes conforme o censo de 2001 do Instituto Nacional de Estadística y Censo (INDEC) da Argentina.

dos moradores; ainda, relacionado às normas, procuramos compreender a relação espaço-temporal entre elas e a atividade de descaminho presente na fronteira com o intuito de averiguar se as mesmas incentivam esse tipo de atividade.

Após essas considerações, propomos desvendar as seguintes problemáticas: as leis como, o sistema de cotas que proibi a entrada de determinados produtos vindos do país vizinho em território nacional colaboram com o aumento da atividade de contrabandos/<sup>3</sup>descaminhos<sup>4</sup>? Os moradores locais realizam contrabando ou descaminhos na tentativa de burlar/contornar a fiscalização? Quais são os produtos mais comprados de cada lado, e o que leva os moradores de ambos os lados da fronteira a buscarem por esses produtos no país vizinho?

A hipótese que levantamos é de que as leis atuais, em vigor desde o início do século XXI até o ano de 2019, direcionadas para as áreas de fronteira não condizem com a realidade vivida, em especial, na fronteira que divide as cidades estudadas, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Escolhemos analisar a partir do século XXI, por se tratar do período mais recente da fronteira, e haver a possibilidade de presenciarmos o cotidiano fronteiriço para mais tarde compararmos as leis vigentes com o dia a dia vivido pela população.

Por se tratar de uma das fronteiras mais dinâmica da América do Sul em relação à circulação de pessoas e mercadorias, se torna praticamente impossível controlar o fluxo de pessoas, serviços e mercadorias que vai e vêm entre as duas cidades diariamente.

Foi possível constatar que os produtos que possuem o transporte e consumo controlados pelos governos brasileiro e paraguaio, são aqueles produzidos dentro do próprio país e/ou que chegam de fora, mas que recebem grandes taxas de impostos em cima, ou seja, os produtos controlados são, geralmente, aqueles que os governos e/ou as grandes empresas têm interesse.

Partindo dessa constatação, foi levantado a hipótese de que as leis têm como objetivo “proteger” os interesses de grandes empresas, que estão fora da fronteira. Interesses daqueles que compõem o que Milton Santos (2004) chamou de “circuito

---

<sup>3</sup> Caracteriza-se como a prática da importação ou exportação clandestina de mercadorias e bens de consumo que dependem de registro, análise ou autorização de órgão público competente; enquadra-se no Art. 334-A do código penal. Onde diz “Importar ou exportar mercadoria proibida: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos”.

<sup>4</sup> A atividade de descaminho definida como a entrada ou saída de produtos permitidos, mas sem passar pelos trâmites burocrático-tributários devidos. No Art. 334. “Iludir, no todo ou em parte, o pagamento de direito ou imposto devido pela entrada, pela saída ou pelo consumo de mercadoria: Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos”.

superior da economia urbana”; sendo assim, essas leis na maioria das vezes não condizem com os interesses dos moradores locais.

Os governos de dois países visam apenas à proteção da sua própria fronteira, sem proporcionar nenhum tipo de interação espacial entre as populações vizinhas que acontece de forma espontânea, e acredita-se que intensificada pelo comércio local.

Tais particularidades e desafios decorrem da sobreposição de leis e regras de nacionalidades diferentes e com objetivos concorrentes. Ou ainda, da ausência de leis específicas para os territórios fronteiriços de modo a minimizar ou mesmo resolver os problemas principalmente aqueles decorrentes das diferentes políticas econômicas e das diferentes possibilidades de fluxos (LAMBERTI, 2006, p. 79).

Conforme a autora, os desafios enfrentados pela população local são potencializados por interesses nacionais distintos e a ausência de leis específicas, para a região fronteiriça, condizendo com a hipótese que levantamos.

As leis existentes potencialmente, acarretam o aumento das atividades de contrabandos e descaminho entre a população local, pois esses sempre buscam alguma alternativa para obter os produtos que desejam.

Eliana Lamberti (2006) destaca que tanto o Brasil quanto o Paraguai não conseguem controlar o que entra e sai no território de fronteira, pois não legislam sobre a realidade da população.

Há chances de as leis prejudicarem o consumo entre os moradores locais, tornando o trânsito de mercadorias de um lado e de outro da fronteira mais complicado, pois na maioria dos casos os produtos adquiridos não serão revendidos em localidades distantes da tríplice fronteira.

Trata-se da busca por consumir produtos da moda, de qualidade e economizar através do câmbio e da forma de pagamento mais acessível no momento da compra. Ainda, conforme, Lamberti (2006):

A ausência de moeda ou preços únicos faz com que toda e qualquer alteração de paridade monetária altere e comprometa sensivelmente as relações comerciais caso não seja adotado algum tipo de reequilíbrio para compensar as variações cambiais (LAMBERTI, 2006, p. 22).

Essa ausência de preços únicos, a variação do câmbio e a qualidade do produto é o que impulsiona a movimentação de moradores locais de um lado ao outro da fronteira.

Essas pessoas se deslocam para outro lado da fronteira com o intuito de abastecer seus estabelecimentos locais, e/ou para consumo próprio, sendo que essa atividade ocorre com ambos os países.

O consumo desses produtos hora mais acessível no Brasil, hora no Paraguai, poderia acarretar a melhoria dos preços nos repasses dentro do país de origem do consumidor, isto é, comerciantes brasileiros poderiam comprar insumos básicos para seus comércios do lado paraguaio, o que reduziria o preço na hora de revenda e possibilitaria maior variedade de produtos à disposição da população, além do preço mais baixo, a mesma situação ocorria com comerciantes paraguaios em relação ao Brasil.

Este fato também exerceria pressão sobre os atores que compõe o circuito superior da economia para que baixassem seus preços, e consequentemente, sobre os governos para que fizessem o mesmo em relação aos impostos cobrados via consumo.

Vale mencionar que entre o grupo de consumidores fronteiriços que buscam os melhores preços de um lado ou de outro da fronteira, estão também imigrantes árabes e chineses que se instalaram na fronteira e que tem como a sua principal atividade econômica o comércio.

Devido ao grande número de imigrantes que se dedica a atividade comercial na fronteira, outra hipótese que levantamos é de que essas pessoas possam abastecer seus comércios com produtos adquiridos nos países vizinhos, principalmente a população árabe que é dona de restaurantes locais.

Por ter como objeto de estudo a comércio entre os moradores locais da fronteira entre Brasil e Paraguai, a Vila Portes aparece-nos como o principal local de consumo dos paraguaios.

Apesar de estar localizada em uma área considerada periférica do município de Foz do Iguaçu, isto é, afastada da área central, a Vila Portes foi escolhida por conta do fluxo de pessoas que circulam ali diariamente.

Trata-se de uma vila que surgiu com a construção da Ponte da Amizade, e se caracterizou com o comércio popular que visava atrair consumidores paraguaios devido a sua proximidade, é um bairro cortado pela BR-277.

Na busca por compreender quem era os paraguaios que consumiam nessa vila brasileira, encontramos a *Area 4*,<sup>5</sup> bairro periférico de Ciudad del Este que curiosamente

---

<sup>5</sup> Neste texto foi optado por manter os nomes em espanhol com intenção de preservar a identidade do lugar e da população.

por estar afastado da região central possui muitos *almacenes*, como são chamados esse tipo de estabelecimento pela população paraguaia que em sua maioria são abastecidos por produtos advindos da Vila Portes.

A *Area 4* encontra-se próxima a divisa de Ciudad del Este com o município de Presidente Franco. Muito perto dessa divisa foi instalado o primeiro hipermercado de ambos os municípios paraguaios, uma fraqueia do Super 6.

Alguns moradores da *Area 4* relataram preferir comprar produtos no novo hipermercado do que se deslocar até Foz do Iguaçu, por esse motivo buscamos comparar os preços de produtos semelhantes encontrados no Super 6 e nos mercados brasileiros.

Se tratando dos produtos adquiridos por brasileiros no Paraguai escolhemos analisar o centro comercial de Ciudad del Este, pois a maioria dos estabelecimentos frequentados pela população de Foz do Iguaçu encontra-se nesse local.

Acreditamos que este fato ocorre por conta da proximidade com ponte internacional que liga os municípios, e pela variedade de produtos e preços comercializados nessa área.

Por fim, a atividade comercial fronteiriça em ambos os lados se mostra tão forte e dinâmica que acreditamos que ela possibilite a aproximação das populações vizinhas intensificando as interações espaciais em ambos os lados da fronteira, mesmo que o preconceito em relação à população paraguaia ainda se faça presente.

O desenvolvimento deste trabalho ocorreu a partir de uma revisão bibliográfica, de documentos que dizem respeito às leis vigentes, leituras secundárias, como Rosana Pinheiro-Machado (2008); Rogério Haesbaert (1993); visitas a campo que foram elaboradas durante alguns meses do ano de 2017. Em julho do mesmo ano ocorreu à primeira visita a campo, com o intuito de observação, e nos familiarizar com o cotidiano da fronteira, a segunda visita a campo ocorreu entre março-abril de 2018, desta vez, foram estabelecidos diálogos com os moradores locais e empresários, visitamos as prefeituras municipais das duas cidades, mapeamos os comércios e fizemos o levantamento dos produtos.

A terceira visita ocorreu em maio de 2019, a fim de averiguar o que mudou nos preços, produtos e no comércio local no intervalo de um ano deste a última visita. Também foram realizadas consultas em acervos digitais referentes à temática de integração local-regional, fronteira e comércio.

Durante as visitas a campo optamos por mapear a Vila Portes, o centro comercial de Ciudad del Este e a *Area 4* rua por rua, observando as lojas, os consumidores, os moradores e os vendedores. Cabe destacar o papel dos vendedores como principal fonte de informação sobre os produtos comercializados e do mesmo modo durante os diálogos foi possível observar alguns aspectos da cultura local, como, modo de se expressar e interagir.

Percorrer rua por rua permitiu que fossem feitas anotações sobre quais produtos eram vendidos na maioria das lojas, o modo como eram realizadas as publicidades das lojas, a mudança dos modelos de estabelecimentos com passar dos anos, anotar todos os nomes das ruas, a proximidade de certos estabelecimentos, a abordagem feita pelos vendedores aos consumidores, os diálogos, observar a mudança na paisagem em poucas esquinas e a variação dos preços.

Esses momentos de trabalho de campo possibilitaram que fossem feitos registros fotográficos e gravações de áudio e vídeo; que estabelecêssemos contato, interações e até amizades com moradores fronteiriços.

A imagem presente na capa deste trabalho representa bem as interações que discutiremos mais adiante. Nela está presente uma Van de origem paraguaia estacionada em uma esquina da Vila Portes (Brasil) a espera de consumidores paraguaios que após terem realizados suas compras em algum comércio brasileiro queiram retornar as suas casa e/ou estabelecimentos comerciais, levando consigo suas mercadorias e necessitam, desta forma, de uma meio de transporte para atravessar a Ponte da Amizade.

Com auxílio do referencial teórico buscamos extrair elementos para compreender o comércio, a integração e o contrabando na tríplice fronteira, entre Foz do Iguaçu – BR, Ciudad del Este – PY e Puerto Iguazu – AR, e posteriormente focamos nos municípios fronteiriços entre Brasil e Paraguai.

Em um segundo momento, realizou-se a busca por informações a respeito da tríplice fronteira, comércio, descaminhos e alguns conceitos, como, fronteira e integração em sites: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores), Receita Federal Brasileira, consultas nos sites dos governos centrais e municipais de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, além de pesquisas em jornais da região de fronteira, como, Voz da Cidade, Click Foz do Iguaçu, Diario Vanguardia e ABC Color, entre 2017 a 2019, em busca de notícias sobre o cotidiano da tríplice fronteira, em especial, notícias sobre apreensões, comércio e violência.

Para interpretar e sistematizar os dados obtidos durante as consultas bibliográficas e os trabalhos de campo, foram produzidas tabelas com o auxílio de softwares, como o Excel, e mapas temáticos sobre a cartografia dos produtos, confeccionados no QGIS. O intuito foi auxiliar na compreensão da origem dos produtos.

Por fim, a partir do referencial teórico foi elaborada a redação do presente trabalho com os resultados obtidos.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos, além desta introdução e da conclusão.

No primeiro capítulo, intitulado “A Criação dos Municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, e o comércio fronteiriço local”, apresenta-se uma breve contextualização da criação desses municípios, com o objetivo de expor que mesmo sua relação com o comércio fronteiriço. O comércio na tríplice fronteira já se mostrava presente entre seus primeiros moradores; posteriormente, buscamos associar a atividade comercial com a intensificação das relações transfronteiriças entre a população local, e com o movimento de contrabando/descaminhos. Abordamos também a criação de leis protecionistas, com o intuito de relacioná-las com o descaminho na fronteira. Por último, apresentamos uma breve discussão dos conceitos utilizados como base teórica desta pesquisa.

O segundo capítulo “O Comércio Fronteiriço: Observações e vivências do trabalho de campo” analisamos o caso da Vila Portes, sua localização, seus mais diversos estabelecimentos, os diálogos informais que foram realizados com alguns proprietários e vendedores dos estabelecimentos comerciais; quais produtos são os mais procurados por paraguaios, onde são produzidos, as moedas que circulam por esse comércio; o perfil dos compradores, como funciona o transporte dessas mercadorias até o Paraguai, como funciona a fiscalização na aduana paraguaia; a opinião da prefeitura de Ciudad del Este; são enviados esses produtos ao entrar em território paraguaio e apresentamos tabelas com as comparações dos preços de alguns mercadorias no Brasil e no Paraguai.

No segundo subtítulo: “Almacenes Paraguaios” e sua relação com o comércio na Vila Portes. Falamos a respeito do *almacenes* paraguaios que é um dos destinos das mercadorias compradas por paraguaios em Foz do Iguaçu, relatamos um pouco sobre os aspectos e o funcionamento desses comércios. Também foi abordado a questão do

transporte das mercadorias até o bairro *Area 4*, onde estão localizados os *almacenes*, os descaminhos e a relação dos comerciantes com os consumidores.

No terceiro “O lado paraguaio da fronteira e os consumidores de Foz do Iguaçu: O centro comercial de Ciudad del Este”. Fizemos um mapeamento das principais ruas do centro comercial de Ciudad del Este, expondo quais produtos são os mais procurados por brasileiros; os *Shoppings* e as Galerias; buscamos expor a diversidade de produtos comercializados e traçar um perfil para saber quem são os principais consumidores vindos de Foz do Iguaçu; além de diálogos com vendedores brasileiros e paraguaios, e moradores do município brasileiros. Tentamos expor alguns descaminhos praticados pela população local ao trazer produtos para o Brasil e o papel dos cambistas. Por último, tenta-se exemplificar que um comércio não faz concorrência ao outro, eles se complementam, dinamizando a fronteira.

No quarto, e último, subtítulo desse capítulo, “A visita à prefeitura municipal de Foz do Iguaçu” conta com informações que obtivemos durante a conversar com o chefe de gabinete da prefeitura, com o objetivo de expor quais medidas a prefeitura tomou ou pensa em tomar a respeito do comércio fronteiriço, e se existem interações entre os governos municipais da fronteira.

O terceiro capítulo tem como discussão central as redes identificadas na fronteira, e as interações espaciais que surgiram e se mantiveram presentes por anos através do comércio local. Busca-se discutir como o comércio fortalece essas redes e as mesmas se sobressaem às leis que buscam barrar a circulação.

Também busca-se comentar cada uma das redes fronteiriças dando exemplos de como foram identificadas cada e de como elas acontecem na fronteira.

Por fim, apresentamos as considerações finais a respeito da pesquisa desenvolvida, concluindo, que há um déficit de leis específicas direcionadas a realidade fronteiriça, e até mesmo ausência de políticas públicas relacionadas às necessidades da população local em relação ao comércio para diminuir o risco que essas pessoas correm de perderem seus dinheiros, terem suas mercadorias apreendidas e em último caso, serem detidos pela polícia.

Sendo assim, possibilitando que a população local consiga consumir os produtos que desejam e necessitam sem maiores problemas, sem correr riscos de perder o dinheiro investido ou em situações mais extremas serem detidos.

Pois, as cotas estabelecidas pelos dois países não evitam a entrada de produtos acima do limite estabelecido, muito menos a proibição acarreta a diminuição da compra

dos mesmos. Acreditamos que haja na fronteira o costume e o mito de que as mercadorias produzidas no Brasil sejam de boa qualidade e as produzidas e/ou comercializadas no Paraguai sejam de baixa qualidade.

Isso faz com que moradores paraguaios venham comprar do outro lado da fronteira, assim como oferecer garantias no Brasil de certa confiança aos consumidores brasileiros que realizam suas compras no Paraguai.

## **II A CRIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE FOZ DO IGUAÇU, CIUDAD DEL ESTE E O COMÉRCIO LOCAL**

Neste capítulo buscou-se apresentar a relação entre a criação das cidades, Ciudad del Este e Foz do Iguaçu com o comércio local, bem como, a formação da maior fronteira da América do sul.

Com o intuito de contextualizar o nascimento do comércio fronteiriço, as trocas de mercadorias entre os moradores locais que já eram frequentes na fronteira mesmo antes da fundação de ambos os municípios, a intensificação da relação entre as populações dos dois países, e também com a Argentina que é o terceiro país a compor a tríplice fronteira.

Ao longo do texto reconstruímos o contexto histórico e geográfico a respeito da questão do descaminho na fronteira, que se mostra extremamente enraizado com o crescimento das cidades, com o surgimento da atividade comercial, que se caracterizou pelas necessidades por parte dos primeiros moradores da fronteira, e que se intensificou a partir da proposta de desenvolvimento das regiões de fronteira do Paraguai, e que hoje em dia compõe o projeto de suposta abertura das fronteiras do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul<sup>6</sup>).

Porém, não podemos esquecer que a atividade comercial, assim como, a de descaminho compõe a história de vida dos moradores locais, principalmente os mais antigos, para eles tratando-se de produtos que serão destinados à própria fronteira, e que não contribuem com o crime organizado, a atividade do contrabando não é vista como algo irregular.

Abordamos uma das hipóteses levantadas nessa pesquisa: a de que as leis institucionais implementadas para a região fronteiriça, além de não condizer com a realidade vivida por sua população, agrava a atividade de contrabando/descaminho na fronteira, dos próprios moradores da região que buscam facilidades na hora de realizar suas compras pessoais, e para seus estabelecimentos buscando muitas vezes produtos nos comércios dos países vizinhos ao seu.

---

<sup>6</sup> O Mercado Comum do Sul (Mercosul) foi criado em 1991, cujo objetivo era integrar os países membros - na época Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai - por meio da livre circulação de bens e serviços, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum, da adoção de uma política comercial comum, além da coordenação de políticas macroeconômicas e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes. (<https://economia.ig.com.br/2016-07-01/mercosul-paises-objetivos-economia.html>) Acesso em: 3 de maio de 2019.

Apresentamos aspectos do comércio fronteiriço desde o início do século XXI até meados do ano de 2019 para caracterizar o recorte temporal da pesquisa, e deste modo, ser possível expor no capítulo seguinte os dados coletados durante o campo.

A respeito do trabalho de campo, em um primeiro momento este foi realizado com o objetivo de observar, onde buscamos nos familiarizar com o dia a dia na fronteira, compreender o máximo possível a dinâmica local, como funcionava o sistema de transporte público e privado dentro de Foz do Iguaçu e internacionalmente, interligando o município brasileiro aos países vizinhos (Argentina e Paraguai), o sistema de táxis, vans e Uber que cruzavam a fronteira com passageiros e mercadorias, tanto o brasileiro, quanto paraguaio.

Observamos as pessoas que cruzavam a fronteira caminhando rapidamente para economizar tempo, pois as filas de automóveis eram enormes, principalmente, aos sábados e as terças-feiras (dias de mais movimento), e como se davam às abordagens feitas pela Receita Federal, quais perfis de pessoas eram mais comumente abordados e como elas estavam se deslocando.

A segunda visita a campo ocorreu entre março-abril de 2018, onde foram feitas observações, atravessamos a Ponte da Amizade algumas vezes, e procuramos fazê-lo utilizando os mesmos meios de transportes que a população local, hora, andando, hora de ônibus, de moto-táxi e de táxi, estabelecíamos diálogos com os moradores locais, comerciantes que possuíam estabelecimentos na fronteira e outros que atuavam via lojinhas virtuais, além de vendedores, ambulantes e pessoas que faziam propaganda das lojas pelas ruas.

Também foi mapeado as principais lojas frequentadas por paraguaios na Vila Portes em Foz do Iguaçu, os Hipermercados, o centro e as principais lojas em Ciudad del Este, e também os Shoppings do lado brasileiro que recebem frequentemente consumidores estrangeiros, dentre eles, paraguaios.

Uma terceira visita, em maio de 2019, se fez necessária pela variação do câmbio, eleições no Brasil e para confirmar se houveram mudanças nos preços, se tiveram alteração na circulação de paraguaios e brasileiros pela fronteira com a crescente do dólar e para verificar se lojas fecharam as portas, isto é, observar o cotidiano fronteiriço após algumas mudanças no período de um ano (2018-2019).

Por fim, há uma rápida discussão a respeito do contexto fronteiriço, os limites, dificuldades enfrentadas pela população que trabalha no transporte de mercadorias e os

consumidores locais de ambos os lados da fronteira, que são o principal foco de análise deste trabalho, bem como, as semelhanças entre as populações.

Além de argumentarmos a respeito das normas estabelecidas pelos governos, principalmente, o governo brasileiro, que como já destacado, acreditamos ser equivocadas e limitadoras da livre circulação local.

Durante todo este capítulo fizemos uso dos conceitos geográficos escolhidos para dar base teórica à pesquisa, são eles: território, rede, fronteira e integração, pela visão de alguns autores, como, Haesbaert (2009), Santos (2004; 2006), Albuquerque (2010), Raffestin (1993), Dorfman (2008; 2009), Rabossi (2004) e Lamberti (2006).

## **II.I A relação entre o município de Foz do Iguaçu com o comércio fronteiriço**

O município hoje conhecido como Foz do Iguaçu, surgiu primeiramente como uma Colônia Militar, em 1889, ao Oeste do estado do Paraná, com a chegada da expedição liderada pelo Engenheiro e Tenente José Joaquim Firmino. A população da então colônia girava em torno de 324 pessoas.

O primeiro acampamento foi montado às margens do rio Monjolo, justamente onde hoje está o centro da cidade de Foz do Iguaçu, no ponto mais baixo da avenida Brasil.

Na mesma época do lado argentino também houve um movimento de ocupação quase que simultâneo com o brasileiro, logo após o fim da Guerra da Tríplice Aliança. Segundo Arthur Amaral (2008) o intuito era “estabelecer postos avançados que permitissem a ambos os países atuar sobre a confluência dos rios Paraná e Iguaçu” (AMARAL, 2008, p. 9).

O principal objetivo de estabelecer uma colônia naquela região era de consolidar os limites, fixar a fronteira e ampliar o domínio territorial brasileiro, de acordo com, Ruy Christovam Wachowicz (1982), a criação dessa colônia foi uma iniciativa do governo brasileiro para retomar o controle do território nacional, até então dominado por argentinos e paraguaios. Houve uma tentativa por parte do governo brasileiro de incorporar e envolver esta região nas malhas do desenvolvimento econômico brasileiro.

Adriana Dorfman (2009) salienta que as cidades de fronteira no sul do Brasil eram em grande parte originadas de acampamentos militares, o que explicita o desejo do governo brasileiro em interditar os contatos transfronteiriços desde aquele período.

Desde o início os primeiros habitantes da colônia de Foz do Iguaçu não cumpriram apenas com o que fora designado a elas, visto que o governo brasileiro havia doado terras a essas pessoas para que desenvolvessem a atividade agrícola, como exposto no trecho abaixo:

Em 1889 foi fundada a Colônia Militar na fronteira, que tinha competência para distribuir terrenos a colonos interessados, marcando a ocupação efetiva desse lugar por brasileiros, pois o território era ocupado e explorado por argentinos e paraguaios a serviço dos ingleses, que se dedicavam à extração da erva-mate e da madeira, exportadas via Rio Paraná (FIGUEIREDO et. al., 2015, p. 5).

Segundo Aparecida de Souza (2009) no período da Colônia Militar os moradores brasileiros da região se dedicavam a atividades que abasteciam a economia da Argentina na época, pois, o país platino era a grande influência na região.

Essas atividades eram basicamente a extração da erva-mate e o desmatamento de madeira, visto nesse período como algo ligado ao avanço da civilização. A extração de madeira de propriedades brasileiras era considerada uma atividade ilegal naquela época, porém a madeira era transportada até o lado argentino da fronteira para ser comercializada.

Ainda, conforme Souza (2009) essa atividade ilegal aconteceu devido ao isolamento da colônia em relação às demais partes do Brasil; a colônia encontrava-se a mais de 600 km da capital do estado do Paraná, Curitiba, e a cidade brasileira mais próxima era Guarapuava, localizada a quase 400 km de distância em estrada de terra.

Era mais viável na época se relacionar com os países vizinhos, principalmente a Argentina, do que com outros municípios brasileiros.

A proximidade com os países vizinhos já nos primeiros anos de formação da colônia podia ser percebida também pelo fato de que a principal língua falada na região era o espanhol, e o dinheiro que mais circulava era o peso argentino, inclusive em território brasileiro, acredita-se que isso acontecia devido ao fato da Argentina exercer o papel de país mais desenvolvido na época, até os primeiros anos da década de 1900.

Segundo Souza (2009) somente os funcionários públicos na colônia falavam português. A própria população com nacionalidade brasileira era pequena comparada às outras nacionalidades, havia portugueses, espanhóis e até mesmo ingleses e franceses. Pode-se observar desde o início que o município de Foz do Iguaçu possuía imigrantes de várias partes do mundo.

O comércio fronteiriço considerado ilegal na época era algo muito comum na região sul do Brasil e até no estado do Mato Grosso<sup>7</sup>, hoje Mato Grosso do Sul, o que conseqüentemente acaba por relacionar a fronteira com a ilegalidade, e é o que Wachowicz (1982) traz e reafirma em seu texto, quando diz que a vida das cidades de fronteira, especialmente a vida econômica, encontra-se ligada diretamente a atividades ilegais.

Deve-se ressaltar que não era apenas a exportação ilegal de erva-mate e madeira que acontecia na fronteira entre Foz do Iguaçu e a Argentina, mas também a chegada de mercadorias trazidas do país platino por comerciantes para revenda em território brasileiro.

Tratava-se de produtos, como, roupas, bebidas, alimentos e móveis. De acordo com Souza (2009) não havia fiscalização sobre os produtos que eram transportados pela fronteira no final do século XIX e início do século XX. Argentina continuou líder das atividades comerciais fronteiriças mesmo após a criação da colônia brasileira.

Esse comércio ocorria devido à praticidade de se relacionar com o país vizinho, coisa que não acontecia entre a população de Foz do Iguaçu com as demais cidades brasileiras como já mencionado anteriormente.

Wachowicz (1982) destaca em seu texto que a chegada de mercadorias da Argentina era considerada contrabandeada, porque já era cobrada uma taxa de importação quando os produtos chegavam aos portos brasileiros.

A partir disso acredita-se que não havia fiscalização suficiente ou quase nenhuma, pois essa taxa era cobrada em cima de pouquíssimos produtos, como Wachowicz exemplifica:

O comércio do lado brasileiro passou a ser considerado uma simples extensão ou ampliação do comércio desenvolvido pelos argentinos na região fronteiriça. Mesmo, após a instalação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, todo o abastecimento da região continuou sendo feito pela Argentina. [...] Grande parte deste comércio de importação era feito por contrabando. Poucas eram as mercadorias que pagavam em Foz do Iguaçu, o imposto de importação (WACHOWICZ, 1982, p. 131-132).

Conforme afirma Souza (2009) naquela época já havia sinais visíveis de que Foz do Iguaçu se encontrava alicerçada no contrabando, se analisarmos no que a economia local era baseada e as atividades que eram desenvolvidas pelos moradores.

---

<sup>7</sup> O estado do Mato Grosso teve sua parte sul desmembrada oficialmente em 1977, porém o Mato Grosso do Sul foi declarado como estado apenas em 1978, de acordo com Bittar (2017).

O contrabando é frequentemente explicado, nos estudos de dinâmicas fronteiriças, como o resultado de uma inadequação das leis nacionais direcionadas a fronteira. Conforme Dorfman (2009) não seria possível contrabandear se não houvesse uma fronteira, e tentar controlar a fronteira facilita esse tipo atividade.

Segundo a autora, contrabandear representa um trabalho que implica no “desrespeito a algumas regras vigentes nos limites estatais, a partir de um conhecimento do lugar, das práticas possíveis e legítimas nele” (DORFMAN, 2009, p.81).

O fato de conhecer muito bem o lugar facilita a entrada de moradores da fronteira na atividade de contrabando.

Em algumas passagens do texto de Souza (2009), foi possível observar através das entrevistas expostas pela autora que havia grande facilidade em comprar produtos alimentícios e vestuários em Puerto Iguazú – AR, pois não havia nenhuma limitação imposta sobre a circulação de pessoas e produtos no final do século XIX e início do século XX.

Foz do Iguaçu foi fundada enquanto município em 1914, e logo nas primeiras décadas de existência os avanços do município foram penosos, lentos e pequenos. Segundo Fernando Borges; Talana Maria; Giuliano Derrosso (2015, p. 128), “a região era pouco habitada, a cidade era servida por um porto que não passava de uma simples rampa em local de difícil atracação”.

A situação de Foz do Iguaçu alcançou alguma melhora a partir da Revolução de 1930, no sentido de sua maior inserção econômica, política e social no Paraná. Neste período, foram chegando os primeiros agricultores do Rio Grande do Sul, dando início a uma nova fase de ocupação, com a fundação de novas cidades e com a instalação da agricultura na região do extremo oeste paranaense e consequente expansão da fronteira (MARTINS; RUSCHAMM, 2010, p. 12)

Até as melhorias aconteceram o município dependia das mercadorias vindas da Argentina, pois a comunicação com os demais municípios brasileiros era muito difícil como exposto anteriormente.

Os habitantes de Foz do Iguaçu passam a fazer uso do contrabando para adquirir mercadorias a partir do momento em que surgiram alguns empecilhos em relação ao consumo no país vizinho.

Principalmente quando os produtos que eles estavam acostumados a consumir livremente passaram a ser taxado, isso encareceram o custo de vida na cidade brasileira que dependia da vinda dessas mercadorias que não eram encontradas em Foz do Iguaçu.

Antes de haver leis que regulassem a fronteira, Souza (2009) destaca que havia relação de trocas de produtos que só eram encontrados em território brasileiro com produtos argentinos por famílias de baixa renda que buscavam complementar sua alimentação e de seus antes queridos.

Trocavam-se mercadorias básicas, como laranjas brasileiras por maçãs argentinas, algumas pessoas buscavam esses produtos que faltava em território brasileiro na Argentina com a intenção de revenda.

Souza (2009) destaca que o aumento no preço das mercadorias trazidas de fora, fez com que a uma moradora fronteira buscase alternativas para o transporte, como, por exemplo, o contrabando, pois ela dependia da ligação com o exterior para sobreviver.

Quando a fundação da colônia instituiu o controle do comércio, na fronteira, tornou ilegal a forma de reprodução da economia local. Além de inviabilizar o intercâmbio de gêneros alimentícios e bens manufaturados, tal controle dificultou, também, a venda de madeira e erva mate, que garantia o fluxo monetário e a compra de mercadorias trazidas da Argentina. [...] Somente por meio do contrabando, ou seja, da compra de produtos estrangeiros sem pagamento de taxa de importação, era possível abastecer a população que vivia nos limites da colônia (SOUZA, 2009, p. 161).

Praticamente na mesma época, em 1960, o contingente populacional da fronteira começou a crescer, devido ao recém-criado município paraguaio, que futuramente seria conhecido como, Ciudad del Este.

Nesse momento o governo brasileiro começa a traçar uma aproximação com o país vizinho que antes não receberá tanta atenção, o Paraguai, isso ocorreu principalmente durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) e nos anos da ditadura militar (1964-1985).

Conforme Lindomar Albuquerque (2010) ao decorrer desses anos foram formulados e concretizados os principais projetos de integração física e econômica entre os dois países.

[...] a rodovia ligando Assunção às principais cidades e portos brasileiros, a concessão de uma área para exportação e importação dos produtos paraguaios no Porto de Paranaguá (1956), a Ponte da Amizade (1965) e a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1975-82). (ALBUQUERQUE, 2010, p. 62).

Em 1965, segundo Araújo (2011) foi a período em que se desenvolveu em Foz do Iguaçu a região onde está localizada a Vila Portes que estudaremos mais adiante.

A região se desenvolveu graças à construção da Ponte da Amizade. Essa região se configurou logo nos primeiros anos como uma zona de exportação do Brasil para o Paraguai.

Já na década de 1970 a fiscalização se dinamizou sobre a entrada de produtos estrangeiros em ambos os lados da fronteira Argentina-Brasil se intensificou, principalmente do lado platino; muitos autores acreditam que este fato relacionado à construção da Itaipu Binacional (1975-1982).

O Brasil fechou o acordo de construção da hidrelétrica com o Paraguai. Porém a Argentina também possuía interesses energéticos e chegou a apresentar dois projetos de hidrelétricas ao Paraguai que foram rejeitadas. Este fato segundo Luiz Moniz Bandeira (2003) acirrou ainda mais a postura defensiva da Argentina em relação ao Brasil.

Souza faz menção a esse momento quando afirma que:

A contrariedade argentina foi manifestada, no endurecimento das fronteiras, o que aconteceu, também, por parte do Brasil. Isto tornou difícil para os citados trabalhadores a continuidade dessas atividades. Aquela que era uma forma livre de sobreviver foi sendo criminalizada. (SOUZA, 2009, p. 167).

Como já mencionado brevemente, havia brasileiros que iam até a Argentina, e argentinos que vinham até o Brasil para adquirir produtos para o seu próprio consumo. Entretanto, havia aquelas pessoas que trabalhavam buscando mercadorias para revender em Foz do Iguaçu e vice-versa.

Outros tantos que ganhavam a vida transportando essas mercadorias e/ou consumidores de um lado ao outro do rio Paraná, pois não existia outro modo de se chegar ao país vizinho se não fosse pelo rio.

Souza (2009) aponta que enquanto a compra de mercadorias era feita em pequenas quantidades a fiscalização era pouca ou quase não existia. Porém quando a essa atividade passou a ser realizada em grandes quantidades com intenção de revenda, ela foi caracterizada como contrabando.

A autora ainda destaca que apesar da proibição, trabalhar no transporte mercadorias ainda atraía muita gente, pois era mais rentável do que um formal na cidade.

Acredita-se que o trabalho informal, por vezes, ilegal no transporte de mercadorias, além de ser um complemento para a renda familiar de muitas pessoas também servia como solução para o desemprego da época.

Esse tipo de atividade possibilitava que as pessoas trabalhassem por conta própria sem nenhum patrão, isto é, ela mesma fazia os seus horários e escolhia quais os dias que iria trabalhar, fugindo da rotina de um trabalhador comum.

Souza (2009) afirmou que a atividade de contrabando foi vivida sem culpa pelos trabalhadores, pois para eles era como estar realizando uma atividade legítima e justa, uma estratégia de trabalho legítimo.

A prática comercial era considerada algo comum pela população local, até ser transformada em crime pela ação repressiva do Estado argentino e brasileiro que buscavam “fechar” suas fronteiras com a justificativa de estar protegendo o seu território nacional. Essa decisão se deu sem levar em consideração a modo de vida fronteiriço.

Neste contexto podemos pensar a situação da fronteira e dos moradores dessas localidades, em relação à criminalização de práticas que para eles, muitas vezes, eram e/ou são vistas como algo que faz parte do seu cotidiano.

A partir da imposição dessas fiscalizações, percebemos a presença do limite demarcando a fronteira. Claude Raffestin (1993) salienta que o Estado ao impor limites incide diretamente no viver fronteiriço, pois eles são vividos pela população local.

Essa constatação de Raffestin se torna muito perceptiva ao ver que os moradores locais buscam alternativas para dar continuidade às práticas comerciais que antes eram comuns, e que de uma hora para outra se tornaram ilegais.

Sobre isso Albuquerque (2010, p. 51) traz que a “aparente fixidez dos limites políticos dos Estados nacionais entra em contradição com a mobilidade das populações”.

De acordo com Raffestin (1993) a região fronteiriça apresenta a tensão entre os limites e atravessamentos, tanto de projetos territoriais estatais antagônicos, quanto da contestação local, marginal, desses mesmos discursos, isto é, a fronteira nada mais é, do que um ponto do território que concentra o poder político e cultural.

Uma definição mais específica vem de Albuquerque (2010) quando afirma que, “as fronteiras nacionais são fenômenos bem mais complexos, não se resumem a limites, divisas, tratados diplomáticos, nem podem ser simplificados como o lugar do narcotráfico e do contrabando” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 42).

A partir do momento em que “limites” foram impostos para a população fronteiriça em forma de fiscalização, muitos trabalhadores deixaram de exercer suas

atividades relacionadas ao transporte de mercadorias, segundo Souza (2009), essa desistência foi ocasionada por medo de ser preso pela polícia brasileira ou argentina.

A construção da usina hidrelétrica de Itaipu, acordo este firmado entre os governos brasileiro e paraguaio, é o grande marco na aproximação dos dois países, e para o crescimento dos municípios fronteiriços.

Com o início das obras muitas pessoas de fora se deslocaram até a região fronteiriça em busca de trabalho. Os moradores locais que trabalhavam antes no transporte de mercadorias entre Argentina-Brasil viram na hidrelétrica uma oportunidade de trabalho, já que a fiscalização estava cada vez mais intensa na fronteira.

Com a demanda crescente por moradias e infraestruturas, os habitantes de Foz do Iguaçu viram o custo de vida aumentar, e a cidade crescer rapidamente. Muitas áreas que antes eram rurais viraram loteamentos, como Souza (2009) exemplifica:

Entre os anos de 1974 e 1982, o poder público municipal de Foz do Iguaçu aprovou a abertura de, aproximadamente, 79 loteamentos urbanos. Antigas áreas rurais, como Rincão São Francisco, Jardim São Paul, Porto Meira e Três Lagoas, foram, rapidamente, ocupadas por habitações populares. Nesse período, a vida, na cidade, mudou drasticamente. (SOUZA, 2009, p. 180).

Em 1974, o comércio fronteiriço com a cidade paraguaia, até então, denominada de Puerto Presidente Stroessner, começou a se intensificar. Muitos comerciantes brasileiros viram ali a oportunidade de comprar produtos no país vizinho para revender no Brasil.

Nessa mesma época o governo paraguaio já havia suspenso algumas taxas de importação fazendo com que determinados produtos pudessem ser vendidos a menor preço, chamando a atenção dos consumidores.

Outro fator que vale a pena ser destacado, é que Foz do Iguaçu, principalmente após a inauguração da Hidroelétrica de Itaipu e do Parque Nacional do Iguaçu<sup>8</sup> passou a ter sua economia baseada no turismo, primeiramente no turismo ecológico e depois o de compras.

O fluxo na fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este foi aumentando com, e, a partir da década de 1980, segundo Borges; Maria; Derrosso (2015) percebeu-se um crescimento na importância das transações entre Brasil e Paraguai, principalmente entre os municípios fronteiriços em questão.

---

<sup>8</sup> O Parque Nacional do Iguaçu foi criado no ano de 1939, a partir do Decreto N 1.035, abriga o maior remanescente de floresta Atlântica (estacional semidecídua) da região sul do Brasil;

Sobre a década de 1990, Marcelo Frare (2017) afirma que à Vila Portes viveu o seu auge, pois se tratava de um momento de abertura da fronteira devido à criação do MERCOSUL. Segundo o autor nesse período “a dinâmica econômica era intensa e em grande escala”, ou seja, o bairro se encontrava imerso em uma variedade de estabelecimentos, como, lojas de roupa e tecidos (entre elas várias casas de roupas usadas), exportadoras de produtos alimentícios, produtos agropecuários, hortifrutigranjeiros, máquinas agrícolas e industriais, além de um grande número de hotéis para receber pessoas de fora que vinham comprar no Paraguai.

Essas pessoas de outras regiões do Brasil passaram a se deslocar até Foz do Iguaçu para realizar a travessia pela Ponte da Amizade<sup>9</sup> e fazer compras no Paraguai.

Após as compras retornavam a Foz do Iguaçu, muitas ficam na Vila Portes para passar a noite e no outro dia se deslocavam para as suas cidades de origem, chegando lá revendiam os produtos trazidos do Paraguai.

O deslocamento de grande número de pessoas até Foz do Iguaçu passou a movimentar a economia da cidade e o turismo de compras começa a ganhar importância.

Rosana Pinheiro-Machado (2004) destaca em seu texto minuciosamente como esse processo ocorra durante o final da década de 1990, e início dos anos 2000, onde camelôs de alguns estados brasileiros, como São Paulo e Rio Grande do Sul se deslocavam até Ciudad del Este para realizar compras e depois retornavam para suas casas.

Ao analisarmos essa situação de deslocamento de pessoas de outras regiões do Brasil para a tríplice fronteira com o objetivo de adquirir produtos para revender em seus estabelecidos comerciais. Produtos esses que também não são fabricados na fronteira, vinham de outras localidades para serem comercializados ali, alguns têm origem do próprio Brasil, já outros eram remanescentes de países da Ásia, como China e Tailândia.

Esses produtos são adquiridos na fronteira e levamos para serem revendidos ou exportados via correios em um terceiro momento para outras regiões do Brasil, isto nos levou refletir sobre o que Rogério Haesbaert (2009), chama de território-rede.

De acordo com Haesbaert (2009), a realidade vivida atualmente envolve interseção entre os dois conceitos, para ele, a rede faz parte da construção do território.

---

<sup>9</sup> Construída entre os anos de 1950 e 1960.

Ainda salienta que as redes são ao mesmo tempo desterritorializadoras e territorializadoras.

[...] redes mais extrovertidas que, através de seus fluxos, ignoram ou destroem fronteiras e territórios (sendo, portanto, desterritorializadoras), e de outras que, por seu caráter mais introvertido, acabam estruturando novos territórios, fortalecendo processos dentro dos limites de suas fronteiras (sendo, portanto, territorializadoras). (HAESBAERT, 2009, p. 123).

Podemos pensar que esse modelo de rede destacado por Haesbaert (2009) ocorre no âmbito do comércio, a partir do vai e vem de mercadorias e de pessoas, que se desterritorializam e se territorializam pelo consumo.

Nesses territórios as pessoas se deslocam, assim como, os produtos que saem de um lugar, são vendidos em outro e revendidos em um terceiro, relação essa, presente no comércio fronteiro até nos dias atuais, e que abordaremos melhor, mais adiante.

Haesbaert (2009) ainda frisa que as redes vistas como componentes dos territórios, podem estar a serviço tanto de processos sociais que estruturam, quanto de processos que desestruturam territórios.

Sobre o transporte de mercadorias Pinheiro-Machado (2004), menciona em alguns momentos de seu texto, no início dos anos 2000, o grande perigo que era realizar a travessia Brasil – Paraguai sob a Ponte da Amizade, devido fiscalização acirrada que acontecia ali.

Miguel Ribeiro (2002) também menciona o momento de tensão que é fazer a travessia pela fronteira quando diz que:

Hoje em dia, este tipo de turismo (turismo de compras) teve uma qualificação, através do controle aduaneiro feito pela Receita Federal Brasileira, onde a fiscalização não permite a passagem de contrabando, Foz do Iguaçu ainda está se adaptando a essa nova forma de sentir o “turismo de compras” (RIBEIRO, 2002, p. 17).

Além do risco de se perder todo o dinheiro e toda a mercadoria comprada, havia o grande risco de permanecerem detidos ao passar pela ponte que liga os dois países (Brasil e Paraguai) dependendo da quantidade e o tipo de mercadoria que se estava transportando.

Nesta época, início do século XXI, o que era mais comum adquirir-se no Paraguai, eram aparelhos para reproduzir CD's e DVD's, cigarros, CD'S e DVD's e brinquedos.

Pinheiro-Machado (2004) destaca que no ano de 2003, houve a maior fiscalização na fronteira do início do século XXI, onde vários dos camelôs estudados por ela chegaram a desistir de realizar suas compras para revenda durante o período natalino por medo de serem presos ou perderem sua mercadoria.

No final de novembro de 2003, o Governo Federal, em medida contra o comércio de contrabando na época de Natal, decretou ações radicais de controle e fiscalização na fronteira. Uma delas foi multar em vinte mil reais todos os ônibus que portassem contrabando. Naquela semana, espalhou-se um clima de histeria entre os sacoleiros. Como se fosse “O fim”. Praticamente todas as excursões brasileiras foram canceladas e fiscalização na fronteira aconteceu em forma de “peneira”: não passava nada por lá, os agentes da Polícia Rodoviária Federal paravam veículo a veículo (PINHEIRO-MACHADO, 2004, p. 26).

Essa fiscalização como já mencionada passou a se intensificar na tríplice fronteira desde a indisposição entre Brasil – Argentina com a construção da Hidrelétrica de Itaipu, e posteriormente, com o crescente comércio na fronteira entre Brasil – Paraguai, na década de 1990, e está presente até os dias atuais.

Hora de maneira mais “branda”, hora de maneira mais radical, os governos federais de ambos os lados encontraram na fiscalização uma forma de proteger seus produtos em detrimento da facilidade em se consumir no país vizinho.

Embora a cota estabelecida pelo Brasil em relação ao consumo no país vizinho seja a maior da América Latina (300 dólares), os consumidores e comerciantes paraguaios são a favor do aumento desse valor.

Já o governo paraguaio não estabelece um limite em valor do quanto se pode consumir, mas torna ilegal a entrada de determinados produtos alimentícios em grandes quantidades vindos do Brasil.

Nesse ponto podemos notar a presença contundente da fronteira, que apesar de se tratar de dois países vizinhos, membros do mesmo bloco econômico, o MERCOSUL, e de possuíram populações com características muito semelhantes, ainda se preocupam em dificultar os deslocamentos, de um lado a outro da fronteira.

Foz do Iguaçu, segundo os dados do IBGE de 2015 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) possui uma população de aproximadamente, 256.088 mil habitantes.

O município vive majoritariamente da economia do turismo, seja ele de compra ou ecológico. Segundo o jornal local, Click Foz do Iguaçu (2018)<sup>10</sup>, a cidade é um dos destinos mais procurados por turistas no país<sup>11</sup>. Além de possuir um aeroporto internacional de fronteira e uma grande infraestrutura hoteleira.

Pinheiro-Machado (2004) menciona certa reunião de sacoleiros em que participara em 2002, em um hotel em Foz do Iguaçu: “fomos a uma festa, Chico já saiu de casa embriagado. Tratava-se de uma reunião de sacoleiros na piscina de um hotel em Foz”. (PINHEIRO-MACHADO, 2004, p. 28).

Nota-se que alguns dos hotéis em Foz do Iguaçu são utilizados como locais de hospedagem e de armazenagem de mercadorias vindas do Paraguai que serão levadas para outras regiões do Brasil pelos sacoleiros.

Este fato nos conecta ao que suspeita Dreyfus (2007), a afirmar que relação com o setor informal da economia de Ciudad del Este ajuda a manter o alto padrão do município brasileiro, seus empregos formais e dinamiza sua economia, ou seja, as atividades formais na fronteira dependem das informais para sobreviver, ao menos, grande parte delas.

O dinheiro ilegal se dilui no cotidiano e se torna importante propulsor de uma cadeia de atividades. Direta ou indiretamente gera ocupações que promovem a circulação monetária e, como consequência, a demanda por mercadorias e serviços dinamizando as relações comerciais (LAMBERTI, 2006, p. 64).

Sobre isso Eric Cardin (2012) diz que, “a operacionalidade dos diferentes ramos econômicos de Foz do Iguaçu – Brasil e Ciudad del Este – Paraguai é intimamente vinculada às atividades informais, ilegais e precárias”.

É importante mencionarmos que no caso fronteiriço, mesmo os trabalhos considerados formais, regularizados, são muitas vezes precarizados e pagam mal. Um dos motivos pelo qual brasileiros preferem trabalhar no Paraguai ao invés de trabalhar em seu próprio país.

[...] os empregos regularizados existentes no ramo, como os desempenhados por porteiros, carregadores de bagagem, cozinheiros, zeladores e camareiras, segundo dados do Ministério do Trabalho do Brasil, correspondem às atividades que mais absorvem mão-de-obra na fronteira, mas que, por outro lado, são aqueles que pior pagam e que menos exigem qualificação técnica (CARDIN, 2012, p.213).

---

<sup>10</sup> Link com a matéria: <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/foz-do-iguacu-e-um-dos-destinos-mais-procurados-no-brasil/> - Acesso em: 22 de Setembro de 2018.

<sup>11</sup> Número total de visitantes no ano de 2017, segundo a prefeitura municipal de Foz do Iguaçu – PR: <http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=103469> – Acesso em: 17 de maio de 2019.

Em Foz do Iguaçu, muitos dos cargos que exigem menos qualificação profissional, e em alguns casos classificados como subempregos são ocupados por trabalhadores paraguaios.

Na sua maioria por mulheres que optam por cruzar todos os dias a ponte em busca de melhores salários para sustentar suas famílias e filhos.

As mais jovens que falam melhor o português e o espanhol costumam conseguir emprego em lojas como vendedoras, as mais velhas e com baixa escolaridade ocupam cargos como faxineiras/secretárias do lar e cozinheiras.

É importante pensarmos na perspectiva de uma parcial complementariedade entre os dois municípios, de modo, que uma tenha certa dependência econômica com outro e/ou com sua população. No decorrer ao decorrer desta pesquisa demonstraremos exemplos de como um município está ligado ao outro.

Neste caso, o câmbio exerce um papel importante, tanto na questão comercial, quanto empresarial e de serviços.

Isso ocorre de forma esporádica, pois os municípios cresceram e se desenvolveram juntos num contexto fronteiriço, em que muitos dos problemas enfrentados são semelhantes e originais da vida na fronteira.

Foz do Iguaçu ocupa posição de destaque no Estado do Paraná. Como afirma Antônio Marcos Roseira (2009), o município é um dos três maiores polos da Mesorregião Oeste do Paraná; este fato pode estar relacionado às atividades ilegais que muitas vezes não é contabilizada oficialmente, mas que faz girar a economia formal.

Se relacionarmos a criação de Ciudad del Este, fica ainda mais evidente a proximidade entre os dois municípios e suas respectivas populações, assim, como, as relações verticais de comércio e certa complementariedade econômica entre as municipalidades, e mais uma vez, o aparecimento da atividade contrabando, presente na dinâmica espaço-temporal do crescimento desta fronteira.

## **II.II Ciudad del Este e o comércio transfronteiriço com Foz do Iguaçu.**

Ciudad del Este, localizado do outro lado da Ponte da Amizade, é considerado um município relativamente jovem, pois a sua fundação, em 1957, foi a mais tardia comparada aos outros dois municípios que compõe a tríplice fronteira.

Fundado com o nome de Puerto Flor de Lis<sup>12</sup>, deve a sua criação ao projeto de marcha para a ocupação do Leste, “Marcha al Este”, durante o governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989).

Até então, a região paraguaia que hoje se localiza Ciudad del Este era ocupada principalmente por grupos indígenas<sup>13</sup>, traficantes de madeiras por se tratar de uma área de floresta tropical, e por empresas de extração da erva-mate, como a Mate Laranjeira.

De acordo com Albuquerque (2010) a “Marcha al Este” era visto com bons olhos pela população, pois tinha o objetivo de reassentar os camponeses que viviam na área central e mais populosa do país. Para esse fim foram criados o Instituto de Bienestar Rural (IBR) – atualmente Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra (INDERT) -, hoje responsável pela Reforma Agrária no Paraguai.

Com o interesse de ocupar os “espaços vazios” e diminuir as tensões sociais da região central, o governo implementou o plano de colonização e facilitou a participação de brasileiros na derrubada da mata no plantio agrícola. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 65).

Segundo a autora Mirlei Pereira (2009), o Paraguai primeiramente desenvolveu relações comerciais em seu território próximo com a Argentina. Entretanto, a partir do processo desenvolvido no Brasil, o Marcha para o Oeste, o Paraguai se “aproximou” do Brasil, e a construção da Ponte da Amizade, nos anos de 1960, foi o esforço físico que exemplifica essa aproximação de ambos os lados.

A década de 1960 foi marcada pelo contrabando de café trazido do Brasil para o Paraguai. Segundo Souza (2009) com a decadência da extração da madeira muitos moradores de Foz do Iguaçu começaram a contrabandear café como forma de sobrevivência.

Entretanto essa forma de trabalho não foi apenas temporária. De acordo com Souza (2009) era uma forma de ganhar grandes quantidades de dinheiro rapidamente, as pessoas atravessavam as barrancas do rio com sacas de café nas costas correndo para não ser pegos pela Marinha ou Exército brasileiro.

O contrabando de café para o Paraguai era muito maior do que o já mencionado anteriormente entre a Argentina e o Brasil. Souza (2009) deixa claro que se tratava de toneladas de café que eram passadas para o outro lado da fronteira, os

---

<sup>12</sup> Logo o nome do município deixaria de ser Puerto Flor de Lis para se chamar Puerto Presidente Stroessner em homenagem ao então presidente.

<sup>13</sup> Os grupos indígenas que ocupavam essa região era os Guaranis e os Kaingang, segundo o Museu Paranaense.

próprios carregadores chamavam esse transporte de ilegal, coisa que não acontecia com as mercadorias que iam e vinham da Argentina.

O que leva a população a chamar esse contrabando de ilegal e o outro não, é o fato dele ser organizado em grande escala e não pelos próprios habitantes da fronteira.

Os moradores envolvidos nessa atividade eram meros empregados, não negociavam a compra e a venda de nada, apenas faziam o transporte da mercadoria, no caso, as sacas de café, e ganhavam um preço fixo para tal.

Também, em 1960, o governo paraguaio elaborou um plano de atrair os pequenos colonos da região Sul do Brasil para o Paraguai, onde as terras eram consideradas melhores, mais fretáveis para o plantio e mais baratas do que no Brasil.

Até metade da década de 1960 ainda era muito forte o discurso de pioneiros vinculados à colonização agrícola. Depois da inauguração da Ponte da Amizade, em 1965, funcionários e comerciantes começaram a ocupar os lugares centrais da nova sociedade de Puerto Presidente Stroessner. Algumas famílias, até hoje importantes, utilizaram o poder político para construir grandes nomes comerciais e empresariais (RABOSSI, 2004, p.211).

Fernando Rabossi (2004) ainda nos chama a atenção para que, embora, desde 1960, Puerto Presidente Stroessner, estava se configurando como um centro de vendas de mercadorias importadas. Porém sua transformação em centro de compras para revendedores (os famosos sacoleiros) foi anos mais tarde.

Outra autora que menciona a década de 1960 como o marco do início das relações comerciais com Ciudad del Este, é Lamberti (2006). Para ela:

O comércio fronteiriço em Ciudad Del Este teve início na década de 1960 a partir da comercialização de produtos para atender a demanda paraguaia. Além disso, nessa mesma década, comerciantes brasileiros e paraguaios inauguraram uma zona franca nessa região onde a importação poderia acontecer sem a incidência de impostos, iniciando então um tipo de comércio fronteiriço denominado de reexportação ou triangulação (LAMBERTI, 2006, p. 43).

Amplia-se, ainda, segunda a autora, pois a partir de 1970 a normatização da atividade comercial incluiu uma política tributária distinta, adotando uma modalidade única de impostos para a entrada de produtos, essa medida recebeu o nome de Regime de turismo.

Esse regime favoreceu do ponto de vista da fiscalização e tributação, a comercialização de produtos importados aos turistas que por sua vez estimulou a atividade de importação e distribuição aos comerciantes paraguaios e comerciantes de alguns estados brasileiros. (LAMBERTI, 2006, p. 43).

Ainda na década de 1970 com a construção de Hidrelétrica de Itaipu, muitos colonos brasileiros que moravam em áreas que seriam inundadas receberam indenizações para deixarem suas casas.

O dinheiro recebido foi usado por muitos na compra de propriedades no Paraguai. Segundo Albuquerque (2010) cerca de 40 mil pequenos produtores rurais foram indenizados.

Lamberti (2006) destaca que em 1971 Ciudad Del Este se tornou a primeira Zona Franca Internacional do Paraguai. A partir dessa data houve a implantação de diferentes políticas aduaneiras no sentido de promover a diminuição das tarifas de importação e formalizar a atividade comercial.

[...] que la aduana no registra la mayor parte del ingreso de mercaderías para reexportación ni tampoco la salida de bienes vendidos a turistas o comerciantes brasileños - que representan buena parte de esta actividad -, ya que salen del país en forma de contrabando hormiga o via el turismo de compra (PENNER, 1998, p. 5).

Em uma conversa informal com um morador local Rabossi (2004) chama atenção para o fato de que em 1970 muitas pessoas que tinham vivido na Argentina retornaram ao Paraguai, estabelecendo-se em Ciudad del Este, que ainda levava o nome de Puerto Presidente Stroessner.

Mostrando-nos que o município paraguaio passou a ser mais atraente do ponto de vista econômico.

Quando a hidrelétrica foi concluída uma parte do contingente populacional que se mudou para região com o intuito de trabalhar na construção da usina, se deslocou para o Paraguai em busca de terras para comprar e postos de trabalho.

Albuquerque (2010) destaca que a construção da usina mudou completamente o cenário local, pois algumas famílias brasileiras que já se encontravam em território paraguaio tiveram que se deslocar para mais longe da fronteira, devido à construção do lago de Itaipu.

O autor frisa, posteriormente, que essas foram as principais causas da imigração brasileira para as zonas rurais do Paraguai, mas que não podemos esquecer

que as imigrações urbanas nada têm a ver com esse fato, essas estão relacionadas diretamente com a expansão do setor de comércio e serviços.

A construção da hidrelétrica foi de extrema importância para o desenvolvimento de Puerto Presidente Stroessner, que havia começado antes por incentivo do comércio de rua.

Sobre o comércio Rabossi (2004) destaca que em 1972 se formava o primeiro grupo de ambulantes na então, Puerto Presidente Stroessner. Esse grupo recebeu o nome de Asociación de Lenteros Unidos, composta por pessoas vindas principalmente de Assunção.

Segundo o autor o termo “*lenteros*” como ficaram conhecidos deriva de um dos produtos que vendiam naquela época: óculos para sol, em espanhol também chamados “*lentes oscuros*”.

Outra associação que fora criada naquele período era a Asociación de Vendedores de Artículos Típicos, seus membros vendiam produtos artesanais próprios do Paraguai, estes vendedores ficaram conhecidos como “típicos”.

A partir dessas duas associações e de seus vendedores pioneiros, o comércio de rua foi ganhando força, abrindo espaços para que novos vendedores fossem chegando e se apropriando do espaço.

No ano de 1975 por pressão da Dirección General de Turismo de Paraguay e devido ao número de brasileiros se deslocando para o país vizinho, o governo do Brasil mudou a lei que permitia a estadia de seus cidadãos no Paraguai de 8 horas com apresentação do documento na fronteira, para uma permissão de 90 dias.

Segundo Rabossi (2004) “este foi um importante incentivo para o desenvolvimento de uma oferta de serviços para turistas: hotéis e restaurantes, casas de câmbio (a primeira delas abriria esse ano) e serviços de transporte” (RABOSSI, 2004, p. 211).

O comércio desenvolvido no microcentro foi central durante a década de 80 na geração de possibilidades concretas de trabalho e na amplificação da imagem daquele espaço como lugar de oportunidades. (RABOSSI, 2004, p. 266).

Após o termino de Itaipu, a cidade paraguaia, e a região como um todo, havia se transformado em um polo atrativo, pois, era o local com mais oportunidades de emprego em toda a região.

Em 1981 o governo paraguaio estabeleceu a política de baixar a taxa de impostos para importação de produtos industrializados, e reexportar estes produtos para os países vizinhos. Ao entrar em vigor, essa lei reformulou o contexto econômico e migratório nas cidades de fronteiras com o Brasil e a Argentina.

Albuquerque (2009) destaca que, para compreender o que levou a intensificação do comércio fronteiriço com passar dos anos no Paraguai, em comparação com o Brasil e a Argentina é preciso voltar ao fato de que esses dois últimos países investiram numa base industrial no século XX, por isso aumentaram suas taxas de impostos para proteger a indústria nacional.

Já o Paraguai não se desenvolveu neste sentido, sua economia que era majoritariamente agrícola, durante a década de 1980 e 1990 se transformou em comercial e de prestação de serviços em suas cidades de fronteira<sup>14</sup>, que é o caso de Ciudad del Este.

O município recebeu esse nome em 1989, sem saber que em menos de 50 anos se tornaria a maior cidade do Departamento de Alto Paraná (o maior produtor de insumos agrícolas do país) e a segunda cidade economicamente mais importante do país.

Rabossi (2004) dá os créditos aos movimentos históricos como transformadores de Ciudad del Este, que antes fazia parte de uma região escassamente povoada, seriam eles: a imigração brasileira no Paraguai, a hidroelétrica de Itaipu, a construção da ponte conectando os dois países e o comércio.

O município paraguaio cresceu vertiginosamente a partir da construção da Ponte da Amizade (Figura 1), que passou a conectá-la com o território brasileiro.

Para Rabossi (2004) o aumento populacional do município paraguaio encontra-se diretamente vinculando ao dinamismo adquirido pelo movimento comercial.

A atividade comercial se dinamizou com a construção da ponte, pois atravessar a fronteira se tornou muito mais fácil, prático e rápido, podendo fazê-lo até mesmo caminhando em menos de 15 minutos, o que antes não era possível.

---

<sup>14</sup> 70% da população paraguaia vivem nas cidades de fronteira do país.

Figura 1 - Ponte da Amizade fotografada do lado brasileiro



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

De acordo com Lamberti (2006) logo nos primeiros anos de 1990 Ciudad Del Este teve um acelerado crescimento econômico impulsionado pela expansão da atividade reexportadora<sup>15</sup> centrada nos turistas de compra e comerciantes da região.

A autora, afirma, em outra passagem de seu texto que a desaceleração da atividade madeireira que antes movimentava a economia do município foi acompanhada “pelo crescimento do turismo na fronteira com base na comercialização de produtos importados” (LAMBERTI, 2006, p. 54).

A venda desses importados tornou-se altamente atrativa transformando o município em um dos centros comerciais regionais mais importantes na América Latina.

Este comércio regional tornou-se dependente do turismo de compras e das atividades desenvolvidas pelo que Cardin (2012) denominou “circuito sacoleiro<sup>16</sup>”, ou

---

<sup>15</sup> Os produtos comercializados em Ciudad del Este chegam ao município através da exportação, depois são novamente exportados para o Brasil, por isso o nome “atividade reexportadora”.

<sup>16</sup> Segundo Cardin (2012) o termo “circuito sacoleiro” refere-se ao conjunto de relações sociais desenvolvidas durante o percurso realizado pelas mercadorias que saem do município paraguaio de Ciudad del Este e entram no Brasil de forma ilegal, via Foz do Iguaçu;

seja, por toda a logística que envolve a compra/venda e revenda de mercadorias em Ciudad del Este, assim, como, o transporte.

Outro autor que também defende que o centro comercial em Ciudad del Este é um dos responsáveis, se não o principal, pela movimentação da economia de toda a região da fronteira é Pàez (2013), segundo ele:

El polo comercial de Ciudad del Este, motoriza la economía de la región concentrando actividades de intercambios legales e ilegales. Las rutas de artículos que se importan desde la ciudad paraguaya, además de ser comercializados localmente, se irradian hacia las capitales de los tres países (Argentina, Brasil y Paraguay). (PÀEZ, 2013, p. 5).

De acordo com Cardin (2012), no decorrer da década de 1990, em torno de 40,23% da população economicamente ativa da região encontrava-se ligada a alguma atividade relacionada ao comércio, e ao “circuito sacoleiro”, ocupando “cargos” como “laranja<sup>17</sup>”, “cigarreiro<sup>18</sup>”, “barqueiro<sup>19</sup>”, “sacoleiro<sup>20</sup>”, entre outras.

Outro fato rotineiro na atividade comercial paraguaia nos anos 1990, era a sua credibilidade. Eram comuns os casos de mercadorias piratas, sem garantia, com rótulos trocados ou com caixas trocadas entre os consumidores de Ciudad del Este.

Porém com o surgimento de vários estabelecimentos comerciais no centro da cidade, o aumento da concorrência fez com que esse tipo de prática diminuísse.

A questão comercial, e o contrabando de mercadorias se tornaram tão fortes e enraizados nos municípios fronteiriços do Paraguai, e conseqüentemente, em Ciudad del Este que foram/são responsáveis pela criação de múltiplos postos de trabalho que atraem milhares de imigrantes vindos dos mais vários municípios no interior do país para a fronteira.

E são responsáveis também por inúmeros processos transfronteiriços, como comenta Camilo Carneiro (2016). Usamos como exemplo, a questão religiosa. As lojas não abrem durante feriados religiosos<sup>21</sup> de ambos os lados da fronteira. Na imagem

---

<sup>17</sup> Trabalhador contratado informalmente para transportar determinada quantia de mercadoria em troca de um valor previamente determinado, que é conhecido como “cota”. Esse serviço possui a função de auxiliar os sacoleiros na travessia dos produtos adquiridos pela Ponte da Amizade e pelos Postos de Fiscalização da Polícia e da Receita Federal;

<sup>18</sup> Trabalhador responsável exclusivamente pelo transporte de cigarros sobre a Ponte da Amizade;

<sup>19</sup> Trabalhador responsável pelo transporte das mercadorias pelo Rio Paraná;

<sup>20</sup> Trabalhador responsável pela intermediação das relações comerciais entre os empresários que atuam no Paraguai e os pontos de venda e distribuição das mercadorias adquiridas no país vizinho por todo o território brasileiro. Ele é, ao mesmo tempo, o atravessador e o distribuidor no Brasil dos inúmeros produtos disponibilizados no mercado paraguaio, atuando de forma autônoma ou para um patrão.

<sup>21</sup> A visita ocorreu durante o feriado religioso considerado “Sexta-feira santa”, no dia 30 de março de 2018.

abaixo (Figura 2), fica evidente o centro de Ciudad del Este praticamente deserto, com as lojas fechadas durante o feriado do dia 30 de março.

Figura 2 - Centro de Ciudad del Este durante o feriado do dia 30 de março



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Os trabalhos regulamentados na fronteira se misturando com os irregulares numa relação de interdependência, destacada Cardin (2012). Desta forma, os diferentes sujeitos tanto ligados às atividades comerciais regulares, quanto irregulares com o Paraguai são nivelados pelo poder público e pela mídia como partes de um mesmo grupo.

O processo de criminalização do “circuito sacoleiro” durante o início do século XXI faz com os trabalhadores fronteiriços, sejam colocados na mesma posição que contrabandistas vinculados ao crime, quando na maioria das vezes a pessoa apenas realiza o transporte de mercadorias de um lado ao outro da ponte, sem nem ao menos saber do que tipo de produto se trata.

A suposta ilegalidade da atividade, vinculada e divulgada como contrabando, misturada com preconceitos derivados das proximidades com as rotas de

tráfico e exorcizada como fonte de sustentação de terrorismo internacional, estigmatizou trabalhadores e forneceu argumentos para a perseguição (CARDIN, 2012, p. 214).

O autor afirma que a associação dos sacoleiros (*compristas*), turistas ao contrabando de mercadorias ilícitas, como, por exemplo, armas e drogas acontecem devido aos inúmeros pontos de intersecção existentes, por possuírem organizações e espaços de distribuições semelhantes.

As lojas e os vendedores que disponibilizam as mercadorias no mercado de Ciudad del Este, e os “freteiros” contratados para transportar as compras realizadas para o Brasil, muitas vezes prestam serviço para os turistas e também para os “compristas” (“laranjas” e “sacoleiros”), onde a diferença entre as práticas encontra-se exclusivamente na quantidade de produtos adquiridos. A relação entre o “circuito sacoleiro” e o contrabando de armas e drogas é mais delicada, pois ambas as atividades possuem organizações semelhantes e, muitas vezes, ocupam o mesmo espaço de distribuição (CARDIN, 2012, p. 214).

Deve-se mencionar que do mesmo modo que paraguaios buscam por melhores salários do lado brasileiro, muitos brasileiros se deslocam em busca de oportunidades de trabalho no Paraguai, todos os dias pela Ponte da Amizade em busca de salários<sup>22</sup> melhores.

A maioria dos brasileiros empregados no Paraguai exerce a atividade de vendedor ou de passante, usando suas cotas para passar mercadorias para o Brasil, ou mesmo transportando-as.

E segundo alguns desses trabalhadores o combate ao contrabando tem dificultado a vida das pessoas que buscam seu sustento trabalhando na fronteira, principalmente daqueles, que ganham menos, como, por exemplo, os que transportam cigarros.

Cardin (2012) expõe um trecho em que uma moradora fronteiriça diz que não é contra o combate ao contrabando, mas que ele devia ser feito ao mesmo tempo em que fossem gerados empregos no Brasil para que eles pudessem voltar a trabalhar de forma “legal” e sustentar suas famílias.

Entretanto, alguns trabalhadores chegam a duvidar que haja uma ação governamental tão eficaz que possa suprir todas as demandas por empregados na região, e por isso sempre há de haver pessoas trabalhando no comércio informal.

---

<sup>22</sup> O salário mínimo no Paraguai em 2018 é de 2.130.000 guaranis, o que equivale aproximadamente a 1.600 reais.

Outro dado interessante é a respeito dos “portos” de passagem de mercadorias estabelecidos as margens do Rio Paraná. Cardin (2012) ao mencionar a relação dos trabalhadores que transportam essas mercadorias com os seus patrões, os donos dos portos clandestinos, o autor destaca que não é fácil se tornar dono de um porto, que normalmente, os donos são pessoas que já moravam na barranca do rio antes de começar a movimentação de mercadorias por ali.

Alguns portos são administrados por membros da mesma família, este fato nos mostra mais uma vez a ligação dos moradores locais, principalmente os mais antigos, com o comércio na fronteira.

Os moradores foram se “adaptando” a realidade fronteiriça inserindo-se no processo comercial buscando ganhar a vida neste novo contexto surgido.

O comércio em Ciudad del Este, e em praticamente todos os municípios fronteiriços do Paraguai é de extrema importância, tanto para os trabalhadores locais, quanto para a dinamização e o crescimento urbano, como destaca Albuquerque:

Essas cidades de fronteira cresceram a um ritmo acelerado e se converteram nos lugares mais dinâmicos da economia paraguaia. As cidades fronteiriças não estão articuladas com o restante da economia nacional, mas com os mercados dos países vizinhos. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 67).

O município de Ciudad del Este conta uma população estimada de 396.091 mil, de acordo com os dados mais recentes da prefeitura municipal (2010), mas sua área de influência abrange cerca de 560 mil pessoas que vivem nos municípios vizinhos<sup>23</sup>.

Sua área central, atualmente, é formada por uma aglomeração com formato de labirinto. Nesse local encontram-se vários negócios de importação e exportação, galerias e casas comerciais, além de postos de vendas informais. A venda desses produtos ocorre num ambiente de “turismo de compras”, segundo Mauro Cury (2008).

---

<sup>23</sup> São eles: Hernandarias; Mínga Guazú; Presidente Franco todos pertencentes ao Departamento Alto Paraná.

Figura 3 - Parte do centro comercial de Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Durante as visitas realizadas durante os trabalhos de campo constatamos que os produtos importados comercializados em Ciudad del Este são em sua maioria vindos da China, ou como constam nas embalagens “*Made in P.R.C*”, que significa *People's Republic of China*, em português República Popular da China.

Lambertiv(2006) menciona que os produtos possuem nacionalidades diversificadas. Sendo assim, as mercadorias possuem em sua etiqueta a identificação

“*Made in Taiwan*” ou “*Made in China*”. Entretanto, ao verificar etiquetas e ao conversar com vendedores em busca de informações sobre a origem de determinados produtos, não encontramos nada vindo de Taiwan.

Sabe-se que a relação entre o Paraguai e Taiwan é antiga. O país sul-americano é um dos poucos no mundo que reconhece a soberania de Taiwan. Lamberti (2006, p. 74) destaca que, “Paraguai possui relações estreitas com a China “insular” (Taiwan) desde a década de 1960”.

Até o início de século XXI era comum encontrarmos produtos de origem “*Made in Taiwan*”, atualmente todos são identificados como “*Made in P.R.C*” devido a abertura comercial e a busca pela reunificação do território chinês.

A ilha de Taiwan, que reivindica sua independência, é território pertencente à República Popular da China, cujo ideal é de uma “China Una”, advogando pela política de “um país, dois sistemas” (yi ge guo, liang ge zhi). Antes da abertura econômica da RPC, a grande concentração de pequenas e médias indústrias que produzem mercadorias como bugigangas e falsificações dava-se na ilha de Taiwan. Logo, muitos daqueles produtos que hoje são rotulados como made in China, antes eram mundialmente conhecidos como made in Taiwan e, por isso, a ilha configurava um exemplo de sucesso do “milagre asiático”, o qual era conduzido pelos quatro “tigres”. (PINHEIRO-MACHADO, 2008, p. 225).

Este fato explica também o porquê de termos encontrados tantos produtos de origem chinesa, como veremos ao decorrer da pesquisa praticamente 90% do que é comercializado nos estabelecimentos de Ciudad del Este são de origem chinesa.

O comércio se caracteriza como a principal atividade econômica da cidade, os produtos importados são reexportados para o Brasil de forma legal/ilegal.

Para que os brasileiros, mesmo os moradores da fronteira, possam trazer mercadorias do Paraguai para o Brasil com isenção total de imposto, há uma cota como citado anteriormente.

Essa cota permite que sejam trazidos produtos que contabilize até 300 dólares por pessoa, sem a necessidade de declaração na Receita Federal brasileira. Segundo a própria Receita Federal, compras que excedam esses valores são tributadas com uma alíquota de imposto de importação de 50% em cima do valor total.

A taxa muda quando se trata de mercadorias trazidas por vias área e marítima, passando de 300 dólares para 500 dólares por pessoa.

Segundo o artigo publicado por Nelson Zapata (2014) no jornal paraguaio ABC Color, a vulnerabilidade do comércio paraguaio foi agravada com as medidas

protetoras tomadas pelo governo brasileiro, com o intuito de diminuir as importações de produtos.

Tomamos como exemplo, as cotas, e a instalação *de Free Shop* (abordaremos o caso dos *Free Shop* em Foz do Iguaçu mais concretamente no próximo capítulo) em cidades que fazem fronteira com o Paraguai.

Como mencionado abaixo os comerciantes paraguaios não veem com bons olhos a instalação desse modelo de comércio na fronteira, pois segundo eles a intenção do governo brasileiro é atrair os turistas consumidores para comprar no Brasil, bem, como a própria população local, para que assim não se desloquem como de costume, ao Paraguai em busca de mercadorias.

El proyecto de instalación de Free Shop y Duty Free en el Brasil frente a los comercios paraguayos de las ciudades fronterizas es percibido como una amenaza más al comercio fronterizo paraguayo. La caída de las ventas se acompañó inexorablemente de serios impactos en la actividad comercial y de servicios (hoteles, bancos, servicios de cambio, comedores y restaurantes). Dicha situación de crisis fronteriza fue agudizándose desde el 2011. Una reconversión estructural del comercio fue siempre enunciada, pero no fue implementada de forma sistemática (ZAPATA, 2014).

Ainda a respeito das cotas, em 2017 o governo brasileiro anunciou uma mudança que entraria em vigor a partir de 30 de junho de 2018. Com essa mudança a cota de 300 dólares por pessoa, passaria a ser de apenas 150 dólares, contrariando ainda mais os lojistas, tanto paraguaios, quanto brasileiros, que pediam pelo aumento de 300 para 500 dólares.

Há quem acredite que essas medidas possam fragilizar o comércio paraguaio, mas não é isso que acontece se analisarmos o fortalecimento dos portos clandestinos na barranca do Rio Paraná nas últimas décadas.

Alguns autores acreditam que por se tratar de uma variedade grande de produtos a um preço muito menor do que os encontrados no Brasil a concorrência de igual para igual é impossível.

Trata-se de um mercado fronteiriço que tira proveito das diferenças de preços e produtos entre distintos espaços nacionais e milhares de compradores se abastecem de produtos. Trata-se, enfim, de um mercado transnacional com circuitos comerciais, que articula múltiplos espaços localizados em diversos continentes através de comerciantes e de mercadorias. (RABOSSO, 2004, p.11).

Conforme Cardin (2012), o preço das mercadorias vendidas no Paraguai é muito menor, as lojas paraguaias e brasileiras que vendem esses produtos ganham mais

devido à ausência de imposto. Para o autor o que sustenta esse “circuito” de comércio é a existências de políticas aduaneiras e de fronteira distintas entre os países membros do MERCOSUL.

Acredita-se que um dos fatores que sustenta o comércio paraguaio, sejam os altos impostos cobrados pelo governo brasileiro em cima das mercadorias que chegam de fora, e/ou são produzidos em seu território. Caso houvesse uma ação para diminuir os impostos cobrados, muito provavelmente a necessidade do comércio fronteiriço, de se consumir do outro lado da fronteira não fosse tão intensa.

Uma das “soluções” encontradas pelo governo brasileiro está voltada para ao ataque à atuação dos trabalhadores envolvidos na atividade comercial e no transporte de mercadorias, como dito antes, os associando a atividades ilegais de compra/venda/transporte praticadas pelo crime organizado na fronteira, conforme destacou Pinheiro-Machado (2004).

Como demonstraremos mais adiante, as medidas protetoras não foram apenas instauradas pelo governo brasileiro, embora esse haja mais dinamicamente. O mesmo ocorre em relação ao governo paraguaio em busca quase que desesperada por proteger seus insumos locais em detrimento dos produzidos pela grande potência (visão paraguaia) que representa o Brasil.

### **II.III Breve análise da problemática das leis estatais e o cotidiano fronteiriço**

Ao discutirmos as leis estatais impostas para as fronteiras, pensamos ser indissociável desta temática a questão do que é considerado legal e ilegal no contexto fronteiriço, isto é, a visão das autoridades e a visão da população local sobre o que é ilegal/legal.

Muitos produtos que atualmente são considerados ilegais de serem consumidos do lado paraguaio e utilizados e/ou revendidos no Brasil não o eram no passado, assim como determinadas atividades laborais.

As mercadorias consideradas ilegais só o são devido às leis elaboradas para a fronteira, ou seja, quem determina o que é legal e ilegal é o governo de cada país.

Questionamo-nos então: o que é levado em consideração para se estabelecer o que pode/não pode passar pela fronteira nacional? E ao analisar o caso da tríplice fronteira, mas especificamente a fronteira Paraguai/Brasil, constatou-se que são os interesses do capital.

Pois todos os produtos proibidos, com exceção de drogas ilícitas e armas, são produzidos em território nacional (paraguaio e brasileiro), ou são importados legalmente e recebem taxaço ao entrarem no país.

Outra observação que devemos fazer está baseada no contexto histórico de surgimento e desenvolvimento dos municípios analisados, são os habitantes mais antigos e que estavam acostumados a circular de um lado a outro da fronteira com mercadorias sem nenhum impedimento, e de repente se virão proibidos de trazer determinados produtos.

Muitas vezes circular entre os limites internacionais corresponde a movimentos anteriores as próprias delimitações jurídicas do crime. Em outras palavras, antes das leis serem aplicadas, os diferentes “circuitos” que exploram as diferenças fronteiriças já existiam de maneira arraigada nas tradições locais. (CARDIN, 2012, p. 232).

Segundo Albuquerque (2010) o limite internacional entre dois Estados-nação é normalmente tratado pelo senso comum, neste caso, os habitantes do local como algo igual ou semelhante a uma fronteira natural.

Deste modo, como esperar que a população local, até então acostumada a adquirir produtos de ambos os lados da fronteira, variando apenas de acordo com o câmbio, entenda e concorde com a imposição do governo? Havendo a possibilidade de continuar consumindo mesmo a com a proibição, por qual motivo parar?

De acordo com Cardin (2012), embora o governo busque proibir tais mercadorias de adentrarem seu território nacional, a prática do descaminho irá permanecer, pois sempre aparecerão novos meios para negociar as mercadorias. “Os sacoleiros sempre arrumam uma nova maneira de burlar a fiscalização e continuar fazendo o seu serviço deles” (CARDIN, 2012, p. 223).

Haesbaert (2009) ao buscar definição para a territorialidade, afirma que ela é construída por um grupo ou pessoa que busca “influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação do controle sobre uma área geográfica” (HAESBAERT, 2009, p. 86).

Pode-se associar a definição de territorialidade ao controle que o governo exerce sobre a população fronteiriça, quando busca controlar a circulação de mercadorias na fronteira.

Embora controlar seja a intenção dos governos, dificilmente conseguiria barrar de modo geral os fluxos de pessoas e mercadorias na fronteira. Albuquerque (2010) faz reverência a essa movimentação em seu texto:

Fronteiras nacionais estão em movimento, impulsionadas por fluxos migratórios, estratégias geopolíticas, as influências econômicas e culturais de determinados países sobre outros e por diversas formas de circulação de mercadorias nos espaços fronteiriços. (ALBUQUERQUE, 2010, p.40).

A maior parte das pessoas envolvidas neste vai e vem de mercadorias são sacoleiros e/ou moradores locais que trabalham no comércio e/ou no transporte. Sem deixar de mencionar o pequeno comerciante local que realiza suas compras no Paraguai ou no Brasil para revender em seu estabelecimento.

No segundo capítulo detalharemos melhor a relação do morador local com o comércio, mas não podemos deixar de mencionar o caso dos “*almacenes*” paraguaios, eles se caracterizam nesta pesquisa como um exemplo de destino para as mercadorias consideradas ilegais pelo governo paraguaio vindas do Brasil.

Trata-se de estabelecimentos comerciais familiares que em sua maioria são abastecidos por produtos adquiridos no Brasil, levados para a revenda nos bairros periféricos do Paraguai, como, por exemplo, a Area 4.

Nos casos que analisamos os próprios donos costumam vir até o Brasil e realizar as compras que irão abastecer seus comércios, entretanto, constatamos no trabalho de campo que existem pessoas que prestam esse tipo serviços aos esses comerciantes paraguaios.

Essas pessoas veem até o Brasil comprar mercadorias que lhes foram encomendadas, realizam o transporte até os “*almacenes*” poupando o proprietário do transtorno de vir ele mesmo buscar os produtos e correr o risco de ser barrado na aduana. Deste modo, essas pessoas lucram com essa atividade e já sabem como passar pela fiscalização.

Também não podemos deixar de citar as pessoas que buscam mercadorias para o consumo próprio e são prejudicadas ao perder seus insumos para fiscalização na fronteira.

Com medo de perder toda sua mercadoria e conseqüentemente seu dinheiro, procuram realizar manobras, consideradas “ilegais” para seguir consumindo o que querem e necessitam pelo preço mais acessível.

A ação do governo fica concentrada na tentativa de disciplinar e controlar a fronteira, com investimentos na estrutura de fiscalização e nas operações especiais de combate ao contrabando, ao descaminho e à pirataria. O resultado tem sido um aumento no valor das apreensões, e um conjunto de rearticulações dos trabalhadores na tentativa de manter suas práticas (CARDIN, 2012, p. 224).

Os agentes estatais ignoram o fato de que muitas vezes as ações que são criminalizadas e perseguidas fazem parte de uma das dimensões da fronteira (ALBUQUERQUE, 2010), e encontra-se conectado a construção da identidade territorial da sua população.

Por isso, torna-se complicado aplicar legislações amplas que diferem entre um país e outro para locais tão característicos e próximos como a fronteira entre Foz de Iguaçu e Ciudad del Este. A proximidade histórica fica mais evidente no trecho destacado abaixo:

Província de Misiones, o Nordeste de Corrientes, na Argentina, margem ocidental do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, no Brasil, e o Leste do Paraguai são compreendidos historicamente e geograficamente como uma única região que passou por vários processos sociais semelhantes. Inicialmente, como área das missões jesuíticas. Nos séculos XIX e XX ocorreram as frentes extrativistas, especialmente da exploração da erva-mate, e a forte imigração europeia (ALBUQUERQUE, 2010, p. 50).

As leis estabelecidas pelos governos do Paraguai e do Brasil, por exemplo, as leis de cotas, o que é legal e ilegal circular pela fronteira, podem ser analisadas, como um componente que acentua a ideia de território, a partir do momento que elas interferem na mobilidade fronteiriça e não permitem que as pessoas circulem livremente com suas mercadorias, levando-as a optarem pela prática do descaminho na fronteira.

Entretanto, o território também está ligado à noção de movimento, como Haesbaert (2009) nos traz, ao dizer que o território não se caracteriza apenas como fixação, um “enraizamento” e estabilidade, mas também como movimento.

Ele (território) não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade exterior à sociedade que o habita. É uma parcela de identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço (HAESBAERT, 2009, p. 72).

Entretanto os governos enxergam suas fronteiras como uma parte fixa de seu território ao tentar controlar seus fluxos, ao invés de pensá-las como algo cheio de vida e movimento, algo que talvez não possa ser controlado. E desta forma, elaborar regras que condizentes com a realidade.

Ao pensar o movimento no território somos remetidos a pensar sobre a circulação de mercadorias, as atividades de contrabando/descaminhos, a entrada e saída de mercadorias pela fronteira transportadas por pessoas que buscam burlar o que é considerado legal perante as leis.

Essa circulação de mercadorias, quando se dá por meio do contrabando, ocorre em um esquema de redes interligando os territórios.

E a partir dela os fluxos fronteiriços de mercadorias e o fluxo de pessoas que as transportam rompem os limites estatais.

Uma rede de pesca é um conjunto integrado e estruturado de fios, que formam uma trama ou malha; no encontro entre dois fios, eles se entrelaçam, formando um nó, o que dá estabilidade à rede (sem os nós, nem sequer haveria rede) (SOUZA, 2013, p.166).

O que Maria Adélia de Souza (2003) chama de “nó”, podemos caracterizar como sendo as cidades; e a trama de fios sendo os caminhos que as mercadorias percorrem. Deste modo, as redes estão presentes na atividade de descaminho, pois ao se elaborar uma estratégia em busca de burlar a fiscalização, ao pensar um caminho alternativo para levar a mercadoria até Foz do Iguaçu, ou a periferia de Ciudad del Este e até mesmo a outra região do Brasil é necessário que ela circule por meio de redes, mesmo que sejam consideradas clandestinas.

Por isso, defendemos a ideia de que as redes rompem os limites impostos no território, pois são sinônimos de mobilidade e nem todas são visíveis às autoridades.

Para Haesbaert (2009) o território pode ganhar forma de articulador de conexões ou redes de caráter global, é o que ocorre no caso fronteiriço.

Em outro trecho o autor chama atenção para a definição de território com base nas relações sociais ocorrentes, as culturais e ao contexto histórico em que ele está inserido.

Desta forma, entendemos que não se pode analisar a questão territorial na fronteira sem levar em consideração sua formação histórica. Isto é, os governos ao pensar a respeito de leis fronteiriças que terão o instituto de barrar e determinar o que é legal e o que não é, deveriam analisar o contexto histórico de formação de cada território de fronteira e as características de sua população.

Junto com a formação histórica do território fronteiriço em questão encontra-se a relação dos indivíduos de ambos os lados da fronteira. Relação essa, que a nosso ver, é

de grande relevância para compreender as características locais, seus hábitos e suas necessidades.

Sabemos, porém na maioria das vezes esses quesitos são ignorados pelas autoridades que optam pela via mais “prática” ou jurídico-administrativa, que é a criação de leis gerais que abrangem as fronteiras como um todo, um ambiente “seco” e estável.

Buscaremos ao decorrer deste trabalho expor as dificuldades ocasionadas pelas leis fronteiriças no cotidiano dos moradores locais, assim como, os comércios, as interações e entender o dia a dia na fronteira.

Habitar fronteras implica hablar de circulaciones, de sus marcos regulatorios que hacen referencia a los tráficos económicos y a los controles policiales, de las circulaciones religiosas y la multiplicidad étnica y también a las pertenencias políticas (PÁEZ, 2013, p. 9).

Ao tratarmos a realidade vivenciada durante o trabalho de campo no segundo capítulo ficará evidente os marcos regulatórios, o controle policial na fronteira e a circulação diária de mercadorias.

Mercadorias essas que em sua maioria não permanece na fronteira, porém a ênfase será dada nas que circulam e continuam entre a população local. E que mesmo permanecendo na fronteira passam pela mesma fiscalização que os produtos destinados a outras regiões.

Nota-se que esse comércio não se encontra apenas presente nos denominados municípios fronteiriços estende-se aos municípios da região e a outras tantas localidades mais distantes.

Englobando tanto os municípios distantes da fronteira, mas que foram colonizados por brasileiros no Paraguai, quanto os municípios brasileiros que não possuem ligação nenhuma com o Paraguai, mas que, no entanto, recebem os produtos do mesmo para serem revendidos em seus comércios locais.

Fica cada vez mais evidente o que havíamos tratado anteriormente, a respeito da dependência do comércio formal com o comércio informal. Estabelecimentos considerados legais por todo o território nacional, tanto brasileiro quanto o paraguaio, recebem produtos para serem revendidos vindos da fronteira, do então comércio ilegal.

Além da circulação do dinheiro ganhado através do trabalho ilegal que nutre a economia dos municípios fronteiriços, e até mesmo de alguns fora da fronteira.

### III O COMÉRCIO FRONTEIRIÇO: OBSERVAÇÕES E VIVÊNCIAS DO TRABALHO DE CAMPO

Visto que o principal objetivo desta pesquisa se encontra direcionado ao cotidiano da vida na fronteira e ao comércio local, desde o início foi pensado que o trabalho de campo seria essencial para dar base e confirmação às hipóteses que foram levantadas.

Os trabalhos de campo foram elaborados durante alguns meses do ano de 2017. Em julho do mesmo ano ocorreu à primeira visita a campo, que se deu em forma de observação. Buscamos nos familiarizar com o dia a dia na fronteira, e entender como funcionava o sistema de transporte público e privado dentro de Foz do Iguaçu e internacionalmente, interligando o município brasileiro aos países vizinhos (Argentina e Paraguai), bem como o sistema de táxis, vans e motoristas do Uber que cruzavam a fronteira com passageiros e mercadorias.

Foi observado também o sistema de transporte paraguaio, as pessoas que cruzavam a fronteira andando para economizar tempo, pois as filas de automóveis eram enormes, principalmente, aos sábados e as terças-feiras, esses são os dias de maior movimento devido à chegada de sacoleiros vindos de várias partes do Brasil.

A ideia era se habituar ao vai e vem de pessoas, veículos e mercadorias pela Ponte da Amizade e compreender como se davam às abordagens feitas pelos funcionários da Receita Federal, quais eram os tipos de pessoas-alvo com mais frequência e como elas estavam se deslocando de um lado e de outro da fronteira.

A segunda visita a campo ocorreu entre março-abril de 2018, onde passamos dez dias (entre os dias 29 de março a 8 de abril) em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, observando o dia a dia fronteiriço, utilizando os mesmos meios de transporte que a população local, conversando com moradores, comerciantes que possuíam estabelecimentos e outros que atuavam por meio de lojinhas virtuais. Além de vendedores ambulantes e aquelas pessoas que faziam propaganda das lojas para os turistas pelas ruas de CDE<sup>24</sup>.

Também foram mapeadas as principais lojas frequentadas por paraguaios na Vila Portes, em Foz do Iguaçu, os Hipermercados próximos e as principais lojas em CDE, como, Nissai e Lai-Lai Center, e também os *Shoppings*, a exemplo do Catuaí Palladium do lado brasileiro que são frequentados por paraguaios e argentinos.

---

<sup>24</sup> CDE abreviação informal de Ciudad del Este.

A partir das visitas a campo foi possível coletar dados e relacioná-los com as informações adquiridas nos referenciais teóricos, como Rabossi (2004) e Pinheiro-Machado (2004) (2009), Corrêa (2012) e Dorfman (2009).

Neste segundo capítulo, busca-se expor os dados, informações, imagens, diálogos gravados e fatos curiosos que o trabalho de campo nos possibilitou adquirir, e que serão relacionados com os principais objetivos e hipóteses desta pesquisa.

### **III.I O lado brasileiro da fronteira e os consumidores estrangeiros: O caso de Foz do Iguaçu**

O trabalho de campo teve início em Foz do Iguaçu, e ao percorrer as ruas do município não levou muito tempo para ficar nítido a diversidade de nacionalidades presentes naquele lugar.

Os visitantes que chegam a Foz do Iguaçu se surpreendem com a cultura das diversas etnias que compõem a população local, afinal, são 80 nacionalidades diferentes residindo no município. A base da economia está no turismo, com destaque para o comércio e serviços, a região é exemplo para o mundo de convivência pacífica entre povos de diferentes costumes e nacionalidades (BORGES; MARIA; DERROSSO, 2015, p. 129).

O que primeiro chamou atenção foi o Reggaeton<sup>25</sup> tocando na rádio e um casal que vivem em Foz que estava nos acompanhando cantando a letra da música em espanhol perfeitamente bem.

Cenas como essa se tornara comum com o passar dos dias, visto que os estilos musicais característicos de ambos os lados da fronteira se misturam.

A diversidade em Foz do Iguaçu se faz tão presente que logo também foi possível identificar árabes<sup>26</sup> pelas ruas. Identificamos vários restaurantes com comidas típicas, e frases pichadas pelos muros da cidade pedindo liberdade ao povo palestino.

A população argentina também se faz presente no centro de Foz do Iguaçu; um morador local me disse que era fácil identificar quando se tratava de consumidores argentinos.

Além do sotaque muito perceptível nos argentinos, segundo o morador as mulheres costumam usar sandálias plataformas, vários anéis nos dedos e geralmente são

---

<sup>25</sup> Um estilo musical que tem suas raízes na música latina, maioria das letras são cantadas em espanhol;

<sup>26</sup> Segundo o IBGE (2010) Foz do Iguaçu (PR), é o segundo município com o maior número de árabes no Brasil em torno de 5.599 habitantes.

loiras. Essa observação deixou-me surpresa, mas devo confessar que a usei algumas vezes para identificar de que lado da fronteira vinha determinado consumidor.

Deve-se destacar que a população argentina não se faz presente no comércio brasileiro como trabalhadores ou donos, a maioria vem apenas para realizar suas compras e retornam ao seu país.

Ao percorrermos os estabelecimentos comerciais na Vila Portes, bairro periférico que compõe o recorte desta pesquisa, notou-se a escassa presença de cidadãos argentinos. E conversando com alguns lojistas constatamos que os argentinos se deslocam até o bairro a procura de produtos específicos.

Esses produtos seriam peças para seus automóveis e/ou materiais para construção. Diferente dos paraguaios, eles não vão até o bairro em busca de produtos alimentícios e de vestuário.

Entretanto, o fato de haver argentinos e paraguaios circulando diariamente pelo município de Foz do Iguaçu possibilita a interação entre a população fronteiriça que passa a ter os mesmos hábitos.

Esse fluxo intenso de paraguaios e argentinos circulando pela cidade de Foz do Iguaçu, traz uma enorme interação de costumes e culturas, desde a vestimenta, idioma, alimentação etc. A cultura é o resultado dessa invenção social, do comportamento dos indivíduos com seus grupos, que estão em constante interação e aprendizagem, no caso da tríplice fronteira, essa interação se tornou mais forte (BORGES; MARIA; DERROSSO, 2015, p. 129).

O motivo que fez com que os comércios da Vila Portes se especializassem na venda de produtos que agradam o público paraguaio e não tanto os argentinos foi a distância, pois o bairro está localizado próximo a Ponte da Amizade e distante da fronteira com a Argentina.

[...] características como crença, costumes, vestimenta e alimentação dos consumidores paraguaios e argentinos interferem na cultura do comércio local, pois há a necessidade das empresas se adaptarem para atender a esse crescente público (BORGES; MARIA; DERROSSO, 2015, p. 130).

Ao visitar o “novo” Shopping Center da cidade, o Catuaí Palladium<sup>27</sup>, nos chamou a atenção o fato de que todas as placas de localização dentro da unidade estavam escritas em português, inglês e espanhol (Figura 4).

---

<sup>27</sup> O *Shopping Center* foi inaugurado em 2006, pelo grupo Catuaí, em conjunto com um condomínio fechado pertencente ao mesmo grupo.

Figura 4 - Placas de localização no Shopping Catuaí Palladium



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Além das placas de localização, também encontramos uma loja de vestuário masculino que levava o nome de “Casa Anjita Hombre” (Figura 5). Ao conversar com a vendedora da loja buscando entender o motivo deste nome, descobrimos que naquele *Shopping* um grande número de consumidores vinha da Argentina, por esse motivo o estabelecimento possuía o nome em espanhol visando atrair o público masculino argentino.

Figura 5 - Faixada da loja Casa Anjita no Shopping Catuaí Palladium



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O *Shopping* encontra-se localizado na Avenida das Cataratas, 3570 - Vila Yolanda, muito próximo à saída para a Argentina, o que leva a pensar que ele não foi construído exatamente neste local por acaso.

Está justamente ali para atrair os consumidores argentinos, como a Vila Portes está para os consumidores paraguaios.

O Catuaí Palladium conta também possui uma vista panorâmica na praça de alimentação em que é possível visualizar Puerto Iguazu.

Deduzimos que os argentinos que costumam frequentar este *Shopping Center* são de uma classe social média para alta que vem ao Brasil consumir em busca de produtos diferentes daqueles que costumam ser vendidos na Argentina.

A população argentina costuma consumir em locais específicos em Foz, como os Shoppings Centers e o Centro da cidade. São lugares que possuem produtos de marca com preços mais elevados e que costumam ser pouco frequentados pelos paraguaios.

Pelo que nos foi possível perceber a maior parte da população paraguaia que vêm ao Brasil é para consumir na Vila Portes, acredita-se que pela proximidade e pelo preço das mercadorias, por esse motivo escolhemos esse bairro como um dos recortes geográficos desta pesquisa.

A Vila Portes assim como o *Shopping Catuaí Palladium* encontra-se próximo à fronteira com a Argentina, está localizada em uma área muito próxima a Ponte da Amizade, a rodovia BR-277 passa por dentro do bairro.

Figura 6 - Perímetro urbano ocupado pela Vila Portes em Foz do Iguaçu.

### Perímetro urbano da Vila Portes, município de Foz do Iguaçu - BR



Fonte: Elaborado por Camila Manoel Pereira e adaptado de Google Maps (2019).

Como mencionamos a Vila Portes foi fundada nos 1960 a partir da construção da Ponte da Amizade, ela viveu o seu auge econômico nos anos 1990 por conta do comércio que já existia na região.

Com a criação do MERCOSUL<sup>28</sup> algumas novas regras foram impostas. Segundo Souza (2012) elas visavam à implantação de aduanas, a aplicação de cotas de compras e maior fiscalização, além da alta variação do câmbio; isso fez com que o nível de compras na Vila Portes fosse diminuindo ao ponto de causar o fechamento de um número considerável de lojas.

<sup>28</sup> Segundo o site do MERCOSUL (2017), em 1991 o Tratado de Assunção foi assinado pelo Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai, criando assim o Mercado Comum do Sul, tendo, através da integração destes países, a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, além disso, também se caracteriza pelo regionalismo aberto.

Buscando sobreviver os comércios tiveram que se readaptar mudando o seu foco, passando a ser um grande mercado popular com preços baixos, o que levou o local a atrair consumidores de baixa renda.

Podemos notar através desses fatos que “as novas regras implantadas pelo MERCOSUL não foram acompanhadas de medidas ou planejamentos para estas cidades de fronteira” (SOUZA, 2012, p. 69), demonstrando que a Vila Portes está atualmente em um movimento de recuperação econômica.

Apesar da grande queda de movimento, o local continua se configurando como uma área de grande potencial na tríplice fronteira, situando-se em território estratégico, onde o comércio ainda é intenso e se mantém como a principal atividade da região (FRARE, 2017, p. 27).

A facilidade que o comércio da Vila Portes tem em se reconfigurar para caber dentro das novas regras e continuar atraindo clientes dos países vizinhos caracteriza-o como parte do que Milton Santos (2004) chama de circuito inferior.

O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação considerável (SANTOS, 2004, p. 43).

A característica de rápida adaptação só é possível ao comércio que se encaixam dentro do circuito inferior da economia urbana, conforme Santos (2004), a partir disso podemos identificar que os estabelecimentos da Vila Portes são exemplos desse circuito.

[...] o circuito inferior só pode funcionar através de uma adaptação estreita às condições conjunturais. Nisso ele é favorecido pela divisibilidade e a mobilidade tanto da mão-de-obra como do capital, que permitem aos empresários seguir com mais flexibilidade as variações quantitativas e qualitativas da demanda e, assim, melhorar os rendimentos marginais da empresa (SANTOS, 2004, p. 253).

Segundo um artigo presente na revista ACIFI (Associação Comercial e Empresarial de Foz do Iguaçu), a Vila Portes concentra em poucas quadras uma variedade grande de estabelecimentos comerciais; o artigo também traz um trecho a respeito da ligação do bairro com o Paraguai:

O bairro cresceu a partir da inauguração da Ponte da Amizade, em 1965. Por estar colado na fronteira com o Paraguai, desenvolveu uma área de exportação, cujo auge foi nos anos 90. Essa característica fomentou o comércio tanto no varejo quanto no atacado, o qual hoje busca reinventar-se para seduzir os clientes (ACIFI, 2014).

Esta vila parece ser uma extensão do centro comercial do Paraguai para quem chega de fora, pois suas características são mais semelhantes com as do centro de Ciudad del Este, do que com o centro de Foz do Iguaçu.

Figura 7 - Comércio na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Como podemos observar na (Figura 7) não há um padrão de lojas, não há uma preocupação do comerciante com a fachada do seu estabelecimento. Alguns comércios expõem seus produtos na calçada, no chão, coisas que não são comuns nas grandes lojas do centro de Foz do Iguaçu.

Esse é outro fator que aproxima os comércios da Vila Portes ao circuito inferior da econômica urbana, como mostra Santos (2004) na passagem abaixo:

As empresas familiares e os autônomos são numerosos, o capital é muito pequeno, a tecnologia, obsoleta ou tradicional e a organização, deficiente. A procura de dinheiro líquido é desenfreada. As despesas de publicidade são quase inexistentes. Poucos comerciantes se preocupam em arrumar suas vitrinas (SANTOS, 2004, p. 197).

Normalmente são comércios familiares, não havendo necessidade de propaganda em uma escala maior, somente os dizeres com as promoções do dia basta. Muitas vezes escrito na própria parede da loja.

No circuito inferior, a publicidade não é necessária, graças aos contatos com a clientela, e tampouco seria possível, já que a margem de lucro vai diretamente para a subsistência dos agentes e de sua família. (SANTOS, 2004, p. 46).

Outro trecho de Santos (2004) cabe bem nessa realidade, o autor diz “a atividade econômica, em particular o comércio, é realizada, portanto, por um número muito grande de empresas de pequena dimensão” (SANTOS, 2004, p. 213).

É grande o número de estabelecimentos que permeiam a Vila Portes, mas a maioria se caracteriza como comércios de pequeno porte.

Na figura acima se denota o movimento cotidiano do bairro. Nela vemos muitos carros, motos, vans e propagandas de estacionamento, pois muitos consumidores de Ciudad del Este preferem deixar seus carros em estacionamento na vila brasileira ou atravessar a Ponte da Amizade a pé por acreditar ser mais rápido.

Caminhões também se fazem presente na imagem, pois durante todo o dia há a chegada de veículos carregados de mercadorias para serem descarregadas nos estabelecimentos locais.

Observamos durante os dias em que passamos na Vila Portes um intenso movimento de carros, caminhões, empilhadeiras circulando no meio da rua levando mercadorias das lojas para as vans (Figura 8), que iriam transportá-las até seu destino.

Há vans transportando produtos para o Paraguai o tempo todo, é um bairro muito dinâmico com muito movimento.

Figura 8 - Empilhadeira transitando entre os automóveis na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Como observamos na imagem o comércio na Vila Portes é muito dinâmico, tanto na questão do movimento, quanto no tipo de comércio. Há comércios de produtos alimentícios, matérias para construção, maquinários, tintas, vestuário (masculino, feminino e infantil), revendedoras de gás de cozinha, farmácias, produtos de beleza, tecidos, pátios de estacionamentos, supermercado, produtos para animais, comércio varejista, ou seja, se comercializa de tudo um pouco.

A partir dessa variedade de comércio, é possível notarmos as redes se estabelecendo, pois são mercadorias vindas de locais distintos do Brasil, para serem comercializadas na Vila Portes.

Devido à extensão do bairro decidimos escolher algumas ruas para serem analisadas (Figura 9). Os critérios utilizados foram o fluxo de pessoas, a quantidade de estabelecimentos e a variedade.

Figura 9 - Sequência das ruas percorridas durante a visita a campo na Vila Portes

### Sequência de ruas percorridas na Vila Portes, Foz do Iguaçu - PR



#### Legenda

- |                      |                        |
|----------------------|------------------------|
| 1 Av. Carlos Gomes   | 7 R. Di Cavalcante     |
| 2 Av. Beira-Rio      | 8 R. José de Alencar   |
| 3 R. Assis Brasil    | 9 R. Cândido Portinari |
| 4 R. Oswaldo Cruz    | 10 R. Guimarães Rosa   |
| 5 R. Fagundes Varela | 11 R. Cassiano Ricardo |
| 6 R. das Missões     |                        |

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Demos início ao trabalho de campo por uma das avenidas que cortam o bairro, a Avenida Carlos Gomes, e depois foram percorridas rua por rua, como consta na respectiva ordem das ruas numeradas na figura 9.

Durante as andanças pela Vila Portes, visitamos os mais variados tipos de estabelecimentos que identificava e todos respondiam as perguntas tranquilamente. Foram feitas perguntas informais, como: “O senhor aceita todos os tipos de moedas

aqui?"; "Quem são os consumidores que mais compram em seu estabelecimento? Paraguaio, argentino, brasileiro ou outros?"; "Os produtos que o senhor (a) vende costumam vir de qual região?"; "As pessoas costumam comprar em pequena ou grande quantidade?"; "o senhor (a) acredita que os consumidores comprem para revender?".

A princípio os donos ou gerentes das lojas demonstravam certa desconfiança ao me receber, mas logo depois quando me identificava como estudante, as perguntas eram respondidas sem nenhum problema.

Apenas ao entrar em uma das casas de rações do bairro que houve certa resistência em falar. Então não insisti e segui percorrendo outros estabelecimentos.

Por toda a Vila Portes há propaganda de produtos escritos em espanhol e não em português o que seria comum se tratando de estabelecimentos em bairro brasileiro.

Observamos que estavam em espanhol às propagandas referentes aos produtos alimentícios (Figura 10). Acreditamos que isso está relacionado ao fato de que a maioria dos consumidores estrangeiros que se desloca até a Vila Portes seja de uma classe econômica mais baixa.

Entretanto isso não nos indicou que se tratava de consumidores paraguaios. Demonstraremos isso ao decorrer do trabalho de campo quando foram estabelecidos diálogos com os vendedores e proprietários de lojas.

Por pertencerem a uma classe economicamente mais abastada buscam por preços mais acessíveis fora do seu país, tanto para consumo próprio, quanto para revender em seus comércios localizados em bairros periféricos de Ciudad del Este.

O foco dos comerciantes da Vila Portes são os consumidores estrangeiros, principalmente os paraguaios. Por esses consumidores pertencerem a uma classe social mais baixa e não dominarem bem o português os comerciantes buscam realizar suas propagandas em espanhol, como uma forma de se aproximar desse público alvo.

Figura 10 - Fachada de estabelecimento escrito em espanhol, Foz do Iguaçu – PR



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

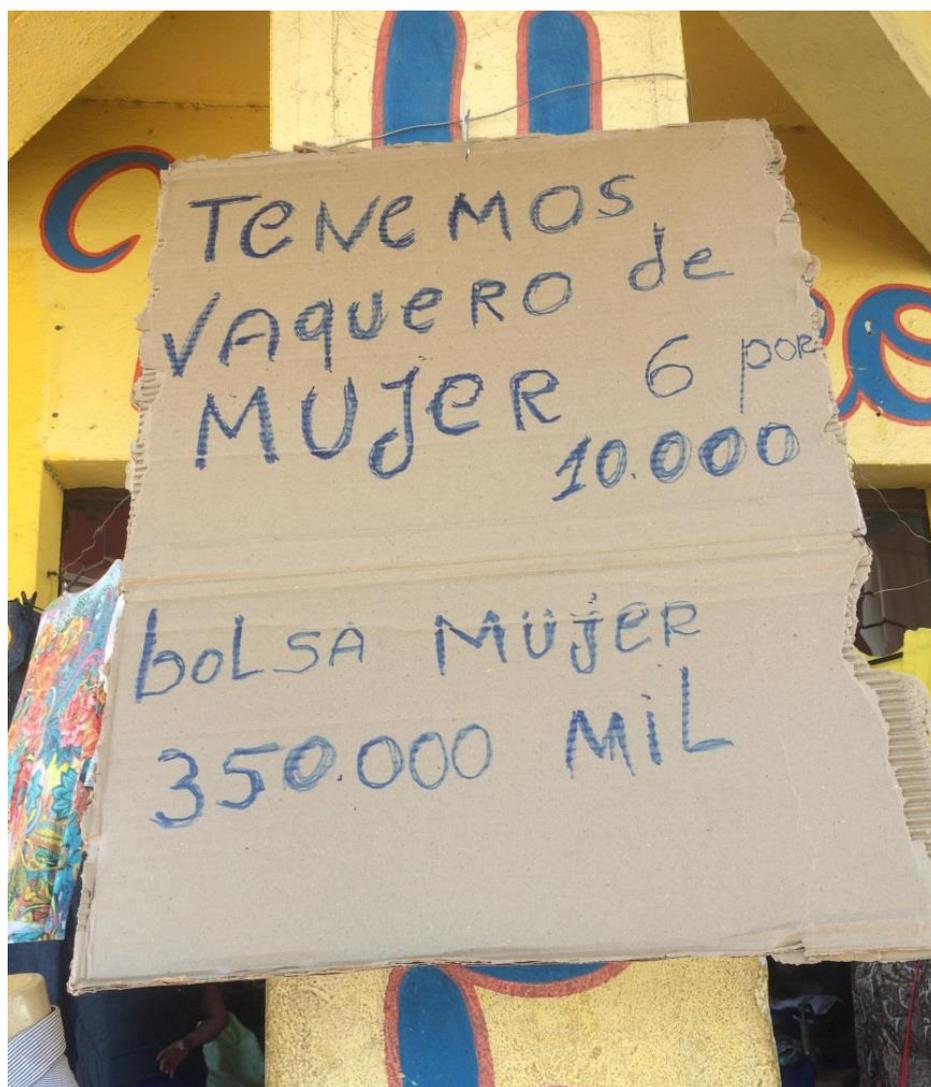
Esses anúncios nos reafirmam qual é público alvo desses estabelecimentos, o mesmo ocorre em Ciudad del Este só que ao contrário, são inúmeros os anúncios em português.

Trata-se de produtos do gênero alimentício, os mais procurados pelos paraguaios nos estabelecimentos da Vila Portes, por esse motivo os encontramos na maioria dos comércios locais.

Apuramos durante as conversas com os comerciantes locais que a maioria dos consumidores, que dão sustentação as vendas naquele local são de nacionalidade paraguaia. Alguns proprietários de comércio nos diziam algo como: “a gente aceita todo tipo de moeda, até o Euro, mas o que mais recebemos é em Guarani” ou “vem todo tipo de gente consumir aqui, mas a maioria, com certeza é paraguaio”.

Algumas lojas colocam em seus cartazes de oferta não só o nome do produto em espanhol, já que isso poderia indicar também a vinda de consumidores argentinos, mas também são expostos os preços em promoção já cotados em Guarani (Figura 11).

Figura 11 - Cartaz na entrada da loja na Vila Portes – Foz do Iguaçu



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

A simplicidade do cartaz diz muito a respeito do estabelecimento, dos produtos que são comercializados e do público alvo. Trata-se de mulheres paraguaias de baixa renda. Isso reafirma nossa hipótese de que os produtos são anunciados já em espanhol para atrair os compradores de baixa renda do país vizinho.

Podemos reafirmar isso de outra maneira, partindo do princípio que depois dos produtos alimentícios os mais procurados na Vila Portes são roupas, isso nos mostra que o consumidor paraguaio não vem à procura de eletroeletrônicos e /ou eletrodomésticos que são mais baratos no centro de CDE, vêm em busca de roupas e produtos alimentícios que são mais em conta no Brasil.

Ao levantar essa informação, constatamos também que os paraguaios que veem até as lojas do lado brasileiro para consumir se caracterizam como pessoas comuns, moradores locais, trabalhadores em busca de alimentos mais baratos para pôr em sua mesa.

Até mesmo aqueles que vêm para levar mercadorias com o intuito de revender também pertencem a esta categoria, porque como veremos mais adiante essas mercadorias são revendidas em bairros periféricos de CDE e em pequenos comércios locais.

Na próxima figura encontra-se uma das grandes lojas de roupas que visitamos, a Blumenau Comércio de Malhas, localizada na Rua Oswaldo Cruz na Vila Portes, ao entrarmos na loja fomos atendidos por uma vendedora que nos informou que a maioria dos clientes eram paraguaios e que compravam em grandes quantidades para revender em seus estabelecimentos, mas também havia os que compravam para uso próprio.

As roupas vendidas nesta loja eram trazidas de São Paulo e de outros municípios do Paraná, como Cianorte e Umuarama. Isso nos levou a pensar sobre as inúmeras redes que são estabelecidas na fronteira através dos produtos.

A mesma vendedora falava português, mas em alguns momentos usou palavras em castelhano no meio de suas frases, como, por exemplo, “*cambiaran*” para informar a outra funcionária que haviam mudado determinado produto de lugar na loja, o que demonstra a habilidade e estratégia para negociar.

Figura 12 - Blumenau Comércio de Malhas, loja de roupas na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O fato de a vendedora falar portunhol nos remete a interação que ocorre por meio do comércio, se tratava de uma vendedora brasileira fazendo uso dos dois idiomas enquanto dava uma informação corriqueira.

Ficou nítido que para ela era algo normal, involuntário que provavelmente acontece todos os dias enquanto trabalha, pois em alguns momentos necessita falar portunhol para se comunicar com consumidores paraguaios, e vez ou outra, argentinos.

Essa circulação de consumidores paraguaios e argentinos por Foz do Iguaçu, e neste caso na Vila Portes acarreta o que Borges; Maria; Derrosso (2015) chama de aproximação concreta, surgindo, assim, um idioma próprio da fronteira.

[...] o surgimento de um “idioma”, o portunhol, palavras dos dois idiomas, português e espanhol misturadas, facilitando a comunicação das pessoas e dos turistas, formando quase que um novo idioma, sinal claro de uma realidade que está sendo vivenciada de uma sociedade diferente, homogênea dentro de grande heterogeneidade fronteiriça (BORGES; MARIA; DERROSSO, 2015, p. 137).

Através deste acontecimento narrado fica perceptível à interação espacial que ocorre entre a população fronteiriça, seja por meio de pôsteres de propagandas ou oportunhol falado pelos vendedores, o fluxo de pessoas indo e vindo a todo o momento em busca de produtos é fato de que todo tipo de moeda é aceito nos comércios da fronteira.

[...] as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidade (CORRÊA, 1997, p. 279).

Os movimentos que ocorrem na fronteira são intensificados pelo comércio, pelo interesse comercial, o mesmo ocorre com as interações espaciais.

Conforme Marcos Godoy; Renan Castro; Flamarion Alves (2015) “as interações entre esses espaços propiciam formas de relações socioespaciais que se fundem e criam novas particularidades”, quanto mais forte se torna as interações espaciais, mais aumenta a particularidade da população fronteiriça.

Sobre a intensificação das interações espaciais Corrêa (1997) diz que:

Intensificam-se e ampliam-se as interações espaciais que, adicionalmente, tomaram-se mais rápidas e mais complexas. Rompem-se as amarras de horizontes espaciais limitados e fortemente fechados [...] (CORRÊA, 1997, p. 282).

O autor traz em seu texto, ainda que a intensificação das interações especiais influência na divisão territorial do trabalho e na articulação da rede nas cidades, isso se mostra presente na fronteira.

Faz-se presente nas redes comerciais que vão se estabelecendo por meio da fronteira, são elas, redes de informação, redes de trabalho e redes de produtos que se estabelecem e/ou se intensificam através do comércio, e ele as usa para se desenvolver.

Ainda, no trabalho de campo, conhecemos as “Lojas Maluquinha”, mais uma loja de roupas. Nela havia um vendedor paraguaio que nos informou que a maioria dos fregueses são de origem paraguaia também, que compram para revenda e/ou uso próprio.

Os produtos comercializados nessa loja são trazidos da cidade de São Paulo e de outros municípios do Paraná, como, Cianorte e Londrina – PR.

Numa loja de calçados o vendedor informou que os paraguaios compravam calçados, tênis, rasteirinhas, sandálias para revender no país vizinho, e que o grande fluxo de consumidores da loja eram mulheres paraguaias e argentinas.

Em outra loja visitada (Figura 13) eram comercializadas réplicas de calçados como, Adidas, Nike, Vans, entre outros, a loja fica na Vila Portes e o dono é brasileiro, mas o vendedor paraguaio.

A partir disso deduzimos que há compradores paraguaios e argentinos que vem consumir réplicas de calçados no Brasil, ao invés de comprar em Ciudad del Este ou em Puerto Iguazú.

Figura 13 - Loja em Foz do Iguazu vendendo cópias de calçados originais



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Na terceira loja de sapatos que visitamos, fomos atendidos por uma vendedora com sotaque paraguaio. Segundo ela a maioria dos calçados vendidos vem do estado de São Paulo e de Santa Catarina e quem mais consome ali são os paraguaios. Observamos também que estava tocando música tipicamente paraguaia no som da loja.

Na loja “Eloiza” que vende utensílios domésticos de alumínio, como panelas, fomos informados que aproximadamente 95% dos consumidores eram paraguaios e que eram aceitos todos os tipos de moedas, exceto o Euro. Ao final da conversa a vendedora nos disse “os paraguaios gostam dos produtos brasileiros”.

A fala da vendedora remete a pensar sobre o motivo que leva essas pessoas a consumirem em Foz do Iguaçu. No caso da Vila Portes, os estabelecimentos estavam ali para atender à demanda de consumidores paraguaios quase que exclusivamente.

Esse fluxo de compradores vindo do Paraguai é que mantém tantos comércios funcionando próximo a Ponte da Amizade, isto é, são comércios que dependem da proximidade da fronteira para continuarem funcionando.

Ainda segundo a vendedora eles vêm buscar produtos para revender no país vizinho. Isso demonstra que é mais barato vir até o Brasil comprar determinados produtos e levar para o Paraguai. Daremos ênfase a essa discussão mais adiante neste capítulo.

Havia na Vila Portes algumas revendedoras de gás de cozinha e água mineral. Esses eram alguns dos estabelecimentos mais diferentes presente no bairro, notou-se também a presença de farmácias.

Ao entrarmos em uma (Figura 14) fizemos a mesma pergunta a respeito de quem eram os principais consumidores do estabelecimento. A responsável respondeu que eram paraguaios o que nos chamou atenção, pois não imaginávamos que eles vinham até Foz do Iguaçu adquirir medicamentos.

Figura 14 - Farmácia AndrianFarma na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

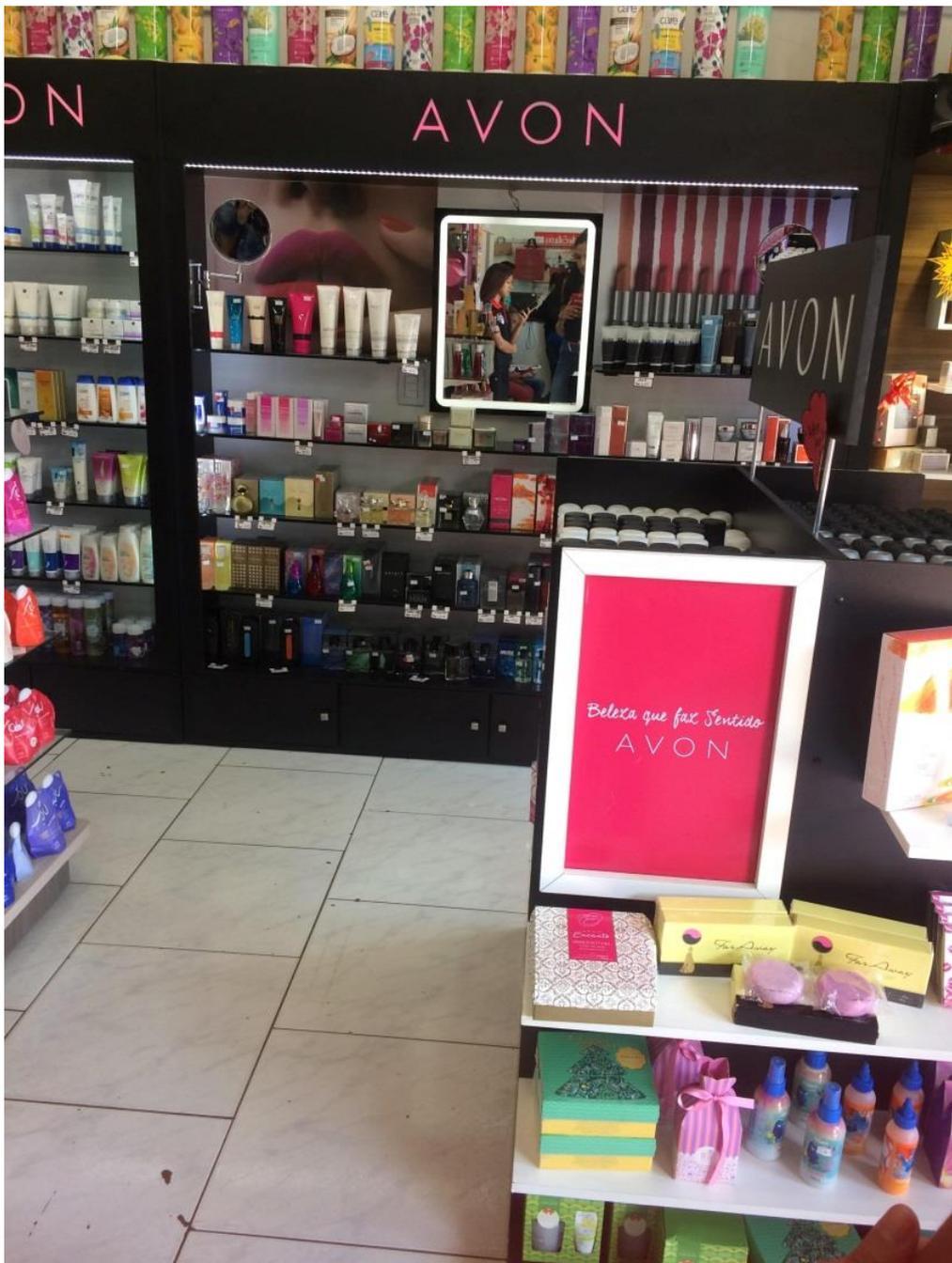
A partir desta informação podemos imaginar que cada vez mais a população paraguaia vem em busca dos mais variados tipos de mercadorias no Brasil. Não se tratando apenas de produtos de primeira necessidade, como alimentos, roupas e remédios, mas também consomem produtos de beleza, por exemplo.

Apesar da variedade de cosméticos disponíveis no Paraguai com grandes marcas conhecidas pelo mundo todo, não há produtos das marcas mais populares no

Brasil, como Natura, Avon, Jequití, entre outros, fazendo com que esses produtos sejam procurados em estabelecimentos similares à loja Diana Cosméticos (Figura 15) estabelecida no bairro Vila Portes.

O bairro serve, neste caso como uma complementariedade aos produtos vendidos no Paraguai e mostrando mais uma vez a diversidade de produtos que a fronteira possibilita a seus moradores.

Figura 15 - Prateleira de produtos Avon dentro da loja de cosméticos



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

A população paraguaia compra atualmente de tudo no Brasil, estão em busca de variedade de produtos e preços baixos.

O consumo paraguaio vem crescendo e movimentando a economia municipal de Foz de Iguaçu. Isso não ocorre mais apenas de forma contrária como se imagina fora da fronteira que quem movimentava mais o comércio local eram os brasileiros em território paraguaio.

Ao visitar outra loja, essa já de produtos alimentícios, chamada “Zéki” fui atendida por um vendedor que em um primeiro momento me abordou em espanhol pensando se tratar de uma cliente paraguaia ou argentina quando respondi em português ele passou a falar em português.

O vendedor era brasileiro, mas me atendeu espanhol alegando costume, pois a maioria dos consumidores da loja em que trabalhava, eram paraguaios, que segundo ele veem até a loja e “compram de tudo um pouco para vender e revender”.

Os donos da loja eram paraguaios, mas as batatas que eram vendidas ali vinham de Guarapuava – PR, ao mesmo tempo em que conversávamos com o vendedor tinha um caminhão da Vale Sul Transportes Ltda. descarregando, além, caminhões da Copacol<sup>29</sup> e Frimesa<sup>30</sup> que também estavam descarregando produtos em estabelecimentos vizinhos.

As batatas eram vendidas por quilos em sacos; um saco de 25 quilos estava custando 27 reais, em guarani saía por 45 mil guaranis, o que explica a procura de paraguaios para a revenda, pois se trata de um preço acessível. Para o consumo próprio talvez não seja interessante visto que esse tipo de produto só era vendido em grande quantidade.

Nos estabelecimentos que geralmente vendem produtos para revenda não há muitos aparatos estruturais, ou decorativos, são apenas galpões em que as mercadorias ficam enfileiradas, ou em caixas, ou uma em cima da outra (Figura 16).

---

<sup>29</sup> Agroindústria que exporta carne de frango para várias regiões do Brasil;

<sup>30</sup> Empresa brasileira do ramo alimentício, fundada em 1977, que possui uma indústria de carnes em Medianeira – PR.

Figura 16 - Mercadorias sendo comercializadas na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Na imagem encontram-se os sacos de batatas que falamos acima, eles são descarregados dos caminhões e imediatamente colocados à venda.

A impressão que fica é que esses estabelecimentos funcionam como se fossem distribuidoras alimentícias, que apenas armazena os produtos por um tempo enquanto não são “despachados” para seus locais de vendas de fato.

Ao visitarmos outro estabelecimento em que seu ponto forte era a venda de ovos, constatamos que o dono era brasileiro.

Ele nos informou que uma caixa de ovos continha 12 bandejas com uma dúzia cada e que eram vendidas por 110 reais, isto é, cada bandeja custava em torno de 9,16 reais que é igual a 12.905 guaranis.

Os ovos segundo o vendedor vieram de Santa Helena – PR. Alguns doces e bombons que também eram vendidos neste estabelecimento tinham origem de São Tomé-PR; ainda de acordo com o vendedor os paraguaios costumam vir comprar doces no Brasil para revender em seus municípios de origem.

Com o preço mais acessível do que o estabelecimento que visitamos na Avenida Beira Rio, onde a bandeja de ovos estava em torno de 9,50 reais, todos esses comércios possuem algo em comum todos aceitam todo tipo de moeda.

Entre a variedade de estabelecimentos que encontramos na Vila Portes há algumas Frutarias e Hortifrúti que em alguns casos estão um ao lado do outro como os que visitamos (Figura 17).

Figura 17 - Hortifrúti Colorado e Frutaria Grassi na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

No Hortifrúti Colorado além das verduras e frutas também são comercializados carnes de gado e frango, a dona nos disse que os paraguaios costumam vir e comprar em grandes quantidades.

A dona, uma senhora que cuida da caixa, salientou que aceita todo tipo de moeda, mas que o que recebe “é dinheiro paraguaio” nas palavras dela. Na segunda fala se referindo aos paraguaios ela disse “eles levam tudo daqui da ponte”.

Muito próximo a BR 277 entramos um estabelecimento que levava o nome de “Nacional Baterias” segundo o vendedor que nos atendeu, ali só eram vendidas baterias de marcas nacionais, ou seja, baterias produzidas no Brasil.

Figura 18 - Comércio de baterias na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O vendedor nos explicou que alguns consumidores preferem baterias fabricadas no Brasil por causa da garantia e porque as pessoas acreditam que essas baterias duram por mais tempo, isso incluem também consumidores paraguaios que veem comprar baterias buscando por mais “qualidade”.

Em outro estabelecimento que entramos a frutaria “Kaza” eram comercializados sacos de laranjas e descobrimos que o dono era paraguaio, ele nos passou a informação de que as laranjas que eram vendidas ali eram remanescentes do estado de São Paulo e mais uma vez nos foi dito que aceitavam todos os tipos de moedas.

Figura 19 - Comércio de laranjas na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Os estabelecimentos na Vila Portes que aceitam todos os tipos de moedas são comércios de rua. Os Supermercados de Foz do Iguaçu, por exemplo, não trabalham desta forma, nem mesmo os que estão localizados próximos da fronteira que é o caso do Muffato Max.

Logo ao entramos no Muffato Max, que está localizado na Rua das Missões na Vila Portes, demos de cara com a uma placa informando que não eram aceitas nos caixas do mercado moedas estrangeiras sendo necessária a realização da troca.

Figura 20 - Cartaz na entrada do Hipermercado Muffato Max



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Há um cartaz semelhante a esse na outra unidade da Rede Muffato, que está um pouco mais afastado na Ponte da Amizade e mais próximo ao Centro de Foz do Iguaçu, o mesmo acontece com outro mercado que visitamos o Big que pertence à rede Walmart, esse um pouco mais distante já na Av. Juscelino Kubitscheck.

Este fato nos mostra a partir da imagem acima, que há certo grau de dificuldade, mesmo que seja mínimo quanto mais formal se torna o comércio mais exigências são feitas aos consumidores.

Existe casa de câmbio disponível dentro dos supermercados, mas nos estabelecimentos de rua não há necessidade de troca. Além de aceitarem todos os tipos de moeda dão o troco quando necessário sem maiores complicações, isso nos mostra a relação entre o formal e o informal.

Ao mesmo tempo a integração se faz presente mais uma vez, porque os estabelecimentos disponibilizam meios para que as pessoas vindas de fora também consumam em seus, ou seja, o dinheiro desse público se faz muito bem-vindo.

No caso do Muffato Max Atacadista da Vila Portes ainda nos foi possível notar a presença de paraguaios consumindo ali; também foi possível notar a presença de um repositor de produtos paraguaio trabalhando.

Havia alguns carros no estacionamento do mercado com a placa vinda do Paraguai, e por se tratar de um mercado atacadista, supomos que eram feitas compras em grandes quantidades.

Quando retornamos no ano seguinte (2019) à situação era a mesma, a placa (figura 20) permanecia no mesmo lugar, e por ser um dia de final de semana o número de carros estacionados no mercado com placas paraguaias aumentou, cerca de quinze automóveis e duas motos. Mais oito carros argentinos.

Em outra unidade do mercado por não se ser unidade atacadista e pela região central em que se encontra, além de compradores paraguaios pode-se pensar que haja a presença de outros estrangeiros.

Frequentando o mercado casualmente devido ao turismo ecológico presente na cidade e/ou que tenham vindo de outro país residir no Brasil, como a população árabe em que muitos deles são de origem libanesa e possuem comércio no centro da cidade.

Por esse motivo a casa do câmbio se mostra necessária nessa unidade, pois, pode haver a circulação de grande variedade de moedas estrangeiras, sendo assim, a presença do Guarani paraguaio não seja tão forte quanto nos comércios próximos a Ponte da Amizade.

O circuito inferior encontra os elementos de sua articulação na cidade e sua região, enquanto o circuito superior vai ordenadamente buscar essa articulação fora da cidade e de sua região (SANTOS, 2004, p.48)

Santos (2004) afirma que o circuito superior vai à procura da articulação, nos despertando a ideia de que os mercados instalados na Vila Portes não escolheram essa região por um acaso. Mas sim, visando atrair consumidores dos países vizinhos, por esse motivo escolheram Foz do Iguaçu e a Vila Portes para abrir suas filiais.

Enquanto que o comércio de rua surgiu e foi crescendo esporadicamente com o passar dos anos devido à proximidade com a fronteira.

Outra questão que já mencionamos anteriormente, mas que vamos dar ênfase só agora é o transporte das mercadorias.

Nos supermercados notamos a presença de alguns carros com placa que indicava serem do Paraguai, mas não vimos a presença de veículos, como, táxis paraguaios, ou vans e caminhões, apenas carros de passeio.

Na Vila Portes por todas as ruas que andássemos havia vans carregando e/ou cheias de mercadorias que seriam levadas para o Paraguai, além dos táxis e até mesmo alguns caminhões com placas paraguaias, assim, como, a presença de carros de passeio.

A presença desses veículos é um indicativo de que ocorre o transporte de mercadorias em grandes quantidades pela fronteira entre o Brasil para o Paraguai e que nem todos os consumidores vêm com veículos próprios.

Figura 21 - Carros, caminhões e vans na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Nas imagens acima fica possível identificarmos alguns dos automóveis utilizados no transporte de mercadorias, vans, táxis e carros com placas do Paraguai. Talvez se trate de algum tipo de estratégia para passar pela fiscalização na fronteira sem maiores problemas por se tratar de veículos paraguaios.

Não podemos deixar de avaliar que o transporte de mercadorias saídas do Brasil em direção ao Paraguai pode acarretar outras formas de descaminho, pois o governo paraguaio realiza fiscalização pesada chegando a proibir a entrada de certos produtos brasileiros na tentativa de proteger os produtos e produtores locais.

Afirmamos isso, pois até o que nos foi possível investigar em conversa com um motorista de táxi do Shopping Ciudad del Este (estava uniformizado). Ele nos ouviu tentando estabelecer conversa com um funcionário da Aduana paraguaia que não quis nos responder, e veio a perguntando do que se tratava e se éramos estudantes, quando respondemos que sim ele começou a falar.

Segundo ele e baseado na conversa com alguns moradores de Ciudad del Este e Presidente Franco – PY, os produtos que são proibidos de entrar em território paraguaio

em grandes quantidades são aqueles que são produzidos dentro do país, como: açúcar, frango, ovos e pão.

Devido à restrição de determinados produtos no Paraguai, demos mais atenção aos preços atribuídos a eles nos Supermercados (Big e Muffato Max) que visitamos.

Baseado nas informações coletadas, a Tabela 1 demonstra a média de preços dos produtos mais consumidos em 2018. Em alguns estabelecimentos os preços variavam um pouco na Vila Portes. Deste modo, foram utilizados os preços que ficavam entre o mais alto e o mais baixo.

Tabela 1 - Média de preços dos produtos mais consumidos em 2018

Mercadorias	Preço em Real/Preço em Guaraní		
	<i>Muffato Max</i>	<i>Big Hipermercado</i>	<i>Vila Portes</i>
<i>Frango (kg)</i>	R\$ 3,79 / ₧ 5.317,00 kg	R\$ 4,99 / ₧ 8.112,85 kg	R\$ 4,65 / ₧ 6.523,00 kg
<i>Ovos (30 uni.)</i>	R\$ 9,59 / ₧ 15.591,62 kg	R\$ 7,99 / ₧ 12.990,31	R\$ 9,15/ ₧ 12.835,00
<i>Açúcar (5kg)</i>	R\$ 6,29 / ₧ 8.823,00 (5kg)	R\$ 7,48 / ₧ 10.493,00 (5kg)	R\$ 6,30 / ₧ 8.837,00 (5kg)
<i>Arroz (5kg)</i>	R\$ 10,49 / ₧ 14.715,00	R\$ 10,98 / ₧ 15.402,00	R\$ 9,60 / ₧ 15.607,88
<i>Azeite (500ml)</i>	R\$ 15,90 / ₧ 22.304,00	R\$ 18,92 / ₧ 26.540,00	R\$ 13,45 / ₧ 18.867,00
<i>Coxa de Frango (kg)</i>	R\$ 6,56 / ₧ 9.202,00	R\$ 8,48 / ₧ 11.896,00	R\$ 6,49 / ₧ 9.104,00
<i>Pão de forma (500g)</i>	R\$ 3,38 / ₧ 4.741,00	R\$ 3,98 / ₧ 5.583,00	R\$ 3,80 / ₧ 5.331,00

Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

A tabela supracitada foi elaborada em 2018, mostrando quando custava cada mercadoria na época, e nota-se que os preços médios da Vila Portes e do Muffato Max que são próximos a Ponte da Amizade não variam muito, apenas o Big Hipermercado, o qual se encontra um pouco mais distante, possuía os preços mais altos.

Na Tabela 2 a seguir, encontram-se os preços das mesmas mercadorias nos respectivos estabelecimentos da primeira tabela, porém referentes ao ano de 2019.

Tabela 2 - Média de preços dos produtos mais consumidos em 2019

Mercadorias	Preços em Real / Preços em Guarani		
	<i>Muffato Max</i>	<i>Big Hipermercado</i>	<i>Comércio Vila Portes</i>
<i>Frango (kg)</i>	R\$ 5,98 / ¢ 9.646,34	R\$ 8,29 / ¢ 13.372,6	R\$ 7,49 / ¢ 12.082,12
<i>Ovos (30 uni.)</i>	R\$ 8,99/ ¢ 13.792,13	R\$ 7,99 / ¢ 12.888,67	R\$ 7,90 / ¢ 12.743,49
<i>Açúcar (5kg)</i>	R\$ 8,39 / ¢ 13.533,91	R\$ 9,19 / ¢ 14.824,39	R\$ 8,25 / ¢ 13.308,08
<i>Arroz (5kg)</i>	R\$ 9,99 / ¢ 16.114,87	R\$ 12,99 / ¢ 20.954,18	R\$ 11,89 / ¢ 19.179,76
<i>Azeite (500ml)</i>	R\$ 14,99 / ¢ 24.180,38	R\$ 18,90 / ¢ 30.487,6	R\$ 15,75 / ¢ 25.406,33
<i>Coxa de Frango (kg)</i>	R\$ 6,29 / 10.146,4	R\$ 5,99 / ¢ 9.662,47	R\$ 5,49 / ¢ 8.855,92
<i>Pão de forma (500g)</i>	R\$ 3,98 / ¢ 6.420,14	R\$ 4,05 / ¢ 6.533,06	R\$ 4,35 / ¢ 7.016,99

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Ao comparar os preços de 2018 e com os 2019 em Real (R\$) percebemos que houve pouca variação no período de um ano, apenas o frango e o açúcar tiveram uma alta expressiva nos preços.

Contudo, ao observar os valores em Guarani (¢) nota-se um aumento considerável, isso se deve ao fato de que a moeda paraguaia se desvalorizou em comparação ao Real no último ano.

No período em que se realizou o segundo trabalho de campo no ano de 2018 o Guarani estava ¢ 1.403,00, para cada R\$ 1 real. Em 2019 durante o trabalho de campo R\$ 1,00 era o equivalente a ¢ 1.613,10.

Questionamos informalmente alguns proprietários da Vila Portes respeito dos consumidores paraguaios, se eles continuavam a comprar mesmo com a desvalorização do Guarani, e a resposta foi positiva.

Foram ditas frases como: “quando o Guarani estava mais valorizado eles (os paraguaios) consumiam uma variedade maior de produtos, mas ainda continuam vindo comprar”.

Outro proprietário nos informou que os paraguaios vinham em um número menor do que de praxe, mas nada que preocupasse os comerciantes locais.

Essa queda no consumo nos pareceu algo que os comerciantes da Vila Portes estavam habituados, pois não demonstraram grandes preocupações com os lucros e com o futuro de seus estabelecimentos.

Na tabela 3 encontra-se os preços dos mesmos produtos em Guarani e em Real de acordo com o mercado SUPER 6, localizado em Presidente Franco – PY, um dos municípios que compõe a área metropolitana de CDE.

A escolha deste mercado se deu por ele ser considerado o primeiro hipermercado da região, e porque está localizado próximo ao bairro Area 4 e por estar no limite municipal entre Presidente Franco e Ciudad del Este – PY.

Tabela 3 - Preços dos produtos no hipermercado Super 6 em 2018

<b>Produtos</b>	<b>Preços em Guarani/ Preços em Real</b>
	<b><i>SUPER 6 Hipermercado</i></b>
<b><i>Frango kg</i></b>	₺ 13.150 / R\$ 9,38
<b><i>Ovos (30 uni.)</i></b>	₺ 10.600 / R\$ 7,56
<b><i>Açúcar (5kg)</i></b>	₺ 34.100 / 24,38 (5kg)
<b><i>Arroz (5kg)</i></b>	₺ 22.650 / R\$ 16,15
<b><i>Azeite (500ml)</i></b>	₺ 22.500 a 48.700 / R\$ 16,5 a 34,73
<b><i>Coxa de Frango (kg)</i></b>	₺ 14.100 / R\$ 10,06
<b><i>Pão de forma (500g)</i></b>	₺ 7.950 a 9.950 / R\$ 5,67 a 7,10

Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Assim, como elaboramos tabelas (Tabela 1 e 2) para compararmos a diferenciação de preços em estabelecimentos brasileiros no último ano, julgou-se necessário fazer o mesmo com as mercadorias vendidas pelo SUPER 6.

Tabela 4 - Preços dos produtos no hipermercado Super 6 em 2019

<b>Produtos</b>	<b>Preços em Guarani / Preços em Real</b>
	<b><i>SUPER 6 Hipermercado</i></b>
<b><i>Frango (kg)</i></b>	₺ 13.150 / R\$ 8,15
<b><i>Ovos (30 uni.)</i></b>	₺ 19.300 / R\$ 11,96
<b><i>Açúcar (5kg)</i></b>	₺ 32.500 / R\$ 20,14
<b><i>Arroz (5kg)</i></b>	₺ 40.000 / R\$ 24,79
<b><i>Azeite (500ml)</i></b>	₺ 47.500 / R\$ 29,44
<b><i>Coxa de Frango (kg)</i></b>	₺ 14.905 / R\$ 9,24
<b><i>Pão de forma (500g)</i></b>	₺ 13.100 / R\$ 8,12

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Os dados coletados nos trabalhos de campos nos dois anos, nos mostra pouca variação no preço das mercadorias, determinados produtos permanecem mais acessíveis em território brasileiro, como, o açúcar, ovos, arroz e frango, mesmo com a alta do Real.

Embora a diferença nos preços seja pequena, comprando em grandes quantidades a diferença pode se torna maior, além da variedade de formas de pagamentos, parcelamentos, crediário e cartões de créditos, o que compensaria o risco que a população paraguaia corre ao tentar atravessar a fronteira com produtos que podem ser apreendidos pela Aduana paraguaia em caso de fiscalização.

Além do preço mais acessível, existe a hábito cultural na população local considerar os produtos brasileiros como algo de qualidade em detrimento aos produtos paraguaios.

Esse hábito agrega valor aos produtos trazidos do Brasil para serem revendidos nos estabelecimentos dos bairros paraguaios periféricos.

As facilidades e a procura por qualidade tornam os produtos brasileiros atraentes para a população do país vizinho, e explica o motivo pelo qual o governo paraguaio impõe alguns limites de circulação, tentando proteger e incentivar o consumo local.

O consumo de mercadorias comercializadas do lado brasileiro pela população vizinha está relacionado com a oferta de determinados bens cuja configuração atende ao padrão de consumo vigente, bem como a forma de pagamento que pode ser realizada por meio da venda à prazo (LAMBERTI, 2006, p.65).

Embora existam estabelecimentos no centro comercial de Ciudad del Este que aceitam pagamento com cartão a maioria ainda não, incentivando, deste modo, os donos de pequenos estabelecimentos a realizarem a suas compras de mercadorias no Brasil para revender em seus comércios.

No Paraguai não há o sistema de cotas, isto é, um valor limite do quando se pode comprar no exterior, como existe no Brasil em relação a mercadorias paraguaias. Os eletrodomésticos vindos do Brasil são permitidos, por exemplo, desde que se pague imposto ao passar pela aduana.

Carnes, ovos e outros insumos alimentícios vindo do Paraguai para o Brasil não são barrados na fronteira, ou seja, não acontece o efeito barragem, produtos de origem animais que deveriam ser barrados acabam sendo comercializados e vendidos,

indo e vindo, de um lado e de outro na fronteira. A fiscalização não proíbe esse tipo de comércio, não levando em consideração o risco de doenças.

Entretanto, percebemos a ausência de lojas de eletrodomésticos na Vila Portes, isso nos leva a crer que a população paraguaia não possui interesse em adquirir esse tipo de produto no Brasil, visto que no Paraguai encontrasse preços melhores e produtos de última geração.

Encontramos uma loja que vendia máquinas e equipamentos para padarias e estabelecimentos comerciais de alimentos, como refrigeradores, a dona era uma senhora brasileira que nos relatou já estar acostumada a vender equipamentos para paraguaios, e que quando era assim, ela preparava toda a documentação para passar pela aduana e mandava entregar direto no endereço indicado pelo comprador no país vizinho. Ou seja, os compradores não precisam se preocupar com o transporte das mercadorias, a própria loja se encarrega de entregar os produtos no Paraguai.

Como esse tipo de transporte não é considerado ilegal é mais fácil, basta apenas pagar os impostos cobrados pelo governo paraguaio ao passar pela fronteira.

Quando passamos pelo policiamento paraguaio na fronteira, próximo à aduana haviam caixas de frangos vindos do Brasil e que foram apreendidos no chão estragando ao ar livre, não era permitido tirar fotos.

No site da aduana paraguaia há diversas notícias sobre mercadorias apreendidas na fronteira. Trata-se na maioria dos casos de apreensões de produtos alimentícios e vestuário, segue abaixo trechos:

La Aduana de Ciudad del Este, Puente Internacional de la Amistad, decomisó mercaderías varias como pollo, productos frutihortícolas, azúcar, aceite y calzados... [...]En los trabajos de verificación de mercaderías se incautaron 5.385 kilos de pollo, 6.250 kilos de tomate, 30.780 unidades de huevos, 600 kilos de cebolla, 300 kilos de locote, 240 kilos de zanahoria, 40 kilos de papa, 920 kilos de banana, 990 kilos de azúcar, 1.750 unidades de gallinas vivas, 180 litros de aceite, 279 pares de calzados nuevos y 70 bolsas de calzados usado (ADUANA PARAGUAY, 2019).

Zapata (2016) em matéria publicada do jornal paraguaio ABC Color trazia diz que mercadorias vindas de diversas partes do Brasil são descarregadas na Vila Portes e durante a madrugada são levadas ilegalmente ao Paraguai.

VILA PORTES, Foz de Yguazú. Son las 4:30 AM. Contrabandistas, autodenominados “paseros” paraguayos, llegan hasta la zona comercial donde están ubicados los depósitos de mercaderías. Utilizan como medio de transporte furgones, camionetas, automóviles y hasta motocicletas. A esa misma hora también comienzan a descargarse camiones de gran porte que llegan al lugar provenientes de diversos puntos de Brasil. Traen productos

frutihortícolas e industrializados. Los depósitos están ubicados a menos de un kilómetro del Puente de la Amistad (ZAPATA, 2016).

A publicação em que o trecho acima foi retirado busca mostrar à população que não é apenas o Paraguai que fornece mercadorias ilegais para o Brasil, e, sim, que o inverso também ocorre via contrabando. Na passagem também fica nítido que se trata de hortifrúti e produtos industrializados.

Outra notícia<sup>31</sup>, essa encontrada no site da aduana paraguaia, falava a respeito da apreensão realizada na Ponte da Amizade em CDE em que foram pegos mil quilos de cebola, seiscentos quilos de tomate, cinco bolsas com calçados e quatro bolsas com roupas.

Buscamos então entender o porquê das proibições de determinados insumos ao passarem pela fronteira em grandes quantidades, visto que são alguns dos produtos mais procurados por paraguaios na Vila Portes.

Para isso fomos até a prefeitura de Ciudad del Este com o intuito de conseguir falar com algum responsável que pudesse nos informar. Infelizmente não foi possível, apesar do nosso esforço em explicar o motivo da visita, fomos passados para alguns departamentos até sermos enviados para o departamento de Turismo que não sabia nos dar as informações necessárias.

Felizmente antes de ir embora da intendência municipal encontramos um senhor que era funcionário da prefeitura que foi nos explicando, sem ao menos precisarmos realizar perguntas formais, o motivo da proibição da entrada de certos produtos brasileiros em seu país.

Segundo ele, apenas mais recentemente o Paraguai passou a usar hormônios na criação dos animais, na carne e em outros produtos alimentícios, porém ainda se trata de uma dosagem pequena.

Já o Brasil realiza há muito tempo esse tipo de atividade em seu processo produtivo, por esse motivo a produção paraguaia não consegue competir com a brasileira, de acordo com as informações passadas pelo funcionário da prefeitura de Ciudad del Este.

Porém a utilização de hormônios que visam o crescimento de aves é proibida em território brasileiro. De acordo com Gerson Scheuermann (2015, p. 98) “o rápido

---

<sup>31</sup> “Aduana del Este decomisó productos hortícolas...” Postado em 14 de Setembro de 2016 em Dirección Nacionaal Aduanas; (<http://www.aduana.gov.py/4169-8-Aduana%20del%20Este%20decomis%C3%B3%20productos%20hort%C3%ADcolas.%20prendas%20de%20vestir%20en%20calzados.html>) Acesso em: 17 de Janeiro de 2019.

desenvolvimento das aves deve-se, principalmente, à evolução genética das linhagens, cuja expressão é viabilizada pelos avanços dos fatores ambientais nas áreas de nutrição, sanidade, ambiência e instalações”.

O entrevistado fez uso da seguinte expressão “o Brasil é um continente, nós somos pequeninhos perto deles, não tem como competir”; para ele o que atrai a população paraguaia a comprar frango em território vizinho são o tamanho e o preço que acaba por compensar.

Para finalizar, o funcionário nos disse que Brasil produz frango, açúcar e ovos em uma quantidade muito grande e rápida o que gera o barateamento dessas mercadorias, o Paraguai produz em melhor qualidade, entretanto de forma mais lenta acarretando o encarecimento do preço das mercadorias.

O frango vendido no Brasil é bem maior, contém mais carne do o que é produzido no Paraguai, mas não quer dizer fazem uso de hormônios, o que acontece é que o país investe há muito tempo em melhoramento genético e em pesquisas para produzir mais, melhor e em menos tempos.

Nas últimas décadas a evolução da avicultura brasileira posicionou este segmento como um dos mais fortes da agroindústria nacional. Assimilando tecnologia avançada, a produção de frango no Brasil cresceu em qualidade e produtividade, oferecendo anualmente em torno de seis milhões de toneladas de carne ao mercado interno e gerando um excedente de quatro milhões de toneladas para exportação a 155 países (SCHEUERMANN, 2015, P.94).

Além disso, é um alimento que tem custo mais baixo, comparado à carne vermelha, sendo mais acessível à população, ou seja, o produto brasileiro se mostra de mais barato e de qualidade.

O Ainda de acordo com o funcionário da prefeitura de Ciudad del Este não tem como competir com o Brasil no quesito de produção pelas tecnologias utilizadas em determinados alimentos, neste ponto podemos dizer que ele está correto ao fazer tal afirmação.

O mesmo acontece em relação às uvas argentinas que só podem entrar no Paraguai em pequenas quantidades e para consumo próprio.

Procuramos investigar a existência de alguma outra lei e/ou projetos municipais que buscassem incentivar a população a consumir produtos dos comerciantes e produtores locais.

Com as informações que conseguimos na prefeitura há apenas as impostas pelo governo federal.

Acredito que foi possível perceber até o momento a dependência do comércio formal de Foz do Iguaçu, neste caso em específico o da Vila Portes, sobre consumidores paraguaios, isto é, o comércio naquele local se mantém havido devido à proximidade com o Paraguai.

Por todo o tempo em que estivemos lá não constatamos a presença de imigrantes árabes ou chineses, que poderiam estar realizando compras para seus respectivos estabelecimentos comerciais.

Na terceira visita a campo notamos um número considerável de brasileiros fazendo “feira” sábado de manhã nos estabelecimentos da Vila Portes, se caracterizavam como pessoas de aparência humildes. Essa observação intensifica a nossa hipótese de que quem consome neste local são pessoas de uma classe social mais baixa, sejam elas, paraguaias ou brasileiras.

Figura 22 - Consumidores sábado de manhã na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

As características dos consumidores da Vila Portes eram distintas dos que encontramos nos *shoppings* de Foz do Iguaçu, por exemplo, lá havia mais argentinos bem vestidos e alguns imigrantes árabes realizando compras em lojas de grife.

Outro aspecto que podemos destacar é a presença de farmácias na Vila Portes, na qual recebemos a informação de que paraguaios são os maiores consumidores desse tipo de estabelecimento naquele bairro.

Isso nos mostra que os medicamentos vendidos no Brasil são mais acessíveis, pelo preço, pela variedade e até mesmo atrelado ao fato de paraguaios vem se consultar no Brasil e acabar comprando os remédios na farmácia mais próxima.

Além de que alguns paraguaios podem ter acesso a uma política pública brasileira, que seria o Programa Farmácia Popular <sup>32</sup>se tiverem realizado a consulta e possuírem endereço no Brasil.

Cabe nos questionar se a vinda de paraguaios ao Brasil para consumir está relacionado aos preços mais baixos, e/ou se o que acontece tem a ver com um costume histórico adquirido por essa população.

Se este for o caso, pouco terá haver baixa ou a alta do câmbio, e nos mostrara que há uma tradição fronteiriça que leve esse contingente de pessoas a realizar suas compras do outro lado da fronteira, por acreditar que estão consumindo produtos de melhor qualidade, produtos mais saborosos, que faz bem à saúde, mas que no fundo não passa de um costume adquirido com o passar dos anos.

Durante a realização do trabalho de campo ficou evidente a conexão das populações locais, se mostrando tão cotidiana que chegam a passar despercebido por quem vive ali.

A integração entre a população fronteiriça se dá por meio do comércio e da busca por melhores condições de vida, como, ter acesso a políticas públicas, geração de empregos, buscando consumir produtos de qualidade e mais baratos, seja para revender em seus comércios, ou para consumo próprio. Assim:

Los procesos de integración, si bien no tienden a la disolución completa de las fronteras si determinan una relativa disminución del efecto frontera, es un fenómeno consustancial al concepto mismo de integración y requisito imprescindible para incentivar los flujos de comercio, inversiones y factores que son su objetivo (SEOANE, 2009, p.37).

---

<sup>32</sup> Trata-se de um programa desenvolvido pelo Governo Federal Brasileiro em parceria com as prefeituras municipais do país, com o intuito de oferecer medicamentos de uso comum a preços reduzidos.

Como dito por Alfredo Seoane (2009), integração tem o papel de diminuir o efeito da fronteira, por isso ela se mostra presente na busca dos moradores locais por trabalho, saúde, educação e por consumir.

Os comerciantes também têm interesse em empregar estrangeiros para facilitar a comunicação com o seu público alvo, alguns donos de comércio são paraguaios pelo que percebemos durante a visita a campo.

Muitos paraguaios buscam trabalho no Brasil, mesmo que atualmente, o salário mínimo pago no Paraguai seja maior do que o brasileiro, para alguns ainda compensa, pois, o emprego deste lado da fronteira se mostra mais atrativo devido à carga horária, os dias de trabalho, pois, por exemplo, no centro comercial de Ciudad del Este se trabalha aos domingos, os horários de atendimento começam de madrugada, antes do amanhecer do dia, o registro na careteira entre outros benefícios.

### **III.II *Almacenes*<sup>33</sup> Paraguaio e sua relação com o comércio na Vila Portes**

Um dos bairros que compõe a malha urbana de Ciudad del Este é o Area 4 (Figura 23), que teve sua origem ligada a construção da Hidroelétrica de Itaipu, pois se trata de um bairro residencial, criado em torno de 1970, com o intuito de abrigar os técnicos da obra de Itaipu que viviam do lado paraguaio.

Para chegarmos ao pegamos um veículo de transporte circular municipal na Avenida Gral Bernardino Caballero. Eram veículos muito característicos, carros e motos também com placas paraguaias, era como se tivéssemos saído do centro de CDE e entrado realmente no Paraguai.

---

<sup>33</sup> São pequenos comércios estabelecidos na residência do proprietário.

Figura 23 - Ônibus municipal de Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Ônibus no qual embarcamos encontrava-se em condições precárias, o solo era revestido de madeira que não estava devidamente fixado e se mexia em alguns pontos. As pessoas que estavam ali aparentavam ser de origem humilde; o motorista ia ouvindo música paraguaia.

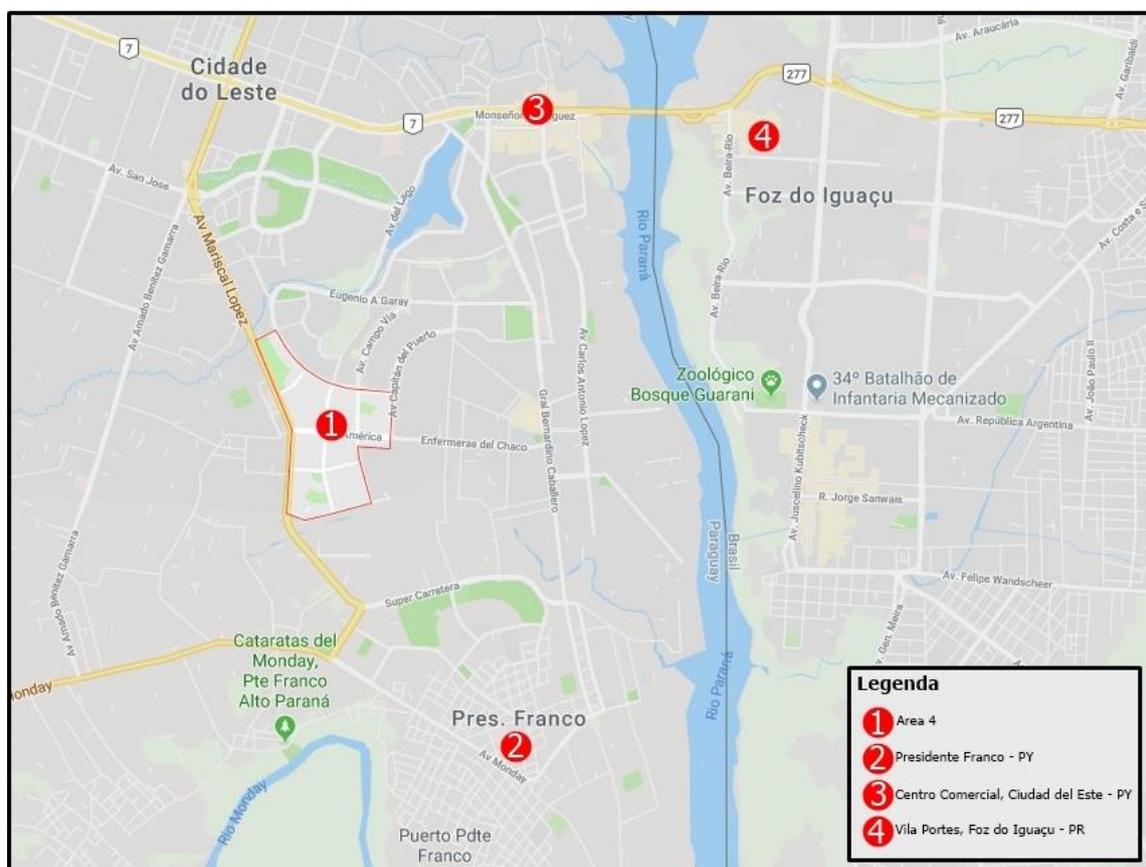
Durante o trajeto saímos da parte arborizada e bem estruturada de Ciudad del Este e entramos em bairros periféricos. Pelo caminho foi possível visualizar o estádio de futebol do município que pertence ao Clube Atlético 3 de *Febrero*.

Após alguns minutos de ônibus chegamos a *Area 4*. O bairro se caracteriza como residencial que conta com várias pequenas mercearias, e em sua maioria se trata de negócios familiares, ficam instalados normalmente na parte da frente das residências, ou no quintal, e servem como alternativa aos médios e grandes mercados, pois também comercializam uma variedade considerável de produtos.

Existem *almacenes* espalhados por vários bairros de CDE, mas nesse caso analisaremos a *Area 4* como um exemplo de onde vão parar as mercadorias que saem da Vila Portes, e o porquê de alguns paraguaios comprarem em grandes quantidades no Brasil para revender do outro lado da fronteira.

Figura 24 - Localização da *Area 4* em relação aos demais bairros estudados

## Localização dos bairros estudados: *Area 4*, centro comercial e Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira adaptado de Google Maps (2019).

A imagem possibilita a observação da proximidade do bairro com o Supermercado Super 6 em Presidente Franco, tão próximo que durante o trabalho de campo fomos andando até o mercado, isso facilita para os moradores da *Area 4* irem consumir neste mercado ao invés do Brasil.

Figura 25 - Fachada de um dos *almacenes* do bairro paraguaio *Area 4*



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O abastecimento desses *almacenes* acontece via Ponte da Amizade, em que seus donos atravessam para buscar mercadorias em Foz do Iguaçu, em especial na Vila Portes. Em raras ocasiões essas pessoas vão até o centro de Puerto Iguazu na Argentina,

quando necessitam de mercadorias específicas, como, uvas e vinhos encontrados facilmente na feira de comidas e iguarias.

[...] alguns desses comerciantes, organiza-se e contratam uma van para trazê-los ao Brasil e também à Argentina, para comprarem os produtos e passarem na fiscalização paraguaia por meio de surbon, já que os donos de vans são facilitadores desse processo (SANTOS, 2004, p. 27)

Segundo a autora Dalila Garcia (2016) os moradores dos bairros com “*almacenes*” afirmam que esses estabelecimentos são fontes de emprego nos bairros em que estão instalados, visto que os donos costumam empregar parentes e amigos que também vivem no bairro em questão.

Na maioria dos *almacenes* que visitamos, em entre oito ou nove, percebemos a forte presença da insegurança, não todos os proprietários que se disponibilizaram a conversar conosco, além de, como é possível vermos na fotografia acima (Figura 25) a maioria possuía grades que separa o público do vendedor que fica na parte de dentro.

Uma das donas que conseguimos estabelecer um diálogo nos informou que “as grades” eram por questão de proteção contra possíveis assaltos que já aconteceram pelo bairro.

Nesse *almacén* em questão, a dona que aparentava ter uma senhora com mais de 50 anos, nos disse rapidamente que os produtos mais vendidos por ela eram pão e leite, e que ela não buscava eles no Brasil, e sim nos mercados em Ciudad del Este mesmo.

O mais surpreendente é que se trata de inúmeros “*almacenes*” em um perímetro urbano pequeno. Vários estão na mesma rua, alguns estão um de frente para o outro, o que gera atritos entre os donos como, nos informou a entrevistada acima.

Num segundo *almacén*, a dona nos contou que a mulher com quem havíamos conversado antes parou de falar com ela, depois que ela abriu seu próprio armazém. Pois um estabelecimento faz concorrência ao outro, e a outra proprietária acreditava que a vizinha roubaria os seus clientes.

A mulher que tinha 37 anos, nos garantiu que isso era inverdade, pois os *almacenes* comercializavam produtos diferentes. Tinha dois anos que ela tinha aberto aquele comércio.

Ela nos informou que havia aberto o estabelecimento para poder cuidar dos dois filhos de quatro e onze anos. Antes ela trabalhava como vendedora em loja de roupas mas o trabalho a impedia de ficar com os filhos e por isso trocou de ramo.

[...] as mulheres comerciantes podem ter ao mesmo tempo outras atividades, como a de costureira, de lavadeira e sobretudo de mãe de família. O trabalho em casa facilita também as relações como a vizinhança: os clientes estão certos de poderem ser atendidos não importa a que hora, mesmo aos domingos e feriados (SANTOS, 2004, p. 217).

Os *almacenes* compõe o circuito inferior; eles possibilitam que a proprietaria possa trabalhar, isto é, ter uma renda extra ao mesmo tempo que pode cuidar da casa e dos filhos.

O marido da entrevistada trabalhava fora e para ela ter o “*almacén*” era prático, pois o estabelecimento ficava dentro do quintal de casa o que possibilitando que ela cuidasse dos filhos e da organização da casa.

O dinheiro que o estabelecimento proporciona serve para complementar a renda familiar de quatro pessoas. Segundo ela, o marido ia com o automóvel do casal buscar as mercadorias em Foz do Iguaçu, ela raramente ia junto; segundo a mesma foi apenas uma vez ao Hipermercado Muffato buscar produtos para revenda.

Os *almacenes* tem grandes diferenças, sendo a fato de ser uma extensão da casa e em sua maioria terem donas mulheres, outra diferença e peculiaridade é que nos *almacenes* não são vendidas bebidas alcoólicas, o que de fato acontece em mercearias brasileiras. As grandes instaladas na frente do *almacén* e o fato de as pessoas não poderem adentrar ao comércio é outra diferença (GARCIA, 2016, p. 26).

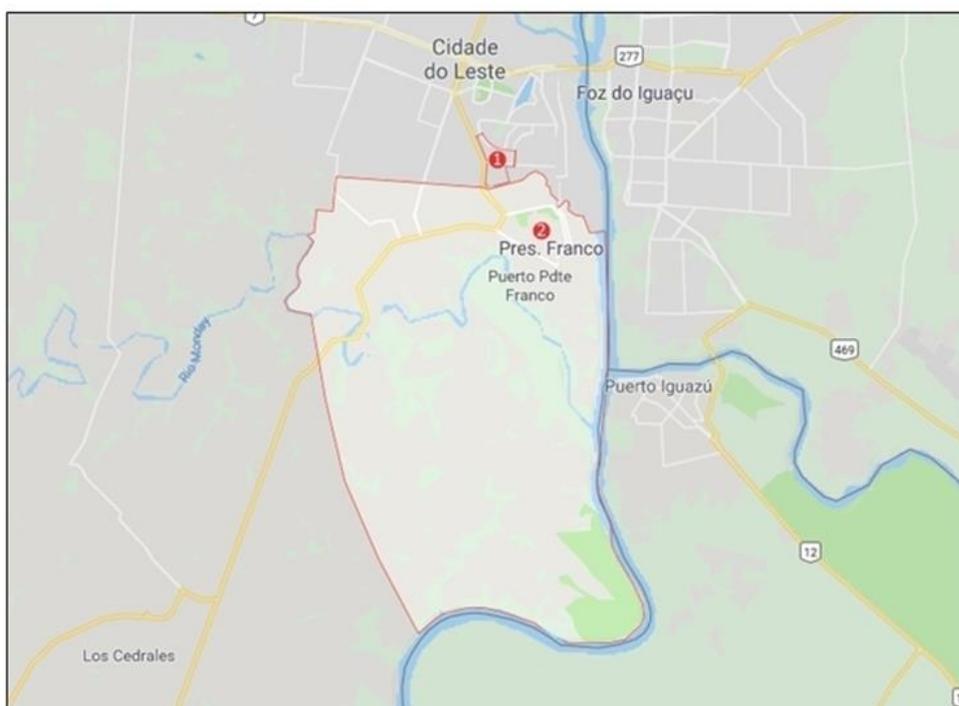
Ainda, segundo Garcia (2016), um grande número de “*almacenes*” realizam praticas consideradas ilegais, como a importação de mercadorias por meios clandestinos, o que certa forma, caracteriza um descaminho realizando ações como o suborno.

A comerciante seguiu nos dizendo que embora as mercadorias vendidas em seu *almacén* fossem vindas parte do Paraguai e parte do Brasil, comprar do outro lado da fronteira sai mais barato; porém a dificuldade em passar com as mercadorias pela fronteira estava fazendo com que cada vez mais ela buscasse adquirir os produtos nos grandes mercados paraguaios, como o SuperSeis, “*cada vez más vamos comprando en Ciudad Del Este. Hoy es muy complicado traer productos del Brasil*”.

Entretanto ao visitarmos o hipermercado SuperSeis, que está localizado em Presidente Franco, muito proximo ao bairro *Area 4* notamos a presença de produtos produzidos no Brasil que eram comercializados lá, como, Nasceu da Nestlé, macarrão estanteneos da Talharim e Nissin Lámen e Café Belém, ou seja, os paraguaios seguem consumindo produtos importados do Brasil.

Figura 26 - Localização da Area 4 em Ciudad del Este e de Presidente Franco – PY

### Perímetro urbano da Área 4 e do município de Presidente Franco - PY



#### Legenda:

- 1 Area 4, Ciudad del Este - PY
- 2 Presidente Franco - PY

Fonte: Camila Manoel Pereira adaptado de Google Maps (2019).

Nota-se a proximidade da *Area 4* com o município de Presidente Franco, isto é, o fácil acesso ao Hipermercado SuperSeis, entretanto, a população do bairro paraguaio ainda prefere abastecer seus *almacenes* com produtos vindos do Brasil.

A presença de produtos brasileiros no Hipermercado paraguaio pode caracterizar uma preferência cada vez maior da população local por produtos vindos do Brasil.

Ao final do diálogo com a proprietária do *almacén* ficamos sabendo que o produto mais vendido por ela era o leite, e o horário que mais aparecia pessoas procurando por mercadorias, era entre 9:00hrs e 10:00hrs da manhã, e depois das 16:00hrs da tarde.

Santos (2004) diz que “em casa o trabalho pode se prolongar por longos horários, prática muito corrente no circuito inferior” (SANTOS, 2004, p. 217), a dona do armazém disse que não tinha um horário exato de funcionamento, pois ela estava sempre em casa e poderia atender se houvesse necessidade.

Figura 27 - *Almacén “Totti”* na Area 4 em Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Os *almacenes* tendem a estar localizados em áreas periféricas de Ciudad del Este, o que potencializa nosso imaginário de que quem costuma comprar na Vila Portes

em Foz do Iguaçu são as pessoas de uma classe social mais baixa, pois compram para revender em seus comércios.

E na maioria dos casos se trata de mulheres, quase todos os *almacenes* que visitamos eram administrados por mulheres que conciliavam os afazeres domésticos, o cuidado dos filhos com a atividade comercial, segundo a Asociación de Almaceneros Minoristas del Paraguay (AMP) mais de 65% dos “*almacenes*” pertencem a mulheres (GARCIA, 2016).

Ao conversar com outra jovem mulher estudante de psicologia e administrava o “*almacén*” junto com a sua mãe, ela nos contou que costumava buscar as mercadorias em Foz do Iguaçu com automóvel da família e que algumas vezes chegou a ter os produtos presos na aduana paraguaia.

E ao ser questionada do que ela fazia quando isso acontecia, nos disse “*¿Que hacer? No podemos hacer nada. Perdimos todos los productos cuando la policía nos para*”, e que depois esperam por um dia mais tranquilo para retornar ao Brasil e realizar novamente suas compras.

Em um terceiro *almacén* que visitamos, a proprietária também era uma senhora já de idade que nos recebeu com certo receio neste estabelecimento, havia uma grande variedade de produtos, pois também se trata de um lugar com mais espaço.

Figura 28 - Prateleira com mercadorias expostas em um *almacén* local



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Na imagem é possível observar como os produtos estão organizados para a venda, em prateleira de madeira, a parede está apenas no tijolo, e os produtos separados por categorias, os de limpeza encontram-se numa prateleira, os alimentícios na outra e os artefatos para casa estão em outra.

Este *almacén* ao contrário dos demais o freguês pode entrar e ter contato com os produtos disponíveis para a venda; segundo a senhora dona do estabelecimento, senhora está que aparentava ter entre 55-60 anos, havia um homem responsável por buscar os produtos que ela precisava no Brasil, isto é, mesma não realizava essa atividade, apenas encomendava quais mercadorias queria e este homem se encarregava de comprar e fazer o transporte até chegar em seu *almacén*.

Essa informação nos remete a pensar que há pessoas realizando esse tipo de atividade, comprando produtos no Brasil e trazendo para serem revendidas nos “*almacénes*” paraguaios. O que torna prático ao comerciante local encomendar mercadorias por meio dessas pessoas, pois são pessoas que sabem aonde encontrar determinado produto com o preço mais em conta, além, de que possibilitar com mais chances de sucesso que essas mercadorias passem pela fronteira sem maiores problemas, não permitindo que o comerciante perca suas mercadorias.

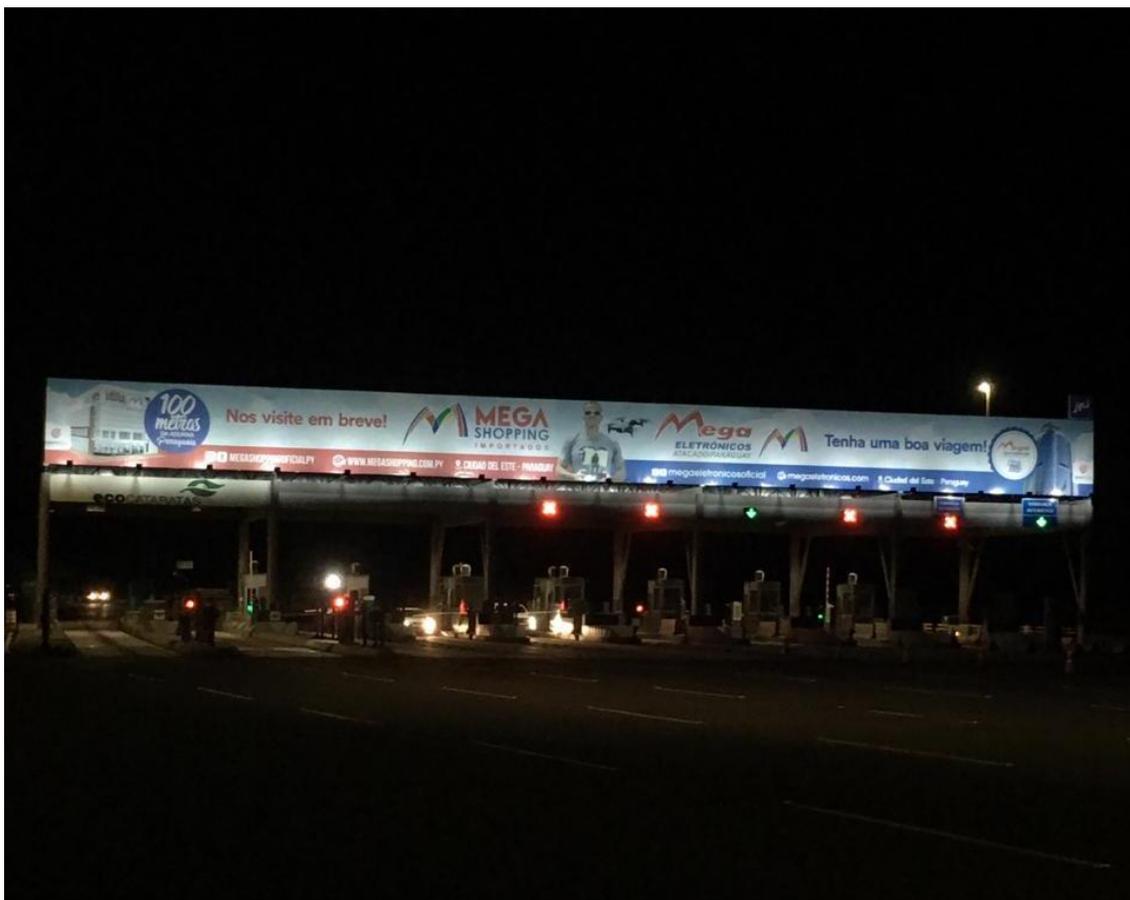
Além de que essas pessoas podem devem ter contatos que realizem, ou elas próprias podem realizar o contrabando/descaminho pela fronteira na hora de passar com essas mercadorias vindas do Brasil.

São estabelecidas outros tipos de redes dentro do comércio de mercadorias vindas do Brasil para serem revendidas no Paraguai, e não apenas aquelas já citadas anteriormente entre os comerciantes brasileiros e paraguaios, há outras pessoas envolvidas nesse transporte e comércio de mercadorias, que encontrou uma maneira de lucrar com isso.

### **III.III O lado paraguaio da fronteira e os consumidores de Foz do Iguaçu: centro comercial de Ciudad del Este**

Durante o trajeto pela BR-277 antes de chegar a Foz do Iguaçu já era possível observamos propagandas de estabelecimentos em CDE, como uma forma de alertar os viajantes que por ali estão passando de que o Paraguai e a possibilidade de compras se aproximam.

Figura 29 - Propaganda do Mega Shopping em um pedágio na BR-277



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Neste caso tratava-se da propaganda de um shopping localizado em Ciudad del Este que comercializa em sua maioria eletroeletrônicos, em um pedágio situado ao longo da BR-277.

A caminho da Ponte da Amizade que liga os dois municípios fronteiriços (Foz do Iguaçu e Ciudad del Este), também foi possível identificar propagandas dos principais produtos comercializados no Paraguai, ou pelo menos dos mais procurados por brasileiros, os eletroeletrônicos.

A disputa pelo melhor lugar e o pelo melhor *marketing* para atrair consumidores é nítida ao se aproximar da Ponte da Amizade. Há *outdoor* com imagens de jogadores brasileiros buscando chamar a atenção de quem passa por ali.

Figura 30 - Propaganda de loja paraguaia usando a imagem de jogador brasileiro



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Cruzamos a ponte da amizade algumas vezes, foram quatro vezes caminhando, fomos de ônibus circular que pegamos no centro de Foz do Iguaçu até a Receita Federal brasileira e depois cruzamos a fronteira a pé; em outra vez deixamos o carro em um dos inúmeros estacionamentos na Vila Portes e fomos caminhando.

Outras duas vezes fomos de ônibus paraguaio que pegamos em Foz do Iguaçu, próxima ao centro. Pagamos a passagem em guarani e ele fez todo o trajeto até o final do centro comercial de Ciudad del Este, onde saltamos, pois o ônibus seguiria para outros bairros do município.

Este ônibus que saía do centro de Foz do Iguaçu e ia para Ciudad del Este não foi parada nas aduanas da fronteira nenhuma vez, a passagem estava algo em torno de 5 reais.

Ao passarmos andando também não fomos parados, mas algumas pessoas que também atravessavam tiveram suas mochilas revistadas, além de carros que eram parados do lado brasileiro e no paraguaio a todo instante.

A fiscalização estava presente, embora não tão ativa quanto esperávamos, porém havia sempre policiais federais armados circulando pela ponte junto com guardas paraguaios. Também estava presente um caminhão da Receita Federal com Raio X do lado brasileiro (Figura 31).

A presença de guardas armados circulando pela fronteira nos remeteu ao que Raffestin (1993, p. 168) escreveu, quando abordou a questão dizendo a “função de controle tem por dever inspecionar a circulação dos homens, dos bens e da informação de uma maneira geral”. Assim:

Todas as fronteiras internas estão investidas da função legal, quer se trate de uma pequena ou de uma grande unidade territorial. Função legal que pode se reduzir a um conjunto de regulamentos, por exemplo, ou então de leis (RAFFESTIN, 1993, p. 168).

Ainda, segundo o pensamento do autor, a funcionalização ou desfuncionalização das fronteiras atinge diretamente o espaço e o social em seu entorno, que podemos relacionar com o cotidiano das pessoas que ali vivem, isto é, as leis quando instauradas ou repensadas afetam diretamente a vida da sociedade de determinada região.

Figura 31 - Caminhão de raio x da Receita Federal brasileira



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O clima ficava um pouco mais tenso conforme ia anoitecendo, por volta das 17hrs e 18hrs todos atravessam a fronteira muito rapidamente. O número de policiais aumentava e o fluxo de automóveis saindo do Paraguai também.

Em compensação o número de caminhões vindos do Brasil era grande, muitos deles transportavam maquinário agrícola de última geração.

Também conseguimos identificar trabalhadores que cruzavam a fronteira com uniformes, principalmente depois que a maior parte do comércio em Ciudad del Este era fechado, por volta das 16hrs, todos sempre muito apressados.

Vimos jovens brasileiros que trabalhavam no comércio paraguaio que voltavam andando pela ponte; assim que chegavam ao Brasil paravam para pegar um moto táxi num ponto ao lado da Receita Federal, outros seguiam até as lanchonetes próximas para se alimentar e depois iam pegar ônibus.

Na imagem abaixo (Figura 31) é possível observarmos um restaurante, “Doce Tempero”, próximo a Ponte da Amizade, localizado na Vila Portes em Foz do Iguaçu; os motos táxis em um número considerável, e logo acima um *outdoor* com a propaganda de uma loja em Ciudad del Este, a “MultiShop”.

Figura 32 - Restaurante, Moto táxi e Outdoor com propaganda paraguaia



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

O estabelecimento “MultiShop” é um dos mais populares Shoppings de eletroeletrônicos de Ciudad del Este.

Ao visitarmos o centro comercial da cidade que abrange parte do “Barrio Centro” e parte “Barrio San Blas”, foi decidido então que percorreríamos todas as ruas num primeiro momento, observando quais eram os principais produtos comercializados.

Subimos a avenida principal, Avenida San Blas, até a praça central em que a mesma se encontra com a Rua Capitán Miranda e com a Avenida Gral Bernardino Caballero. Escolhemos as ruas que continham a maior concentração de estabelecimentos e de fluxos de pessoas para analisarmos.

Trata-se de ruas localizadas na área central de Ciudad del Este, visto que o município se desenvolveu a partir deste comércio fronteiriço.

Figura 33 - Perímetro analisado no centro comercial de Ciudad del Este

### **Perímetro urbano entre os bairros San Blas e Centro, Ciudad del Este - PY**



Fonte: Camila Manoel pereira adaptado de Google Maps (2019).

Todas as ruas que visitamos localizam-se dentro do perímetro urbano do centro comercial em Ciudad del Este; algumas estão um pouco mais distantes da ponte da Amizade, mas ainda assim, correspondem a área comercial (Figura 32).

Daremos ênfase nos estabelecimentos fixos. Assim não discutiremos as barraquinhas e os vendedores ambulantes. Identificamos a necessidade de fazer esse

recorte, por se tratar de grandes fluxos de mercadorias e pessoas, fazendo-se impossível mapear todos os tipos de comércios presentes na fronteira.

Em Ciudad del Este encontramos dificultadas em estabelecer diálogos com os vendedores e proprietários das lojas, pois o movimento era intenso e logo que eles percebiam que não estávamos ali para comprar iam se distanciando como se não tivessem tempo a perder com outra distração que não fosse os reais consumidores.

Entrávamos nas lojas e demonstrávamos interesse sobre algum produto e em seguida fazíamos perguntas como: “qual a origem desse produto, você sabe me dizer?”, “vem muita gente de Foz do Iguaçu consumir aqui?”, “o que os moradores de Foz do Iguaçu gostam de comprar?” ou “vocês conseguem reconhecer quando a pessoa mora na fronteira?”.

E a resposta para a última pergunta muitas vezes foi positiva, alguns vendedores paraguaios justificaram sua resposta dizendo que dava para saber que se tratava de morador fronteiriço pela forma com que se comunicava com eles.

Segundo um dos vendedores de uma loja de artigos para cabelos, quem era da fronteira mesmo sendo brasileiro respondia em espanhol quando abordado e fazia uso de frases como: “*No, gracias*” ou “*gracias amigo*”.

Pessoas vindas de fora da fronteira normalmente respondiam em português, isto é, não faziam esforço para se comunicar em espanhol. Os paraguaios que tinham interesse em vender é que tinham que se esforçar para falar a língua estrangeira mesmo estando em seu território nacional.

Este fato se mostrou verídico ao sermos confundidos com moradores de Foz do Iguaçu em alguns momentos por estar falando em espanhol e/ou portunhol.

Em outro momento fomos confundidos com argentinos, e até com estudantes brasileiros que cursam medicina no Paraguai.

Outro fato interessante é a presença de brasileiros que buscam cursar uma faculdade no Paraguai, principalmente medicina<sup>34</sup>. Isso está se tornando tão corriqueiro que os próprios paraguaios ao verem brasileiros tentando falar espanhol já deduzem que são estudantes de medicina.

---

<sup>34</sup> Ao todo Ciudad del Este conta com a presença de quatro faculdades de medicina, a UPAP (Universidad Politécnica y Artística del Paraguay); a Universidad UnInter; Universidad María Serrana; Faculdade de Medicina do Paraguai. Em Foz do Iguaçu temos a UNILA (Universidade Federal da Integração Latina Americana); Faculdade Ebramec Foz do Iguaçu e uma unidade da Faculdade de Medicina no Paraguai.

Quando estava a bordo do ônibus esperando para atravessar a ponte rumo a Ciudad del Este, pude observar um carro com a Placa de Ji-Paraná – RO também tentando passar pela Receita Federal, nele havia um adesivo escrito “Medicina U.P.E”.

Se analisarmos deste modo, a procura de brasileiros por cursos de graduação no Paraguai abre outro campo de interação, pois constatamos que há cursos de medicina oferecidos por universidades paraguaias em Foz do Iguazu.

Figura 34 - Carro com placa de Rondônia e adesivo da U.P.E



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

A sigla U.P.E. se caracteriza uma abreviação de Universidad Privada Del Este, como o próprio nome demonstra fica em Ciudad del Este, e oferece o curso de medicina recebendo estudantes de todas as regiões, inclusive da região Norte do Brasil como nos mostra a imagem.

Lamberti (2006) explica que os cursos de graduação no Paraguai “atraem estudantes brasileiros diante dos preços das mensalidades serem inferiores aos praticados nas universidades brasileiras, mesmo sabendo-se que o reconhecimento dessa titulação no Brasil ainda não é uma realidade”.

Algumas dessas universidades se localizam próximas do centro comercial de Ciudad del Este, isto significa que estão perto da fronteira com o Brasil para atrair estudantes brasileiros.

Ao iniciar o trabalho de campo escolhemos como ponto de referência a Avenida San Blas, que se caracteriza como avenida principal que corta o centro comercial de Ciudad del Este. Ao iniciarmos nossa caminhada fomos inúmeras vezes abordados por pessoas que estavam pelas ruas fazendo propagandas de estabelecimentos, ao que pude perceber não se tratavam de brasileiros, mas sim paraguaios.

Essas pessoas entregavam panfletos com ofertas e vez ou outra, éramos puxados pelo braço para ir até a tal loja que estava em promoção, ou então, a pessoa insistia para nos acompanhar até a loja falando do tipo: “Patroa, vamos chegar, olhar a loja”.

Figura 35 - Alguns panfletos de propaganda distribuídos em Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Seguindo o mesmo modelo que utilizado na Vila Porte, selecionamos as principais ruas para serem analisadas. O número de ruas foi maior dessa vez porque o círculo comercial era muito maior, assim como o fluxo de pessoas e mercadorias.



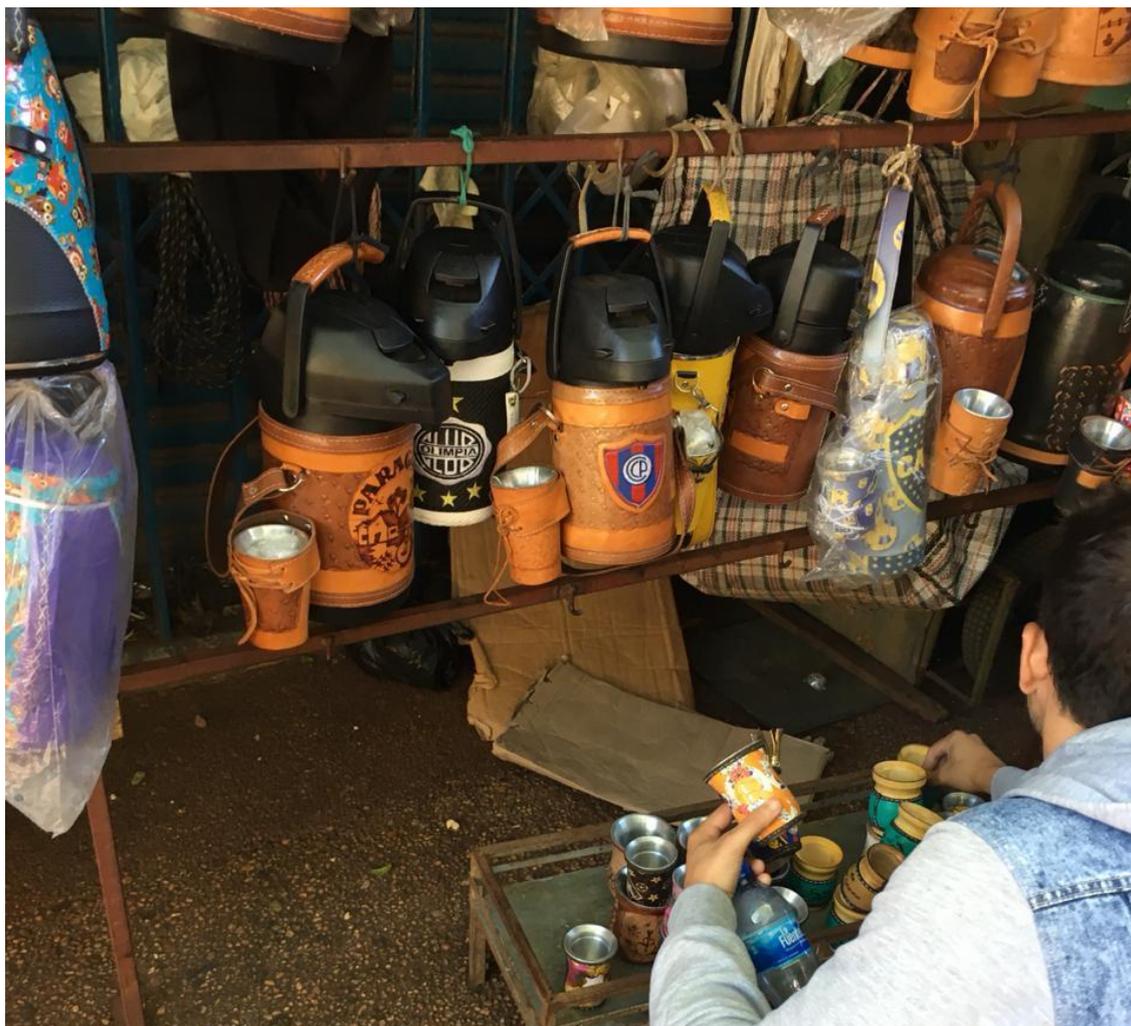
A grande maioria eram lojas de roupas, totalizando trinta e uma lojas, eletroeletrônicos eram quatorze lojas, e, em terceiro lugar vinham os calçados, seguido pelos cosméticos, com onze e sete estabelecimentos respectivamente.

As galerias possuíam lojas semelhantes àquelas encontradas nas ruas em relação aos produtos que eram comercializados, a grande maioria era de cosméticos, roupas de marcas estrangeiras e os eletroeletrônicos.

Conforme íamos adentrando CDE e nos afastando da zona central as lojas iam mudando de características e de mercadorias, perdendo a aparecendo de lojas modernas com produtos de última geração.

Quanto mais perto da Rua Capitán Miranda estávamos, mais os produtos ganhavam identidades paraguaias, como, por exemplo, emblemas de times de futebol em garrafas térmicas comercializadas na calçada.

Figura 37 - Garrafas com os escudos do Cerro Porteño e Club Olimpia



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Acredita-se que essa mudança ocorra porque os consumidores também mudam. Quem consome em lojas fora do eixo central do município são os moradores locais.

Ao conversamos com uma vendedora brasileira de uma loja de eletroeletrônicos, ela nos disse que a maioria dos consumidores do centro comercial são brasileiros e alguns argentinos, já paraguaios era difícil encontrar consumindo naquela região.

A rua paralela à Avenida San Blas que também corta a área central é a Monseñor Rodrigues, em que a maior parte das lojas era de eletroeletrônicos e roupas. Porém nota-se que nessa rua tinha alguns estabelecimentos que divergiam da rua anterior.

Havia lojas de autosserviços, duas casas de câmbio e quatro lojas que vendiam suplementos alimentares, mostrando-nos que a procura dos brasileiros por esse tipo de produto tem aumentado.

Como no restante do centro comercial havia também lojas de cosméticos. Encontramos alguns *shoppings*, o “Monalisa Store” e *shopping* Internacional, onde a grande parte das lojas comercializa eletroeletrônicos e cosméticos.

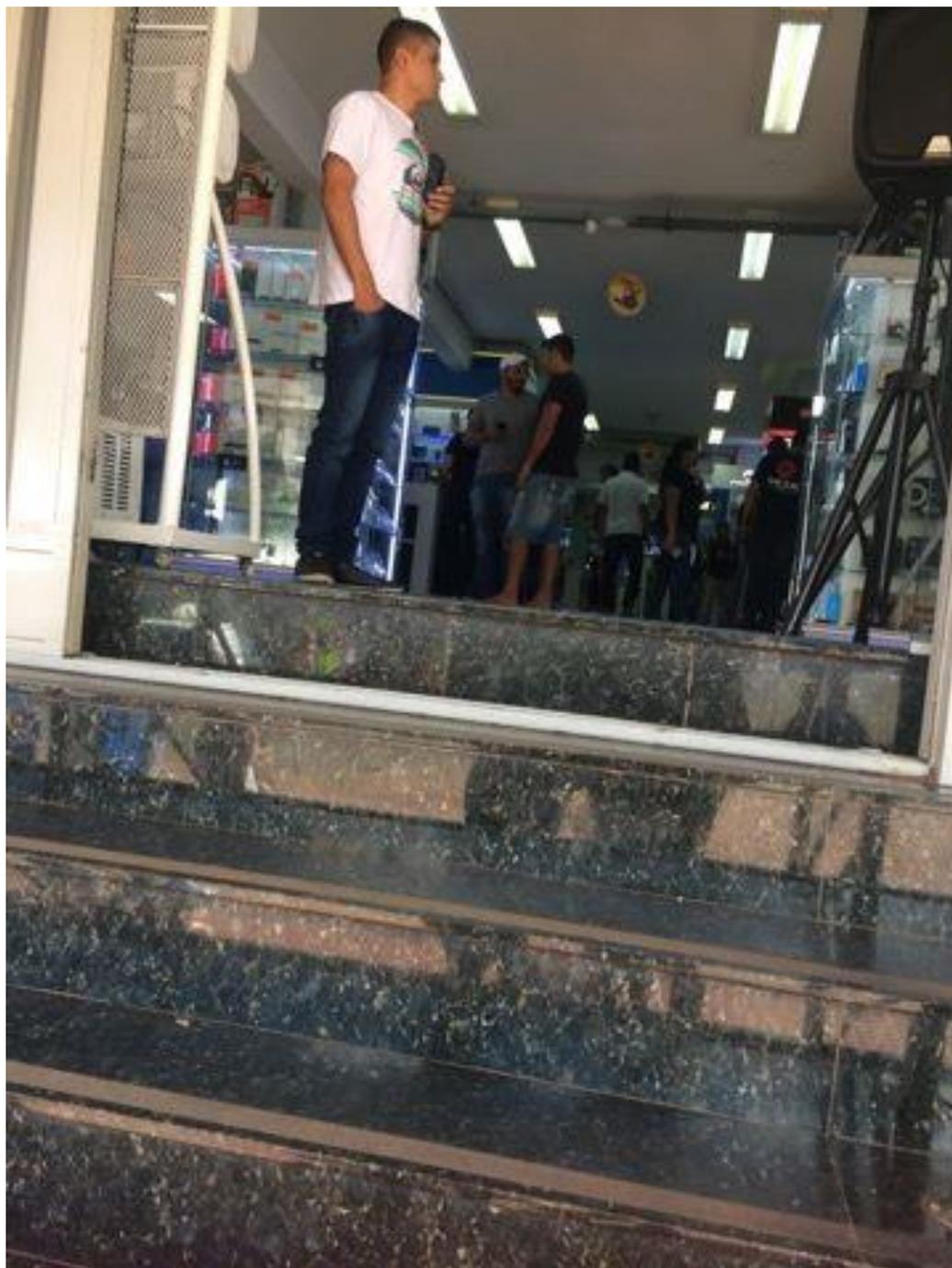
Também encontramos grandes casas comerciais, como “Casa Marcelo” que vendia ferramentas de construção, a “Lai-Lai Center” que vendia eletroeletrônicos, a casa “Nissei”, a “Hijazi”, também de eletroeletrônicos.

E a “Xiaoni”, nessa última entramos, pois havia um movimento enorme, muitas pessoas compramos na loja. Fui atendida por uma jovem vendedora brasileira que me informou que não era permitido fotografar e filmar dentro do estabelecimento.

Perguntei sobre o que estava acontecendo. Segunda ela, eram uma grande promoção de toda a loja e que algumas pessoas tinham vindo a Ciudad del Este só por conta dessa promoção.

O dono da loja era chinês, lá se encontrava todas as marcas de *smartphones*, Apple, Samsung, LG, Motorola e Xiaomi, havia *notebooks*, *smartwatches* os novos relógios da moda, câmeras fotográficas, *drones*, *tablets*, *videogames*, jogos, lentes para câmeras, aparelhos de ar-condicionado, entre outros produtos.

Figura 38 - Entrada da loja Xiaoni



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

A vendedora nos disse ainda que “com certeza, a maioria dos clientes são brasileiros”, mas não soube nos dizer com clareza se muitos eram residentes em Foz do Iguaçu.

Entretanto, por ser uma moradora fronteiriça disse-nos que muitas pessoas do município brasileiro vinham consumir na loja sim.

Durante a terceira visita a campo passamos novamente pela loja, e um ano depois em um dia sem promoções havia poucas pessoas no estabelecimento, o movimento era tranquilo.

Voltando a Rua Monseñor Rodriguez outro fato nos chamou a atenção, somente nesta rua encontramos três bancas que vendiam *CD's* com jogos para *videogame* e três barracas de *DVD's*, mas adiante havia uma loja grande de jogos a “Atacado Game”.

A dificuldade em encontrar vendedores desses artigos (*CD's* e *DVD's*) nos leva a perceber que o foco do comércio em Ciudad del Este atualmente é outro.

No final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 o que mais se comercializava eram os *CD's* e *DVD's*. Como afirma Machado (2004), esse era o tipo de mercadoria que mais entrava no Brasil via Paraguai.

Hoje o comércio encontra-se todo voltado para produtos de marcas importadas vindos de outros países, como, Apple, Samsung, Adidas, Nike, Chanel e Louis Vuitton que são comercializados no Brasil a um preço muito alto levando o brasileiro a comprar no país vizinho, embora a maioria dos estabelecimentos ainda exija o pagamento em dinheiro vivo compensa para os consumidores.

Na Avenida Gral Bernardino Caballero, localizada um pouco mais adentro de Ciudad del Este afastada do centro principal, nem todos os estabelecimentos vendiam algo e os que o faziam eram lojas de roupas comuns e não de marcas famosas.

Entramos em uma dessas lojas e percebemos que as vendedoras eram paraguaias, ao perguntarmos se muitos brasileiros costumavam comprar ali uma delas nos respondeu que não era comum, mas que aceitavam o pagamento em Real.

Após andar algumas quadras pela avenida descemos novamente em direção a Ponte da Amizade pela Rua Pa'i Perez, essa também com o comércio um pouco mais diversificado. Havia duas óticas, loja de *piercings*, casino, bancos e uma loja de vestidos para festas e tecidos.

Mas o que nos chamou atenção mesmo foram os estabelecimentos asiáticos, nessa localidade havia três casas de massagem, casa de plásticos “Yang” e vários restaurantes asiáticos.

E ao virarmos à esquerda na Rua Abay, o cenário havia mudado e a impressão que tivemos é de não estávamos mais no Paraguai, pois havia muitos restaurantes de comidas chinesas, lojas de ervas asiáticas, além de ser uma rua muito arborizada, com canteiros de flores e escritas em chinês.

Figura 39 - Rua Abay em Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Nessa mesma rua encontra-se a loja Chenson Central muito procurada por brasileiros por vender bolsas de marcas famosas e artigos de luxo, um pouco mais atrás está o *shopping* “Global Center” todo voltado ao público asiático ou adeptos da cultura, pois são vendidos produtos específicos do continente, inclusive, por este motivo as pessoas costumam ir até lá.

Nos estabelecimentos do *shopping* que estramos, não encontramos nenhum vendedor brasileiro. Apenas paraguaios e muitos chineses que só falavam em inglês e a sua língua materna o que dificultou a comunicação.

Entretanto ao entrar em uma loja que vendia produtos alimentícios havia um anúncio de vaga para trabalho escrito em espanhol que continha o valor do salário<sup>35</sup> em Guarani, o que indica que procuravam por trabalhadores paraguaios para facilitar no atender aos clientes.

Figura 40 - Anúncio do trabalho na loja chinesa no Shopping Global Center



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

<sup>35</sup> O salário estava em torno de 2.041.5123,00, isto é, 1.259,12 reais (Outubro de 2018).

Na Avenida Adrián Jara, observamos algumas relojoarias, sendo uma delas Seiko, mas o que mais contabilizamos foram lojas de roupas, sete no total, e seis casas câmbios para troca de moedas, seguido de estabelecimentos comerciais de eletroeletrônicos e calçados.

Nessa mesma avenida encontramos uma farmácia “FarmaCenter” uma das poucas se não a única do centro comercial de Ciudad del Este. Havia uma loja de instrumentos musicais, uma das poucas também que observamos durante a caminhada pelo centro.

Um fato interessante é que havia muitos estabelecimentos comercializando bebidas alcoólicas nessa avenida, mais do que em outra rua que andamos. Parece-nos que certos estabelecimentos com o mesmo tipo de mercadoria se instalam próximo uns aos outros, o que de certa forma facilita a venda do produto, já os compradores sabem exatamente aonde procurar, além de facilidade de comparação de preços.

A densidade e a distribuição das lojas estão calcadas nas possibilidades de deslocamento a pé da clientela. De outro lado, a dimensão dos comércios é uma adaptação a um consumo pequeno e irregular. (SANTOS, 2004, p. 214).

Essa proximidade entre estabelecimentos que comercializam as mesmas mercadorias pode estar relacionada com a mobilidade dos clientes, buscando facilitar a procura e o consumo, pois a maioria caminha a pé pelo centro.

Enquanto subíamos a Adrián Jara em direção apostamos ao centro suas características da avenida, dos estabelecimentos também iam se alterando. Já próxima, a Gral Bernardino, havia algumas lojas de roupas, que aqui vamos chamar de “comuns” por não se tratar de roupas de grifes famosas.

Loja de bijuterias, casa de câmbio, um café bar, hotel, banco, prédios residenciais e salão de beleza, bem diferente da paisagem do início da rua no centro comercial.

Figura 41 - Rua Adrián Jara próxima a Gral Bernardino



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Na imagem (Figura 41) pode-se observar a presença de edifícios residenciais à esquerda, muitos carros estacionados e um movimento típico de uma rua qualquer, sem aglomerações de pessoas e barraquinhas nas calçadas.

A primeira impressão que temos ao sair da Ponte da Amizade é de total bagunça da Rua Adrián Jara, não dá para imaginar que essa mesma rua abrigaria prédios residenciais e se tornaria limpa e arborizada.

Figura 42 - Rua Adrián Jara no centro comercial de Ciudad del Este



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

A mudança da paisagem em poucos quarteirões de rua é significativa, o que possibilita de certa forma que empresários possam morar próximos aos seus estabelecimentos comerciais.

Principalmente, empresários chineses, pois observamos edifícios residenciais, restaurantes, *shopping* e salões de beleza de origem chinesa presentes nessa região.

Pinheiro-Machado (2009) salienta que esses estabelecimentos chineses em Ciudad del Leste não foram abertos com a intenção de atender os turistas, mas sim os próprios chineses e taiwaneses que vivem no município.

Outras ruas pelas quais passamos no centro ao caminhar pela Adrián Jara foram, a Rubio Ñu, Itá Ybaté, Regimiento Piribebuy, ruas cheias de estabelecimentos comerciais dos mais variados tipos.

Na Avenida Carlos Antonio López havia o shopping Mini Mundo, Multishop e lojas de cosméticos e eletrônicos.

Subindo passamos pela Calle Boquerón, com seus salões de beleza e “peluqueras”, chaveiro 24hrs, prédio residencial casa de câmbio “Money.com” e uma mesquita.

Na Rua Curupayty encontramos casas de jogos e bingos, pois como falado anteriormente quanto mais fora centro, menos lojas encontrávamos. Também percorremos por curiosidade as ruas Nanawa e a Pampliega.

Voltando ao nosso ponto referência a Avenida San Blas, partimos em caminhada pelas ruas que estão atrás dela. Uma das ruas que percorremos não possuía placa com identificação, e depois de procurar em outros meios informacionais descobrimos que a mesma se chama Camilo Recalde.

Trata-se de uma rua com muitas lojas de roupas, cerca de vinte e nove, seguida de onze comércios de eletroeletrônico, dezesseis borracharias vendendo pneus e calotas, e nove estabelecimentos de venda de peças para automóveis. Este tipo de comércio ligado a automóveis não vemos espalhado por todo o centro, a maioria está concentrada nessa rua em específico.

Figura 43 - Rua Camilo Recalde e alguns estabelecimentos comerciais



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Também encontramos comércio de cigarros, lavanderias, peças para bicicletas, muitas lojas que comercializavam mantas de frio, produtos alimentícios, tecidos e papelaria.

Na Camilo Recalde, encontra-se o Roma Shop com eletrônicos de grande porte, nessa mesma rua está o Shopping Americana onde a maioria das lojas vendem roupas e calçados.

A Casa Bariloche também se encontra na mesma rua, comercializando eletroeletrônicos, há um total de três lojas de lingerie, uma de artigos para pesca, outra de medicamentos e cosméticos.

A Rua Regimiento Sauce, é um pouco menor que as demais, porém conta com alguns estabelecimentos que mais lembrava armazéns de mercadorias, apenas uma loja de roupa, algumas barracas comerciais e um quiosque de açaí, o único que encontramos em todo o centro.

A próxima rua que caminhamos, era a Emiliano M Fernandez, havia cinco estabelecimentos que comercializam tapete e alguns que vendiam roupas, tecidos e mantas. O que a difere das demais ruas são os comércios de produtos de limpeza.

Além desses já citados, a maioria dos estabelecimentos dessa rua eram galpões usados para guardar mercadorias que seriam repassadas para as lojas. Foi possível observar muitos pacotes embalados, fardos fechados, produtos de atacado e farejo.

O único estabelecimento de grande porte presente nessa rua era o “Terra Nova”, onde os principais produtos são os de beleza, cosméticos de marcas estrangeiras, até mesmo chinesas.

Todos os produtos possuíam etiquetas com o preço em dólar apenas perguntando as vendedoras quanto custava em real é que éramos informados, embora, o estabelecimento aceitasse o real como pagamento, igual a todas as lojas do comércio de Ciudad del Este.

Encontramos duas vendedoras brasileiras que aparentavam ter pouca idade, todas as vendedoras eram muito bem maquiadas, penteadas, bonitas e jovens. Usavam uniforme da loja, isso acontecia em todos os estabelecimentos maiores, nas lojas menores os vendedores trajavam roupas comuns.

Na Rua Emiliano M. Fernandez havia algumas lojas de doces, a “Alladin”, “Dulce Lar” e “Candy Shop”, duas lojas de pneus importados, uma loja de venda de motos e peças para as mesmas.

Tinha a loja Kamamya e Tokyo que comercializa eletrônicos grandes, como, máquinas de lavar, televisores, aparelhos de ar-condicionado entre outros.

Também visitamos as ruas Coronel Toledo e Coronel Mangelas, onde a grande parte dos estabelecimentos era de vestuários e mantas.

Já na Rua Capitán Miranda, que é como uma “extensão” da grande Avenida Gral Bernardino Caballero, no início há uma Farmácia, loja de eletrônicos de grande porte, duas lojas de roupas, dois comércios alimentício e uma mercearia.

Figura 44 - Placa de identificação na Rua Capitán Miranda



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Uma loja de erva mate e derivados, joalheria, uma loja de cosméticos, uma de materiais de construção, mas comparado às demais, havia poucos estabelecimentos comerciais e conforme fomos caminhando por ela notamos que iam diminuindo cada vez mais, e ao se transformar em Avenida havia um mercado chamado “Arco-Iris”.

Entrando nesse supermercado constatamos que a maioria dos clientes era a população local, entretanto eles aceitavam o pagamento em real, como na maioria dos estabelecimentos.

Por todo centro há muitos *Shoppings* e Galerias comerciais, as barraquinhas de rua resistem através dos anos, mas a número desses grandes estabelecimentos têm ganhado espaço.

Vistamos a Casa China, onde a maioria das lojas vendia eletroeletrônicos e artigos para casas; a Galeria Br Center, em que os principais produtos comercializados nas lojas são roupas, bolsas e tecidos; o *Shopping* La Paloma com roupas; a Galeria Gofer, que comercializa roupas e calçados; Galeria Ebraz com tecidos, roupas e malas; Galeria Asunción com tecidos e roupas; Casa Armazén, a principal mercadoria vendida são roupas; Shopping Vênus vende roupas; e a Chazaqui que o principal também é a venda de roupas.

Nesses grandes estabelecimentos é comum encontrar brasileiros trabalhando, principalmente, mulheres jovens como vendedoras. Os homens ficam principalmente na rua fazendo propaganda das lojas, ou como vendedores ambulantes, no transporte de mercadorias pela ponte e como carregador ou motorista, para isso não se exige que sejam jovens com boa aparência.

Por todo o comércio, mesmo tendo o preço dos produtos cotados em dólar são aceitos pagamento em reais, além das inúmeras casas de câmbios espalhadas por todo o centro e os próprios cambistas.

São inúmeros cambistas que ficam sentados pelo centro, principalmente, no final do centro comercial na Avenida San Blas, estão sempre gesticulando com as mãos e fazendo sinais de dinheiro para chamar a atenção das pessoas, normalmente, se trata de homens mais velhos.

Figura 45 – Cambistas à espera de clientes na Avenida San Blas



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Ficam em seus postos desde a hora que o comércio abre até o momento em que fecham as lojas, trocando dinheiro para as pessoas que vêm consumir, até durante o feriado de Sexta-feira santa, onde a maioria das lojas não abriram alguns cambistas estavam presentes no centro a espera de consumidores estrangeiros para trocar suas moedas.

Outro aspecto importante são as músicas que conseguimos identificar no centro de Ciudad del Este, algumas lojas tocavam Reggaeton, mas o que mais ouvimos era o Funk carioca<sup>36</sup>, foi possível ouvir um carro tocando até Mega Funk que é um derivado do Funk com batidas eletrônicas.

Além do sertanejo tocado em muitas lojas pelas quais passamos, assim como no Brasil os donos das lojas usam dos estilos musicais para agradar os consumidores que visam atrair.

Em uma conversa informal com uma moradora de Foz do Iguaçu, ela nos disse que ia sempre a Ciudad del Este comprar maquiagens e perfumes de marcas famosas porque lá era "muito mais barato" nas palavras dela, e que também comprava de algumas marcas que ela só encontrava lá, como, a Miss Rosê.

Ela também nos mostrou o celular que havia comprado há pouco de uma marca chinesa e que segundo ela era a nova sensação do momento, pois era muito parecido com o Iphone da Apple, mas que o preço era bem mais baixo.

"Por 500 reais, você compra o último modelo que saiu, olha como a câmera dele é boa!" Nos disse a moradora enquanto mostrava as fotos que havia tirado com o celular. Ao continuar com a conversa fomos informados que ela e o marido possuem uma "lojinha online", como a mesma disse.

Nessa lojinha ela faz anúncio online via Instagram<sup>37</sup> de produtos de beleza, cosméticos, bolsas e eletroeletrônicos pequenos, como, celular, *tablet* entre outros, o consumidor deposita o dinheiro do produto que deseja adquirir em sua conta corrente, a mesma vai até CDE e realiza a compra da mercadoria no estabelecimento mais barato que encontrar. Traz até Foz do Iguaçu em seu próprio automóvel.

Por possuir uma lojinha e ser considerada microempresária ela consegue gerar notas fiscais de compras e enviar os produtos através dos correios para todo o Brasil.

Já houve casos que segundo ela, teve que embalar muito bem a mercadoria e colocar em uma caixa que indicava ser de outro produto para conseguir enviar pelo correio.

Também já aconteceu de a mesma perder a mercadoria ao passar pela Receita Federal, mas nos disse que como moradora de Foz ela sabe quais os melhores dias e épocas do ano para passar pela ponte com os produtos sem correr o risco de perder algo.

---

<sup>36</sup> O funk carioca que nos referíamos é um estilo musical oriundo dos bairros periféricos do estado do Rio de Janeiro, no Brasil; ([https://www.pt.wikipedia.org/wiki/funk\\_carioca](https://www.pt.wikipedia.org/wiki/funk_carioca)). Acesso em: 17/Dezembro/2018.

<sup>37</sup> Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

Roupas e calçados ela comprava se houvesse interesse em uma marca específica, e para consumo próprio da família, não para revender em sua loja virtual.

Em conversa com outra moradora do município brasileiro fomos informados do que ela em particular prefere comprar eletrônicos, bolsas e alguns produtos alimentícios para o consumo próprio e dos familiares.

Em uma terceira conversa dessa vez com um estudante da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), sobre os artigos que ele enquanto jovem morando da fronteira costumava comprar em CDE, ele nos informou que seus pertences eletrônicos, como celular, *notebook*, caixa de som, *Kindle* foram comprados lá, mas que também costumava comprar algumas roupas de marcas famosas, como Adidas e Nike, além de produtos alimentícios que não encontrava com facilidade em Foz do Iguaçu, principalmente doces e bebidas.

E que no seu caso ele costumava atravessar a fronteira caminhando ou de ônibus que pegava no centro de Foz do Iguaçu, porém isso não acontecia sempre, só ia até lá quando precisava de algo ou quando alguém da família lhe pedia algo, pois a família não morava na fronteira.

Os moradores de Foz do Iguaçu se deslocam até Ciudad del Este para consumir produtos que são comercializados no Brasil. Na maioria dos casos buscam por eletrônicos ou produtos de marca, a classe consumidora é caracterizada por ser média/média alta então procuram por produtos originais ou réplicas de primeira linha.

[...] para a obtenção de produtos até mesmo produzidos no Brasil (não necessariamente empresas brasileiras), cujo preço praticado daquele lado é bastante inferior ao praticado no mercado brasileiro. Essa situação decorre do tratamento dado aos produtos brasileiros que passam pelo processo de exportação e correspondem a produtos de todas as categorias (LAMBERTI, 2006, p. 66).

No site da Receita Federal não estava disponível o balanço geral de mercadorias apreendidas em todo o ano de 2018, havia apenas o de 2017. Todavia uma matéria encontrada no site levava o seguinte título “Receita Federal em Foz do Iguaçu apreende mais de US\$ 80 milhões de mercadorias no ano de 2017”.

O valor acima compreende as apreensões realizadas no âmbito de toda a jurisdição da Alfândega, que se estende desde Foz do Iguaçu/PR até Guaíra/PR, abrangendo toda a região lindeira ao lago de Itaipu (fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai). Vale destacar que estes números englobam também as mercadorias recebidas de outras instituições parceiras que atuam no combate ao contrabando e descaminho, tais como Polícia

Não foi possível encontrar dados específicos que mostrem as apreensões realizadas apenas em moradores de Foz do Iguaçu. Na tabela 5 fica evidente quais os tipos de produtos foram apreendidos em grandes quantidades.

Tabela 5 - Mercadorias apreendidas em Foz do Iguaçu em 2017 e 2016

**RESULTADO DA FISCALIZAÇÃO (Apreensões de mercadorias)**

<i>Tipo de Mercadoria</i>	<b>Valores em US\$</b>		<b>Participação % no período 2017</b>	<b>Evolução % em relação a 2016</b>
	<b>2017</b>	<b>2016</b>		
<i>Bebidas</i>	587.645,00	267.566,00	0,73%	120%
<i>Brinquedos</i>	1.148.058,00	550.114,00	1,43%	109%
<i>Cigarros</i>	30.574.102,00	37.885.575,00	38,15%	-19%
<i>Eletrônicos</i>	18.216.358,00	7.874.093,00	22,73%	131%
<i>Informática</i>	6.347.797,00	2.981.384,00	7,92%	113%
<i>Medicamentos</i>	1.390.358,00	669.167,00	1,73%	108%
<i>Mídia Ótica Gravada</i>	149.802,00	76.395,00	0,19%	96%
<i>Mídia Ótica Virgem</i>	4.131,00	8.148,00	0,01%	-49%
<i>Óculos</i>	1.061.281,00	1.030.209,00	1,32%	3%
<i>Perfumes</i>	1.830.690,00	1.196.162,00	2,28%	53%
<i>Relógios</i>	1.244.434,00	606.105,00	1,55%	105%
<i>Vestuário</i>	1.485.805,00	1.113.138,00	1,85%	33%
<i>Outras Mercadorias</i>	8.121.998,00	4.931.002,00	10,14%	65%
<i>Veículos</i>	7.975.454,00	8.245.497,00	9,95%	-3%
<b>TOTAL</b>	<b>80.137.618,00</b>	<b>67.434.555,00</b>	<b>100,00%</b>	<b>19%</b>

Fonte: Camila Manoel Pereira adaptado de Receita Federal (2018).

Entre as mercadorias mais apreendidas estão os eletroeletrônicos que constatamos durante trabalho de campo ser um dos produtos mais procurados no Paraguai pelos moradores da fronteira.

### III.IV Visita à prefeitura municipal de Foz do Iguaçu – PR

Pensando a respeito do deslocamento dos moradores de Foz do Iguaçu para consumir em Ciudad del Este, fomos até a prefeitura municipal da cidade brasileira para

<sup>38</sup> Notícia: “Receita Federal em Foz do Iguaçu...” Publicado no site da Receita Federal em 10 de Janeiro de 2018; (<http://receita.economia.gov.br/sobre/acoes-e-programas/acoes-da-receita-federal/noticias/2018/janeiro-1/9a-regiao-fiscal/alf-foz-do-iguacu-apreende-mais-de-us-80-milhoes-de-mercadorias-no-ano-de-2017>) Acesso em: 21/Dezembro/2018.

averiguar se havia alguma proposta do prefeito em prol do comércio local e em detrimento da forte atração comercial exercida pelo município paraguaio.

O prefeito atual em Foz do Iguaçu é Chico Brasileiro (2018-2022), e sem maiores problemas conseguimos conversar com o chefe de gabinete, conhecido como, Carlito. De acordo com ele não existe nenhuma lei municipal específica a respeito do consumo dos moradores de Foz em Ciudad del Este, e nenhum estímulo aos comerciantes locais, apenas a isenção de algum imposto, mas nada diferente do que ocorrem nas demais cidades não fronteiriças; em suas palavras “ nada além do que se faz em qualquer outro município por aí”; mas ele diz entender a importância de haver políticas que estimulasse e beneficiasse o comércio local.

Deste modo a única legislação que existe para a fronteira é a imposta pelo governo federal, no esquema de cotas de consumo. Carlito também nos disse que não há nenhum diálogo entre as duas prefeituras, nenhuma aproximação que possibilite alguma melhoria para a vida das populações dos dois municípios.

Em geral, o diálogo entre o poder público municipal das duas cidades acontece de forma não preventiva, ou seja, antevendo ou evitando problemas, e sim de forma emergencial quando o problema chegou em seu estado de estrangulamento (LAMBERTI, 2006, p. 67).

A falta de diálogo entre os municípios vizinhos não permite que eles hajam em conjunto para traçar estratégias que beneficiassem a todos, apenas em casos de extrema necessidade é que faria as respectivas intendências municipais entrarem em contato.

A respeito dos micro e pequenos empresários que é caso de uma das moradoras com quem conversamos, o chefe de gabinete nos disse que a prefeitura cobra uma taxa de 54 reais por mês, e que se enquadrar nesse quesito era necessário ter no máximo dois funcionários, um lucro anual de no máximo 80 mil reais e um escritório, o que a nosso ver torna-se fácil se intitular microempresário.

Segundo ele as únicas medidas que a prefeitura tomou em benefício do comércio foi, em primeiro lugar eles buscam incentivar por meio de preços baixos, propagandas nos meios de comunicação e cursos que os fornecedores/produtores de Foz do Iguaçu vendam seus produtos para empresas locais, com essa medida a prefeitura visa manter o dinheiro circulando dentro do próprio município (em torno de 1.500.000 fixos).

A segunda medida pensada pela prefeitura municipal é a instalação de *FreeShops* com o intuito de fazer com que os turistas que vêm ao município atraídos

pelo turismo ecológico realizem suas compras dentro do Brasil e não nos países vizinhos, e deste modo trazer benefícios para o município.

A prefeitura criou feiras livres para realocar vendedores ambulantes, com o intuito de tornar a atividade exercida por essas pessoas legal, isso significa também, que é proibida a venda de produtos considerados ilegais nessas feiras, produtos vindos do Paraguai sem pagar imposto, mas não há fiscalização de acordo ele.

Figura 46 - Feira livre em Foz do Iguaçu



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Os vendedores paguem um preço consideravelmente baixo no aluguel dos quiosques e para conseguir um é necessária que tenha CPF (Cadastro de Pessoas Físicas) para comprovar que se trata de um cidadão brasileiro.

Ele nos fez uma ressalva interessante, nos disse que quando o Dólar está mais baixo Foz do Iguaçu recebe muitos consumidores dos países vizinhos, o movimento ao contrário ocorre quando o Real é que estava valorizado.

Contudo, durante o terceiro e último trabalho de campo presenciamos uma situação em que o Dólar estava em alta, e o Real valorizado em comparação ao Guarani e nada havia mudado.

Os paraguaios continuavam a vir comprar seus produtos de praxe na Vila Portes, brasileiros continuavam a consumir em Ciudad del Este e argentinos estavam por todo o *Shopping Catuaí*.

Vale ressaltar mais uma vez que de acordo com as pessoas com quem conversamos, o movimento havia diminuído nas semanas do dia 7 e 14 de maio, pois o Dólar estava em torno dos 4,10. Porém desde o início de 2019 até a semana do dia 7 de maio o movimento estava o mesmo de sempre.

Isso nos mostra que a informação repassada pelo funcionário do gabinete do prefeito não condiz com a realidade, pois mesmo com o Dólar alto e o Real valorizado em relação ao Guarani, as pessoas que estão acostumadas a virem sempre ao país vizinho para consumir, continuam indo.

Em 2018 observamos que nos postos de combustíveis dos dois municípios não havia automóveis paraguaios abastecendo em Foz do Iguaçu e nem carros brasileiros nos postos de CDE.

Quando o combustível se encontra mais barato no Paraguai, ou, que o Real está valorizado, brasileiros de Foz do Iguaçu vão abastecer seus automóveis do outro lado da fronteira, quando o cenário está ao contrário, paraguaios vem abastecer em postos brasileiros.

Nessas situações fronteiriças a população acaba vendo compensar mais em determinado momento, levando em consideração a qualidade, a moda, facilidades e os preços para decidir onde consumir. Se a variação da moeda for baixa, sem diferenças gritantes de preços, outros fatores se mostram relevantes no momento da escolha.

A fronteira possibilita inúmeros movimentos e facilidades para a população que nela vive, ela não é apenas, como diz Raffestin (1993), um subconjunto da classe

geral que é o limite, ela pode ser pensada como algo que proporciona oportunidades e dinamismo.

E nesse contexto o leque de possibilidades poderia ser ampliado se houvesse aproximação entre as prefeituras municipais, por exemplo. Visto que juntas poderiam elaborar propostas que trouxessem benefícios aos moradores fronteiriços e que proporcionasse algum respaldo ao comércio local.

A integração fronteiriça pode ser apoiada pelo Estado central ou ser uma iniciativa apenas pelos governos subnacionais, às vezes com objetivos nem sempre contemplados na integração regional (SANT'ANNA, 2013, p. 1220).

Acredita-se, então, que através de propostas federais e/ou municipais pautadas numa possível aproximação, além de trazer benefícios às populações fronteiriças possibilitariam uma futura integração espontânea servindo de base para outras regiões fronteiriças.

Assim sendo, também poderia ampliar as interações espaciais e as redes que já ocorrem naturalmente por meio do comércio, discutiremos mais isso no capítulo a seguir, pois a relação estabelecida por meio do comércio entre paraguaios e brasileiros fronteiriços já proporciona interações espaciais.

Aproximação se dá de tal maneira, que no dia 30 de maio, durante o feriado considerado sexta-feira santa, praticamente todo o comércio da Vila Portes encontrava-se fechado, o mesmo acontecia em Ciudad del Este, algumas lojas dentro dos Shoppings e de Galerias estavam abertas, mas o comércio principal de rua, que não é tão formal, estava fechado.

Algumas pessoas estavam ali para realizar suas compras, mas não se tratava de moradores locais, esses sabiam que apenas uma pequena parte do comércio funcionaria naquele dia.

O mais curioso é que durante a busca por informações sobre as interações que ocorrem entre a população fronteiriça foi encontrado um artigo escrito por um morador de Foz do Iguaçu em seu *blog* pessoal relatando que no feriado do dia 21 de abril <sup>39</sup> por ser feriado nacional a maioria do comércio no município entrava-se fechado.

No entanto, o morador de Foz do Iguaçu ao precisar de uma vela de filtro específica recorreu ao comércio na Vila Portes, por saber que lá encontraria a maior parte dos estabelecimentos comerciais abertos.

---

<sup>39</sup> Dia 21 de abril é comemorado o dia de Tiradentes, e é considerado um feriado nacional no Brasil.

Mas, o que realmente destaco aqui não é a proeza de ter encontrado a vela para o filtro, mas sim o fato de que mesmo sendo um feriado nacional nos dirigimos à Vila Portes porque sabíamos que lá o comércio não se intimida por qualquer coisa, mesmo que essa coisa seja um feriado nacional e com muita chuva e frio... (VIVER EM FOZ DO IGUAÇU, 2014).

A Vila Portes apesar de ser um bairro brasileiro se assemelha muito mais ao comércio em Ciudad del Este, por estar localizada próximo a Ponte da Amizade, por compor o espaço por onde circulam inúmeros estrangeiros, principalmente paraguaios. E por seu comércio ser direcionado a essas pessoas que não se intimidariam com um feriado brasileiro, viriam consumir da mesma maneira.

Com a construção da nova ponte <sup>40</sup> ligando o Brasil com o Paraguai, as relações e os fluxos de mercadorias pela fronteira devem aumentar. Entretanto os governos não demonstraram interesse em tomar medidas que facilitasse essa circulação, pelo contrário, continuam com a mesma política de controle.

O que poderia implicar em novos descaminhos por meio da população e mais dificuldades em controlar por parte das instituições governamentais demandaria também mais recursos para dificultar o movimento fronteiriço ao invés de optar por políticas públicas de aproximação.

Até o momento de elaboração desta pesquisa não houve nenhum posicionamento do governo brasileiro sobre alterar as leis e o modo de agir em relação aos produtos que circulam na fronteira, indicando que permanecerá a mesma política de repressão e apreensão.

Ampliando as possibilidades de circulação acredita-se que haverá o aumento e/ou a intensificação das redes que dão movimento a fronteira, sobre elas falaremos mais a seguir.

---

<sup>40</sup>Sobre construção da nova ponte, ler: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/10/bolsonaro-lanca-pedra-fundamental-para-nova-ponte-entre-brasil-e-paraguai.htm>> Acesso: 22 de junho/2019.

#### **IV AS REDES E INTERAÇÕES ESPACIAIS PRESENTES NA FRONTEIRA**

Ao decorrer deste capítulo buscamos expor as características que permeiam o comércio fronteiriço entre os municípios de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Desde o surgimento destes municípios denotam-se como as populações dos dois lados da fronteira assemelham-se no modo de vida.

No primeiro capítulo, discutimos brevemente os conceitos de redes, território e fronteira, associando-os a circulação de pessoa. Discutiremos mais explicitamente as redes e interações que se estabelecem através do comércio.

As redes geográficas tornaram-se mais numerosas e cerradas a partir da segunda metade do século XIX. O desenvolvimento do capitalismo industrial necessitou e gerou novas demandas que suscitaram novos meios pelos quais as redes geográficas tornaram-se mais densas e eficientes, superando progressivamente o espaço pelo tempo. Instantaneidade e simultaneidade, que nos dias atuais caracterizam parte do funcionamento das redes geográficas, são o capítulo atual de uma história que não se concluiu (CORRÊA, 2012, p. 203).

Segundo Miguel Ribeiro (2000), o conceito de rede não recebe uma definição específica, deve-se então analisar sua função, suas fronteiras geográficas, a natureza de sua gestão econômica, técnica e simbólica; sua relação com outras redes e seu efeito sobre os municípios e a economia.

Roberto Lobato Corrêa (2012), também sugere três formas distintas para analisar uma rede geográfica, e com base nesses dois autores e mais a vivência do campo foi concluído a existência das redes, presentes na Tabela 6, na fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.

Sugerimos que três dimensões básicas e independentes entre si, cada uma delas incluindo temas pertinentes para análises específicas, podem descrever a complexidade da rede geográfica: a organizacional, a temporal e a espacial, envolvendo a estrutura interna, o tempo e o espaço. No que tange à dimensão organizacional, sugeriu-se que se considerassem os agentes sociais (Estado, empresas, instituições e grupos sociais), a origem (planejada ou espontânea), a natureza dos fluxos (mercadorias, pessoas, informações), a função (realização, suporte), a finalidade (dominação, acumulação, solidariedade), a existência (real, virtual), a construção (material, imaterial), a formalização (formal, informal) e a organicidade (hierárquica e complementaridade). A dimensão temporal, por sua vez, envolveria o conhecimento da duração (longa, curta), da velocidade dos fluxos (lenta, instantânea) e da frequência (permanente, periódica, ocasional). Finalmente, a dimensão espacial abrangeria o conhecimento da escala (local, regional, nacional, global), da forma espacial (solar, dendrítica, circuito, barreira) e das conexões (interna e externa) (CORRÊA, 2012, p. 205).

Para Ribeiro (2000) o estudo das redes está se tornando indispensável para compreender a sociedade globalizada em que vivemos, pois se trata de uma sociedade cada vez mais dependente de numerosas redes.

A mundialização que envolve nossa sociedade conecta de uma forma ou de outros diferentes lugares e o mundo inteiro a infinitas redes e circuitos (RIBEIRO, 2000, p.78).

As observações realizadas durante alguns trabalhos de campo em fronteiras distintas nos permitiram concluir que inúmeras redes permeiam essas áreas por conta da dinâmica que existe ali.

No caso da fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, por se caracterizar como uma área que se desenvolveu apoiada no comércio, algumas redes se estabeleceram através dele e/ou foram ampliadas.

Tabela 6 - Redes identificadas na fronteira entre Ciudad del Este – PY/ Foz do Iguaçu – BR

<b>Tipos de redes</b>	<b>Descrição</b>
<b><i>Redes de circulação</i></b>	As redes de circulação se caracterizam como o meio por onde se movimentam as mercadorias, pessoas, dinheiro, entre outros. Esse tipo de rede também abrange os meios de transportes, que são utilizados para essa movimentação.
<b><i>Redes de relações sociais</i></b>	As redes de relações sociais são as mais fáceis e ao mesmo tempo as mais difíceis de serem identificadas. São redes construídas ao longo dos anos entre a população fronteiriça. Envolve relações de confiança, amizade, semelhança e familiaridade entre outras. Fazem-se presente nos costumes locais, na linguagem utilizada, nas músicas tocadas, no modo de se vestir, comer e agir na fronteira.
<b><i>Redes de serviços</i></b>	Essas redes fazem referência à ampla variedade de serviços disponíveis para a população na fronteira e às inúmeras oportunidades de empregos que o comércio fronteiriço gera, não só aos moradores locais, como também os regionais e nacionais.
<b><i>Redes globais</i></b>	As redes globais podem se caracterizar tanto pela chegada de mercadorias de outros países nos comércios da fronteira, quanto à saída dos mesmos da fronteira para outras localidades regionais e/ou nacionais.

<p><i>Redes de comunicação/informação</i></p>	<p>A comunicação/informação configura um tipo contemporâneo de redes, utilizando mecanismos modernos para fazer-se presente na fronteira, como, a internet. Essas redes estão disponíveis em prol da população local, os comerciantes e etc. E também para os agentes governamentais. Através delas circulam informações, se montam estratégias de compra/venda/transporte. Porém também são utilizadas para fiscalização e interceptação de contatos e mercadorias.</p>
<p><i>Redes de fiscalização</i></p>	<p>Esta rede foi à última a ser identificada, faz referência a todo esquema de fiscalização montada na fronteira envolvendo múltiplos organismos governamentais, com o objetivo de impedir e/ou dificultar a circulação de mercadorias consideradas ilegais.</p>

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

Na Tabela 6 estão todas as redes que conseguimos identificar nesse trabalho, todas elas são vinculadas ao comércio fronteiriço local e possibilitam o acontecimento de interações espaciais.

Essas redes também se interligam umas nas outras e fazem surgir uma infinidade de outras redes menores que também fazem parte do cotidiano do comércio fronteiriço. Nesse caso procuramos citar apenas as principais e mais abrangentes redes.

Compondo as redes de circulação estão os paraguaios que se deslocam de suas casas em direção ao Brasil para fazerem suas compras.

Os comerciantes visando esses consumidores elaboram várias estratégias para facilitar a negociação com os clientes, isto é, contratam vendedoras jovens, bem afeiçãoadas paraguaias ou brasileiras que falem bem espanhol; buscam mercadorias de outros estados brasileiros para vender produtos diversificados que agradem o gosto dos consumidores; fazem uso de músicas comuns no Paraguai em estabelecimentos; realizam anúncios em espanhol para chamar a atenção de um tipo específico de consumidor; facilitam o transporte das mercadorias pela fronteira e as formas de pagamentos.

Entre os métodos utilizados por comerciantes brasileiros para atrair consumidores encontra-se presente algumas redes estabelecidas, como, a de circulação, redes globais, de serviços e de comunicação/informação, pois, até para saber quais músicas tocar para que o cliente se sinta mais familiarizado há a necessidade de obter informações.

O mesmo ocorre do outro lado da fronteira, em que vimos durante o trabalho de campo vendedoras e vendedores brasileiros, jovens entre seus dezoito e vinte e

poucos anos que procuram a primeira oportunidade de emprego do outro lado da fronteira.

A fronteira pode ser pensada através desse papel facilitador em que, quando houver momentos de dificuldades em determinado lado, exista a possibilidade dos moradores locais irem até o país vizinho em busca de oportunidades de trabalho.

Isso ocorre tanto em caso de desemprego, como na falta de saúde básica, educação, consumo, entre outros, neste caso associado às redes de serviços.

As redes de serviços abrangem tanto as oportunidades de empregos de ambos os lados da fronteira quanto à variedade de serviços disponíveis para uso fruto da população local.

Esses serviços podem ser considerados legais/ilegais, ambos estabelecem conexões, interações e dependem do comércio para se estabelecer. Pinheiro-Machado (2009) destaca situações em que os empregos da fronteira dependiam da circulação de mercadorias para continuar existindo.

Os donos de pequenos hotéis, na frente dos seus estabelecimentos, paravam o ônibus e perguntavam apreensivos: “cadê os sacoleiros?”. Os restaurantes populares, já esvaziados, não conseguiam manter o mesmo número de funcionários trabalhando. A onda de fiscalização gerou inúmeros protestos e bloqueios na Ponte da Amizade, reunindo diversos setores afetados (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 295).

Em outro trecho a autora menciona o trabalho informal o qual figura uma outra oportunidade de renda para o morador fronteiriço, e compõe as redes de serviços presentes nessa região.

Os laranjas, que não chegam a ser sacoleiros ou comerciantes profissionais, mas “carregadores” de mercadorias - constituem, sem dúvida, a parte mais frágil da cadeia de empregos sustentada pelo comércio. Por isso, a falta de trabalho incita a procura por empregos mais informais e precários ainda (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 295).

Os laranjas mencionados pela autora atuam no transporte das mercadorias, ou transportando os produtos. Também há os trabalhadores que atuam no comércio, ou seja, na negociação e venda desses produtos.

Além das mercadorias e das pessoas, a força de trabalho apresenta uma fluidez bastante peculiar. O emprego de trabalhadores brasileiros do lado do Paraguai e o emprego de paraguaios do lado do Brasil expressa a flexibilização (tanto em termos de terceirização como da informalidade) do trabalho, que é outra característica do atual estágio produtivo capitalista (LAMBERTI, 2006, p. 66).

Os empregos proporcionados pelo comércio fronteiriço também pertencem ao circuito inferior da economia; esse tipo de atividade não necessita de divulgação quando há vagas disponíveis. Segundo Santos (2004), rapidamente a notícia se espalha de boca em boca pela classe trabalhadora e logo aparecem interessados.

Ainda, segundo o autor, para exercer essas atividades “nem sempre é necessário ter frequentado uma escola e, muitas vezes, pode-se trabalhar sem ter os papéis regulamentares” (SANTOS, 2004, p. 205). Assim:

[...] incluem-se os serviços domésticos, a maior parte dos serviços “primitivos” e algumas atividades de transportes; o segundo grupo compreende principalmente o comércio, mas também outras atividades terciárias; o último grupo é composto essencialmente pelos artesãos (SANTOS, 2004, p. 206).

Neste trecho Santos (2004) menciona outros tipos de atividades laborais que compõe o circuito inferior, e todos eles são exercidos pela população fronteiriça de baixa renda.

Em nossa pesquisa foram encontrados casos de mulheres paraguaias com mais de 35 anos que trabalhavam no Brasil, como, empregadas domésticas, faxineiras ou cozinheiras em casas ou hotéis. Constatamos muitos casos de taxista, moto táxis, motoristas de vans, de caminhões, de empilhadeiras e carregadores de mercadorias que eram homens, tanto brasileiros quanto paraguaios exercendo suas funções para que o comércio fronteiriço não parasse.

Esses homens trabalham na parte do transporte de mercadorias de um lado ao outro na fronteira, sem mencionar aqueles que atuam nos portos clandestinos, no passe e contrabando de mercadorias de lado ao outro. Lembrando que o contrabando nem sempre está ligado ao crime organizado.

Não menos importante, os vendedores, que normalmente são homens e mulheres jovens, tanto brasileiros quanto paraguaios, que atual dos dois lados da fronteira e possuem um pouco mais de escolaridade.

Como já mencionado no início desse texto, esses empregos atraem a população fronteiriça, pois como afirmou Santos (2004), são atividades que às vezes remuneram melhor seus trabalhadores, possibilitando salários melhores.

Se o circuito inferior oferece à população pobre um grande número de empregos, é graças à soma de possibilidades oferecidas pela multiplicidade de pequenas empresas, em geral familiares ou individuais. Cada unidade de produção, de comércio ou de serviços, entretanto, só pode oferecer um número pequeno de empregos (SANTOS, 2004, p. 223).

O comércio popular na tríplice fronteira é grande e movimentado um fluxo gigantesco de dinheiro e mercadorias, que desta forma abre um leque com inúmeras possibilidades de empregos.

O fator trabalho apresenta mobilidade em resposta às oportunidades percebidas e tende a migrar para a porção territorial mais desenvolvida que oferece um número maior de possibilidades de trabalho, sejam elas formais ou informais, sazonais ou regulares. O resultado dessa interação é a redução das pressões demográficas e do desemprego, embora possa dar margem à exploração ilegal dos trabalhadores (LAMBERTI, 2006, p. 40).

A variedade de emprego na fronteira faz com que o trabalhador migre de acordo com que lhe parecer mais rentável no momento. Hora ele pode procurar trabalho no Paraguai, outrora no Brasil, tudo depende da oferta, do salário e da necessidade do momento. Na tabela 7 organizamos uma tipologia destes empregos formais e informais no comércio fronteiriço.

Tabela 7 - Empregos formais e informais dependentes do comércio fronteiriço

**Tipos de trabalhos presentes na fronteira que dependem do comércio local**

<b>“Setor informal”</b>	<b>“Setor Formal”</b>
Camelôs	Hoteleiro e funcionários dos hotéis
<i>Mesiteros</i> (Camelôs paraguaios)	Comércio de lazer e entretenimento (Cassinos, etc)
Ambulantes	<i>Hostels</i>
Os laranjas	Casas de Câmbio
Assistente dos laranjas (ajuda os laranjas a carregar as mercadorias pela fronteira)	Donos dos estabelecimentos na Vila Portes
Funcionários de empresas piratas	Vendedores
Sacoleiros	Donos de restaurantes e bares e seus funcionários
Os donos dos “almacenes”	Lojistas de Ciudad del Este e funcionários
Pessoas que abastecem os “almacenes” com mercadorias da Vila Portes	Atacados
MotoTáxi	Hipermercados e seus funcionários
Transportadores de van	Taxistas
Uber	Demais tipos de comércios
Informantes (pagos para dar informação sobre a fiscalização).	

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

São muitos os empregos que dependem do comércio local para continuar existindo e através deles existem inúmeras redes de relações menores e interações entre os trabalhadores, mas que servem para organizar e dar continuidade as funções de cada um.

A interação espacial também é produzida através do trabalho. Os trabalhadores fronteiriços se colocam sempre em contato com o público, independente da sua origem eles querem é vender as mercadorias disponíveis e fazem de tudo para interagir com os clientes, municiando das mais diversas táticas para cativar o consumidor.

As redes de serviços estão diretamente ligadas às redes de circulação e as redes globais. É a partir da última que os produtos chegam à fronteira para serem comercializados, onde o resultado é a criação de oportunidades de emprego. Essa ligação confirma o que defende Leila Dias (2005), ao afirmar que ocorre uma conexão entre as redes para que elas possam existir.

[...] os fluxos, tanto de mercadorias como os de informações, pressupõem a existências das redes e, portanto, a propriedade que rege a existência das mesmas é a conectividade, ou seja, a ligação. As redes são formadas, em decorrência das conexões, tanto em seus nós (lugares) os pontos de referência e de poder (RIBEIRO, 2000, *apud* DIAS, 2005, p.84).

Existem diferentes tipos de redes recobrando a superfície terrestre, redes que são planejadas e espontâneas, formais e informais, temporárias e permanentes, materiais e imateriais, regulares e irregulares (CORRÊA, 2001, p.190). As redes relacionadas ao comércio fronteiriço caracterizam esses modelos citados por Corrêa.

Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo território (Raffestin, 1993, p.78). O mesmo cabe nas redes construídas pelo transporte de mercadorias, pois elas modelam o território ao seu favor, de acordo com os interesses comerciais do momento.

A Figura 47 exemplifica a origem dos principais produtos que são comercializados na Vila Portes em Foz do Iguaçu. A circulação desses produtos caracteriza alguns tipos de redes, como as temporárias e as redes permanentes; redes materiais, e posteriormente redes regulares e irregulares, dependendo da forma com que serão transportados até seus locais de destino.

As redes de transportes coexistem na fronteira de várias maneiras, o que muda é a necessidade da população, o que for mais viável em determinado momento é o que será utilizado para transportar as mercadorias.

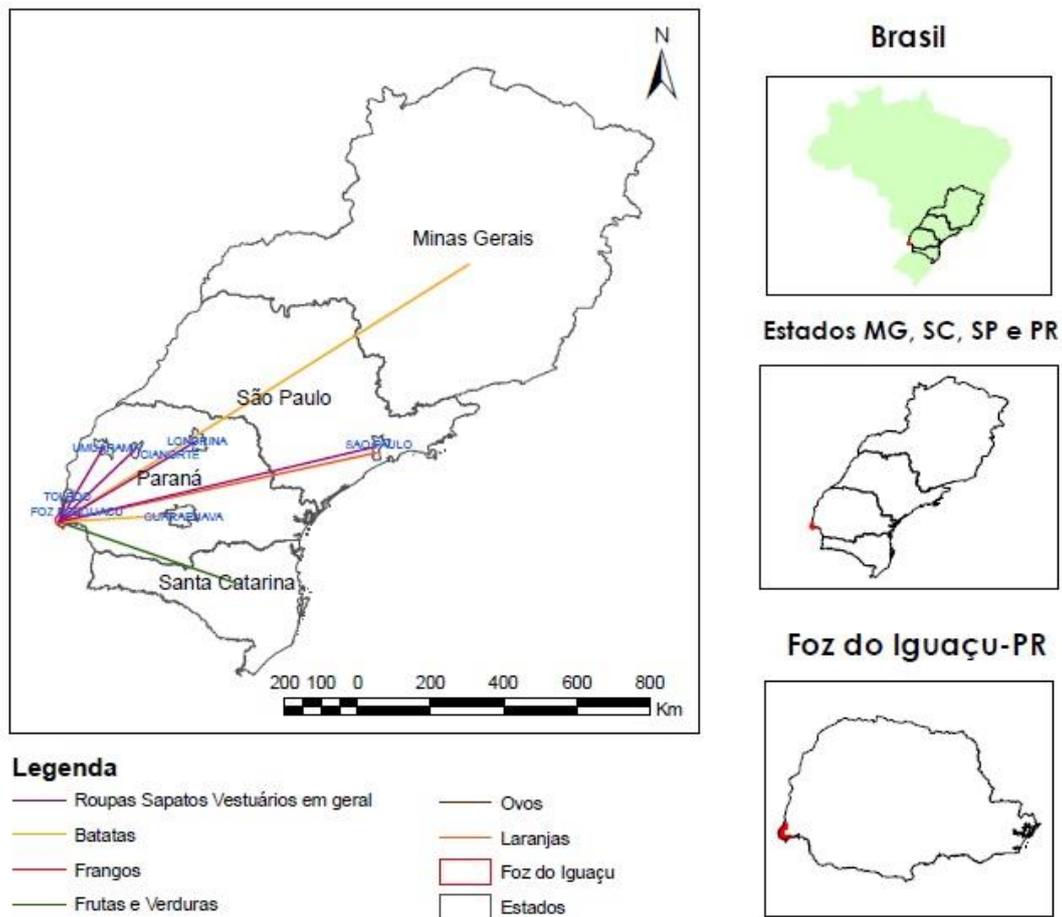
Se a mercadoria for transportada de maneira legal, dentro das leis caracterizam redes regulares, no caso das mercadorias levadas através do descaminho, então se trata de redes irregulares, pois estão fora do que é permitido.

Além disso, as mercadorias que chegam até Foz do Iguaçu para ser comercializadas conectam o município com outras regiões brasileiras e até com outros países se a mercadoria vier do Paraguai.

Os produtos que chegam de outros estados brasileiros para serem comercializados na Vila Portes, tem em sua maioria o Paraguai como destino final.

Figura 47 - Origem dos produtos comercializados na Vila Portes

### Origem dos produtos comercializados na Vila Portes (Foz do Iguaçu-PR)



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

Não foi possível descobrir ao certo a quantidade de produtos que chega a Vila Portes de cada estado brasileiro, esse tipo de estudo requer mais tempo e de certo modo, a confiança dos donos dos estabelecimentos para nos disponibilizar essas informações.

Os produtos que são comercializados na Vila Portes configuram redes globais a partir do momento que deixam o país para serem revendidos nos “*almacenes*” paraguaios interligando seus estados de origem com o mercado internacional.

As redes globais aparecem principalmente em Ciudad del Este, onde a maioria das mercadorias disponíveis a venda vêm de fora do país; pouquíssimas são aquelas fabricadas dentro do Paraguai.

Essas redes são intensificadas e mantidas através dos imigrantes que moram na cidade paraguaia e lá possuem seus comércios. Esses imigrantes, principalmente os chineses e taiwaneses importam os produtos que vão comercializar direto de seu país de origem.

A importação e o comércio, sempre com foco na China, são realizados através de amigos ou parentes. Como o preço geralmente é muito semelhante é a confiança que vai definir a escolha dos fornecedores. Cabe lembrar que as próprias fábricas na China desse ramo, em geral, não são sociedades anônimas, mas centenas de fabriquetas interligadas (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 304).

Sempre que eram estabelecidos diálogos com os comerciantes e vendedores era demonstrado interesse em consumir determinados produtos e em seguida questionado qual a origem: “*Essa marca é da onde? É boa?*” ou “*Onde foi fabricado esse produto, você sabe?*”.

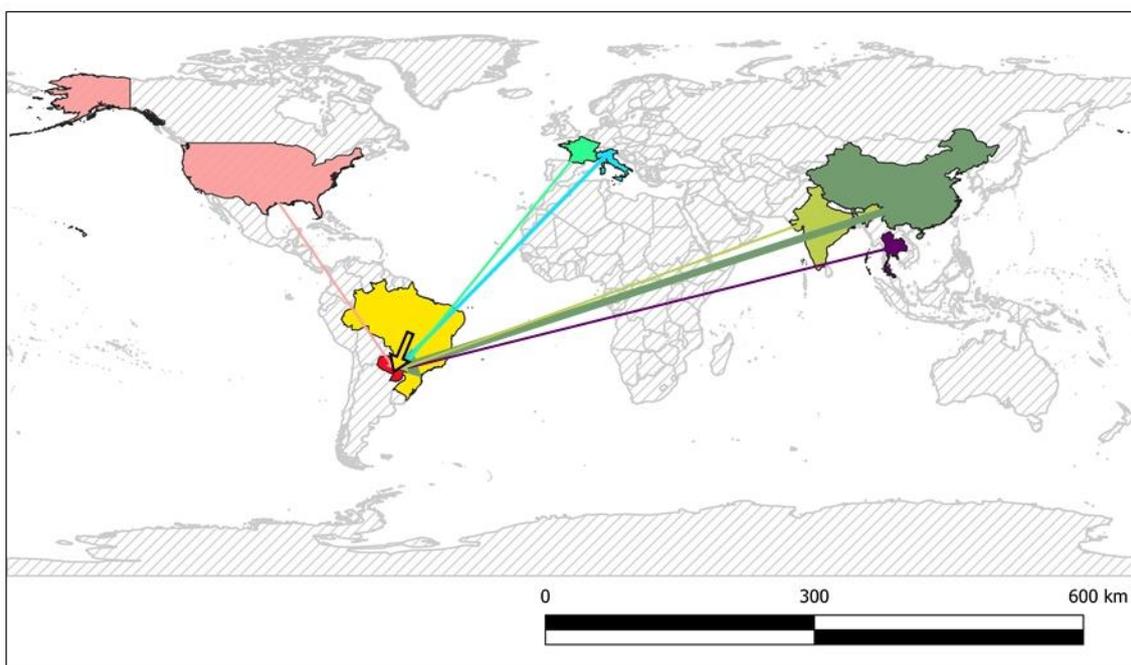
Após as perguntas vinham às respostas, muitas vezes escutamos coisas semelhantes, “quase tudo aqui vem da China”, e posteriormente constatamos que essas afirmações eram verdadeiras.

Tudo o que rodeia o nosso universo e é *Made in China*. Não consumiríamos mais bugigangas, mas também não tomaríamos mais remédios, não teríamos computadores e nem embarcaríamos mais em aviões Airbus – tudo produzido do mesmo modo que os relógios Cucci. Nós vivemos, hoje, um movimento China-Mundo (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 317).

A rede global estabelecida com a China é muito forte dentro do Paraguai, o comércio fronteiriço depende dessa rede para continuar existindo, a partir dela chegam tantos produtos originais quanto as mais variadas bugigangas para serem comercializadas, além de fortalecer os laços dos imigrantes com seu país de origem.

Figura 48 - Origem dos produtos comercializados nos estabelecimentos em Ciudad del Este – PY

### Origem dos produtos comercializados em Ciudad del Este - PY



#### Legenda

##### China

Produtos Apple (Iphone, Ipad)  
Carregador Gold Edition  
Carregador de celular  
Cabos para celular  
Receptores de televisão (Canon)  
Chapinha para cabelos (Blu)  
Secador de cabelos  
Eletroeletrônicos Sony  
Eletroeletrônicos Xiaomi

##### França

Produtos cosméticos (cabelo)  
Perfumes (marcas variadas)

##### Brasil

Carregadores de celular  
Eletroeletrônicos Samsung  
Fones de ouvido  
Eletroeletrônicos Canon  
Eletroeletrônicos LG  
Eletroeletrônicos Pioneer  
Câmeras esportivas GoPro  
Eletroeletrônicos portáteis JBL

##### Índia

Eletroeletrônicos Samsung

##### Itália

Perfumes (marcas variadas)  
Secador de cabelo  
Chapinha para cabelo  
Modelador de cachos

##### Tailândia

Eletroeletrônicos Sony

##### Estados Unidos

Perfumes (marcas variadas)  
Produtos cosméticos (maquiagem)

##### Paraguai

Pais importador

Fonte: Camila Manoel Pereira (2019)

Ao conversar e observar as embalagens dos produtos comercializados no centro comercial de CDE foi identificado que a maioria deles foi produzida em países asiáticos, principalmente a China.

Para nossa surpresa o Brasil se mostrou como o segundo país que mais exporta produtos para serem comercializados no Paraguai. Esses produtos chegam ao país vizinho como mercadoria legal, mas pode ser considerado ilegal ao retornar para o Brasil e até mesmo ser apreendida na fronteira, isso depende da forma em que o produto será transportado.

As redes globais de comércio interligam os territórios da China, Paraguai e do Brasil, e se fazem presente na vida de suas populações, principalmente da população fronteiriça. Segundo Pinheiro-Machado (2009) o comércio na fronteira atraiu imigrantes e também fez com que pessoas se desloquem periodicamente para lá dando dinâmica as redes de circulação.

O que acontece hoje em nível altamente veloz e interconectado é fruto da expansão dos fluxos da globalização que, no caso de nossa rota, viabilizou a união desses espaços através do mercado, o qual induziu migrações internacionais, dos chineses para o Paraguai; bem como outras formas de deslocamentos pontuais de sacoleiros (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p.306).

De acordo com Dias (2005, p. 60) a ideia de rede chama a atenção para a complexidade das interações espaciais, entre lugares mais ou menos longínquos um do outro. Assim, “a rede representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo”.

Assim, os agentes sociais podem ser analisados vendo-se, para cada um, a função, a frequência dos fluxos e a forma da rede. Ou, com base em outra problemática, é possível estabelecer relações entre a origem da rede, sua finalidade, a velocidade dos fluxos e a conexão. Assim, os agentes sociais podem ser analisados vendo-se, para cada um, a função, a frequência dos fluxos e a forma da rede. Ou, com base em outra problemática, é possível estabelecer relações entre a origem da rede, sua finalidade, a velocidade dos fluxos e a conexão (CORRÊA, 2012, p. 203).

Nesse caso a rede nos ajuda a compreender a complexidade do comércio fronteiriço, visto que ela não só interfere no espaço e na econômica local, mas também influencia a economia de municípios brasileiros e de outros países que não necessariamente estão próximos à fronteira, mas que de algum modo mantém relações diretas com o que acontece ali. Dias (2005, p. 61) ainda diz que “as redes se tornaram as próprias produtoras de relações sociais”, relações essas que permeiam a fronteira e o comércio.

As redes geográficas são redes sociais especializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida. As redes sociais são historicamente contextualizadas, portanto, mutáveis, das quais são exemplos a rede de parentesco, englobando os membros de uma grande família, ou a de um grupo de pessoas que se organizam em torno de um interesse comum (CORRÊA, 2012, p. 200).

As redes de relações sociais são dotadas de interações e significados, nelas estão presentes as tradições, a história da fronteira e de seus moradores, seus laços de parentescos. É através dessas redes que as populações locais dos dois países interagem entre si, pois:

As redes favorecem ainda a formação de um sentimento de pertencimento. A utilização das redes de transporte e comunicação conduz a uma consciência comum de enraizamento a todas as pessoas que frequentam os mesmos centros que compõe a rede urbana (RIBEIRO, 2000, p. 81).

De acordo com Marcos Aurélio Saquet e Marcos Mondardo (2008) (*apud* SANTOS, 2007, p. 67) a rede é acima de tudo uma relação social, que marca o território como o lugar do seu acontecimento e movimento.

A rede de relações sociais está conectada com as demais redes presentes na fronteira porque é através delas que acontecem às negociações, à solidariedade, às relações de proximidade no comércio. As redes segundo os mesmos autores estão ligadas ao processo histórico e relacional de construção do território em questão, a partir do momento que se apropriam do espaço.

Os fluxos cotidianos, portanto, cruzam-se construídos numa lógica de conexão em rede, articulando territórios através das redes de circulação de pessoas, de capital e de relações sociais. Há, aí, uma conjugação entre as dimensões sociais do território: economia-política-cultura. Há conexões simbólicas e identitárias; circulação de mercadorias, informações e pessoas; relações políticas, de influência e controle, regulação de parentes, amigos e mesmo de pessoas estranhas (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 121).

Voltando a circulação de mercadorias, as redes conectadas entre si possibilitam que isso aconteça de maneira rápida e abundante, fazendo com que a Vila Portes e o centro comercial de CDE hajam como um fixo por onde as mercadorias chegam, permanecem por um determinado período até circularem novamente rumo ao seu destino final, o outro lado da fronteira, seja para revenda e/ou para o consumo próprio.

Segundo Raffestin (1993) em todo tipo de transporte há circulação e comunicação. Os homens e/ou os bens que circulam estão portando informações e assim, “comunicam” alguma coisa. E da mesma forma o que foi comunicado torna-se um bem que circula.

Nesse trecho o autor mostra a interação entre as redes de comunicação/informação com as de circulação. Na fronteira a comunicação/informação é de extrema importância para os moradores e comerciantes.

Ela serve para informar oportunidades de emprego, para saber quais produtos estão na moda, os valores mais baixos, decidir quais os meios de propaganda utilizar, serve para vender produtos *online*, para encomendar produtos que viram de outros países e para informar onde estão acontecendo às fiscalizações, e assim, decidir por onde transportar as mercadorias.

Com o advento da internet e o surgimento de novos meios de comunicação *online*; aplicativos de celulares e computadores tais como, *WhatsApp*<sup>41</sup>, *Telegram*<sup>42</sup>, *Facebook Messenger*<sup>43</sup> e o próprio *Instagram* já mencionado.

Certo dia durante uma das visitas a campo pude ouvir uma mulher que aparentava ter mais de 40 anos comentar com uma vendedora de café às 6:00 horas da manhã que estava há dias com os seus produtos guardados em um hotel esperando terminar a Operação Muralha da Receita Federal para transportar a mercadoria sem correr o risco de perdê-las.

Segundo ela um amigo teria perdido 10 mil reais em compras no dia anterior na operação e por isso ela iria esperar alguém avisar que já estava liberado fazer o transporte das mercadorias.

O comando da Operação Muralha divulgou o balanço dos primeiros 15 dias de controle entre Foz do Iguaçu e Guaíra, na fronteira com o Paraguai, que já ultrapassaram os R\$ 8 milhões em apreensão de contrabando. [...] No período de 13 a 27 de maio, as atividades na região oeste do Paraná foram realizadas principalmente nas duas barreiras de fiscalização instaladas próximo à praça de pedágio situada no município de São Miguel do Iguaçu/PR e na PR-163 em Guaíra/PR. Além disso, foram fiscalizadas estradas secundárias da região (QUADRA, 2019).

É possível perceber a importância das redes de comunicação para quem necessita transportar mercadorias pela fronteira sem ser pego pela fiscalização. Também houve a informação de que os moradores locais sabem os “dias certos”, dias de menor fiscalização para realizarem suas compras na fronteira, pois recebem essas informações e as repassam também.

---

<sup>41</sup> WhatsApp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet;

<sup>42</sup> O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem. Ele está disponível para smartphones ou tablets e computadores. Os usuários podem enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, stickers e arquivos.

<sup>43</sup> Facebook Messenger é um aplicativo de bate-papo da rede social Facebook que permite trocar mensagens a qualquer momento de qualquer parte do mundo através de uma conexão de internet.

Entretanto as redes de comunicação/informação também são úteis aos órgãos de fiscalização, pois esses também se comunicam, recebem e repassam informações entre eles para realizar com sucesso o maior número de apreensões possíveis.

A Operação Muralha, por exemplo, foi composta de diversas instituições governamentais que se comunicam entre elas e se posicionavam em pontos estratégicos para realizar as apreensões.

Participam da Operação a Receita Federal em parceria com a Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Exército, Marinha, Aeronáutica, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), Departamento de Estradas e Rodagem (DER), Secretaria de Segurança Pública do Paraná (Polícia Militar do Paraná, Polícia Civil e Departamento de Inteligência do Estado do Paraná – DIEP), Justiça Estadual e Ministério Público Estadual da Comarca de São Miguel do Iguçu (QUADRO, 2019).

Atrelado às redes de comunicação/informação estão às redes de fiscalização, esse tipo de rede se mostrou uma das mais importantes presentes na fronteira, pois ela interliga diversas instituições governamentais, mobiliza um número significativo de pessoas, automóveis, veículos aéreos, barcos; demanda de altas tecnologias e conecta até mesmo os governos dos dois países vizinhos quando necessário.

Pinheiro-Machado (2009) destaca que cada instituição envolvida nas operações de fiscalização possui suas tarefas e funções bem definidas, além de haver um permanente campo de disputada de poderes entre eles.

Estamos diante de uma profusão de dispositivos de vigilância, de controle gestão dos movimentos – radares, câmeras, GPS, alarmes, programas, memórias, código de barras – que, embutidos no telefone celular, nas máquinas de cartão de crédito, nos pedágios, na Internet, têm a capacidade de revelar os nossos passos num verdadeiro panóptico às avessas. Não raro, na era da informação, se pede e se fornece informação sobre os outros, abrindo o caminho para uma sociedade da delação e da repressão (SILVEIRA, 2006, p. 5).

Maria Laura Silveira (2006) traz em seu texto que estamos em uma era onde a sociedade é monitorada o tempo todo, isto é, é fácil para os organismos governamentais nos vigiar, saber quais são nossos desejos, intenções e ações. Ao encontrar o posto da Operação Muralha, ele estava montado em um posto de pedágio na BR-277 onde eram parados todos os automóveis.

Também estavam com um posto de apoio na aduana brasileira, ali paravam até mesmo quem atravessava a fronteira caminhando com sacolas e mochilas, para depois revistar tudo o que podiam.

Se os funcionários da Receita Federal considerassem que você transportava pouca coisa faziam vista grossa e te deixavam passar. Ouvi uma funcionária comentar com outra: “*você contou quantos passageiros tinha naquele ônibus? Acho que tinha 16*”.

E essa informação era passada via rádio, telefone ou algum aplicativo para o outro posto da operação para que também vigiassem o tal ônibus. E assim acontecia com todos os automóveis que passavam por ali. Isso porque todos os automóveis que passam pelos postos de pedágio são monitorados através de sua placa, para saber quantos dias e vezes aquele veículo passou pelas estradas próximas a fronteira.

Desta forma, fica explícito o quanto as redes de fiscalização são longas e envolvem inúmeras estratégias, lugares e pessoas, além de se conectar com outras redes para obter sucesso. Há um cruzamento de dados para que “escape” das mãos do governo o mínimo possível de mercadorias indesejáveis em seu território.

As redes de fiscalização possuem também o poder de conectar várias partes do território nacional em uma mesma ação de apreensão, além de ter o poder de controlar o que é aceitável entrar no território e o que não é.

Ribeiro (2000) *apud* Raffestin (1993) diz que as redes estão envoltas de trama de poder e que controlar as redes é controlar os homens, impondo-lhes uma nova ordem.

A rede de fiscalização talvez seja a rede que melhor exemplifica a relação do poder que Raffestin (1993) tanto defende em seu trabalho. Há o poder do estado em ação parar repreennder a circulação de bens indesejáveis:

As batidas da fiscalização tornaram-se banais para a vida dos fronteiriços. Eu mesma não sei dizer quantas vezes já fui revistada. O comércio passou a ser estrangulado e isso era um fato visível, quase palpável. Para alguns, a vitória da legalidade; para outros, uma tragédia (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p.208).

A fiscalização na fronteira existe há muitos anos, mas segundo Pinheiro-Machado (2009), ela foi intensificada a partir dos anos 2000. Essa intensificação pode ter sido auxiliada pela variedade de tecnologia disponível a partir do século XXI, tanto para a fiscalização quanto para novos descaminhos no transporte das mercadorias.

O que vem ocorrendo na fronteira Brasil/Paraguai é fruto de um amplo processo social, o qual foi intensificado a partir de 2002, quando governo brasileiro declarou uma verdadeira guerra contra o contrabando que vem do Paraguai. Iniciou-se uma série de operações de controle, de proporções jamais realizadas nas fronteiras nacionais. O trabalho tem sido feito através

de ações conjuntas e simultâneas entre a Receita Federal e as polícias federal, estadual e rodoviária. O monitoramento das fiscalizações conta com a ajuda de satélites, helicópteros, funcionários novos e um serviço de inteligência especializado. Além da construção milionária de uma nova aduana, extremamente equipada, que entrou em funcionamento no lado brasileiro da Ponte da Amizade no final de 2006 (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 284).

Nessa rede também se mostra presente o poder das empresas que compõe o circuito superior da economia, pois ao fiscalizar e ditar o que é permitido entrar e o que não é o Estado está defendendo determinados tipos de bens, esses produzidos pelo grande capital, em detrimento do pequeno comerciante que depende da venda dos produtos considerados ilegais.

Na realidade, como é notório, a fiscalização obedece a pressões que não dizem respeito apenas ao escopo de interesses nacional. Inúmeras multinacionais, por exemplo, pressionam o governo federal por políticas mais duras em relação ao combate ao contrabando e pirataria e, por isso, certos bens são mais ilícitos que outros, dependendo do poder de barganha das grandes empresas. Ou seja, muitas vezes o interesse sobre a fiscalização sobre o contrabando pertence à esfera do econômico e não do social (PINHEIRO-MACHADO, 2009, p. 289).

Como dito antes o poder de influenciar o que será apreendido e o que não será vêm de empresas presentes no circuito superior, elas detêm o poderio sobre as ações dos governos, seus interesses são levados em consideração e quase sempre o interesse social é posto do lado.

As atividades do circuito superior usufruem direta ou indiretamente da ajuda governamental, enquanto as atividades do setor inferior não dispõem desse apoio e frequentemente são mesmo perseguidas, como no caso dos vendedores ambulantes em numerosas cidades (SANTOS, 2004, p. 47).

Isso nos mostra que a rede de fiscalização começa muito antes das instituições estatais. Há uma ligação entre os agentes do estado e empresários de fora do sistema governamental, empresários estes que podem estar inclusive fora do país compondo inclusive as redes globais e através das redes de comunicação/informação influenciam os governos a tomar suas decisões sobre o que será permitido e o que não.

Testemunhamos uma “despolitização” das medidas econômicas, uma vez que se retira do poder público o papel de modelar a política econômica. Assim, um certo conjunto de técnicas econômicas – autonomizadas – são apresentadas como inelutáveis, como se não fosse possível a escolha e combinação. Reforçando a previsibilidade e a obediência às regras por parte de cada país no domínio monetário, a teoria da reputação do mercado pretende fazer calar a genuína voz da sociedade (SILVEIRA, 2006, p.7).

Silveira (2006) fala sobre a despolitização das medidas econômicas, o que casa bem com o que acontece nas medidas governamentais, essas também passaram a ser influenciadas pela questão econômica, isto é, pelas vontades das grandes empresas que praticamente decidem o que é permitido no lugar do governo.

A partir disso a vontade da população perde a importância, o que a população considera legal e ilegal deixa de valer, como disse Silveira (2006), para cada vez mais prevalecer os interesses das grandes corporações diante do governo, que está no poder para ouvir a população que então o elegeu.

Pinheiro-Machado (2006) faz uma ressalva muito interessante quando diz que quando o sistema legal engessa, as redes surgem como forma de sustentação, ou seja, apesar do aparelho estatal se esforçar para controlar a circulação da fronteira, o comércio e as pessoas se especializam em encontrar outras maneiras<sup>44</sup> para continuar se movimentando pela fronteira.

[...] a simultaneidade de redes formais e informais manifestam-se, sobretudo, em uma cada vez mais complexa rede urbana, na qual os centros podem assumir papéis diferenciados, especializados e/ou hierarquizados, conseqüentemente com diferentes fluxos. (RIBEIRO, 2000, p. 99).

Saquet e Mondardo (2008) comentam que uma rede pode ser uma imagem do poder dos atores dominantes, e deste modo, as redes possuem um papel contraditório, onde, ao mesmo tempo em que facilitam a mobilidade também podem aprisionar.

Todas as redes mencionadas nesse capítulo estão dotadas de interações espaciais, pois as interações coexistem em conjunto com as redes, em um sistema onde uma complementa a outra.

Ribeiro (2000) ao se referir aos centros por onde passam todas as redes, que neste caso, seria a fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, diz que as interações espaciais ocorrem devido a complexa divisão territorial do trabalho presente na sociedade atual.

Essa complexidade funcional dos centros faz com que se situem simultaneamente em mais de uma rede, implicando em diversos tipos e graus de integração que, na verdade, são os diferentes tipos de interação espacial decorrentes de uma mais complexa divisão territorial do trabalho (RIBEIRO, 2000, p. 85).

As interações que ocorrem na fronteira ocorrem de maneira espontânea e são ao mesmo tempo condicionadas pelas atividades ligadas ao comércio. Elas tanto

---

<sup>44</sup> Ler Pinheiro-Machado (2009).

ocorrem na fronteira como se expandem através das redes por outras porções do território, seja ele, regional, nacional ou até internacionais no caso da fronteira redes globais.

As interações espaciais são, assim, multidirecionadas, não mais definidas pelo alcance espacial típico da distribuição varejista, mas por outras lógicas: a distância tem um sentido diferente em uma rede de múltiplos circuitos. As interações espaciais se entrecruzam, não se caracterizando por padrões sistemáticos, próprios das redes anteriormente descritas (CORRÊA, 2012, p.207).

No mundo contemporâneo as distâncias foram superadas pelas redes e pelas tecnologias (redes de comunicação/informação e redes de circulação), a proximidade não é mais levada em conta na hora de estabelecer o que cada ponto no território irá receber e/ou desenvolver.

O desenvolvimento do capitalismo industrial necessitou e gerou novas demandas que suscitaram novos meios pelos quais as redes geográficas tornaram-se mais densas e eficientes, superando progressivamente o espaço pelo tempo. Instantaneidade e simultaneidade [...] (CORRÊA, 2012, P.203).

No caso da fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este o comércio fronteiriço desenvolveu-se a partir da concentração de fatores favoráveis tais como: a formação histórica do território, o estabelecimento de redes de circulação e comunicação e o conjunto de legislações de ambos os lados.

[...] há temporalidades nas redes geográficas, o que nos possibilita pensar em geografias históricas das redes geográficas. A geografia histórica das redes geográficas pode ser feita sob uma perspectiva sincrônica, a exemplo de um estudo sobre a rede mineira na década de 1920, ou diacrônica, envolvendo, no caso, a gênese e a evolução dos centros e suas articulações (CORRÊA, 2012, p. 203).

Cabe lembrar que anteriormente neste trabalho ressaltamos a formação da fronteira e a criação de seus municípios, relacionando sempre ao movimento de troca e contrabando entre os moradores locais para posteriormente surgir os primeiros trabalhos informações sustentados pela fronteira. Pessoas que buscavam determinado produto no país vizinho para revender.

Desde a criação dos municípios havia redes presentes na fronteira, redes essas que cresceram e se desenvolveram em conjunto com os municípios e os moradores locais.

Com a chegada de outras redes, mais modernas e complexas (redes comunicação/informação e redes globais) as redes mais antigas não deixaram de existir,

pelo contrário, mesmo dividindo espaço com as recém-chegadas elas se intensificaram e se ampliaram junto com o comércio local.

Por fim, vale destacar que as redes trazem com elas as relações de poder que, como Raffestin (1993) e Saquet; Mondardo (2008) citaram, são usadas para direcionar, regular, influenciar, controlar, e isso ocorre nas redes presentes na fronteira.

Pode-se concluir então, que as redes facilitam a vida dos moradores fronteiriços, possibilitam inúmeras interações espaciais e dão vida e dinâmica ao comércio local, ao mesmo tempo em que servem para dificultar o acontecimento dos mesmos.

Entretanto no mundo contemporâneo em que vivemos não há a possibilidade de nos abstermos e não fazermos uso das redes disponíveis, pois elas estão presentes nos territórios nacionais. No caso da fronteira entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, se estendem junto ao produtos, informações e fiscalizações e extrapolam os limites da região fronteiriça.

## V CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho procurou-se, a princípio descobrir quais os produtos eram consumidos pelos moradores de Foz do Iguaçu em Ciudad del Este e vice-versa. Depois veio o questionamento sobre qual o motivo ou motivos que levariam essas pessoas a se aventurarem atravessando a Ponte da Amizade em busca de mercadorias que muitas vezes eram consideradas ilegais.

Após a realização dos trabalhos de campo, as observações na fronteira, às conversas informais com trabalhadores, moradores, lojistas entre outros que fazem parte da dinâmica do comércio fronteiriço, e a pesquisa bibliográfica, foi possível concluir que há uma cultura entre os moradores paraguaios que buscam produtos, principalmente, alimentícios no Brasil.

Cultura essa que relaciona os produtos brasileiros a qualidade, ao mesmo tempo em que os produtos paraguaios são considerados de qualidade inferior. Então se há a possibilidade de consumir do outro lado da fronteira, por que não fazê-lo?

A diferença de preços contribui para esse deslocamento, mas levando em consideração os riscos de perder sua mercadoria, isto é, o dinheiro investido, a diferença de preço não se mostra tão significativa.

Vale destacar, ainda, que, a população paraguaia que vai até a Vila Portes são parte de classe média para média baixa, que buscam por produtos de qualidade e baratos para revender em seus comércios de bairro.

O diferencial para atrair seus futuros consumidores e competir com os mercados locais é justamente estar vendendo produtos brasileiros baratos e facilitar o pagamento, pois nesses comércios de bairros (*almecenes*) há a questão da confiança que permite que o freguês volte para pagar outra hora.

Os brasileiros moradores de Foz do Iguaçu consumidores dos comércios paraguaios também buscam por produtos de qualidades, porém esses produtos não são produzidos no Paraguai.

Trata-se de produtos vindo de fora de países como a China, Estados Unidos, França e do próprio Brasil, que ao exportar para o Paraguai os produtos acabam sendo vendidos mais baratos do que dentro do território brasileiro.

Os consumidores brasileiros também possuem outro perfil, são da classe média, média alta, e preferem vestuários, cosméticos e eletrônicos, para o próprio consumo para revenda em *sites online*.

É possível afirmar que essas constatações - inclusive ao analisar o número de lojas próximas à fronteira e quais os principais produtos vendidos por elas -, no Paraguai quanto mais próximo à fronteira mais *shoppings* com lojas de luxos, eletroeletrônicos, cosméticos e roupas de marca. Há lojas de comidas, mas são compostas por chocolates, bebidas, temperos, biscoitos, entre outros produtos, todos importados.

Não existe nenhuma loja vendendo frango, arroz e/ou pão, pois não é esse tipo de mercadoria que os consumidores brasileiros procuram em Ciudad del Este. Por outro lado, a quantidade de lojas de eletroeletrônicos é praticamente imensurável.

Já na Vila Portes o cenário se mostrou outro. A maioria das lojas são de vestuários de marcas desconhecidas e de alimentos, como: Frangos, batatas, laranjas e ovos.

Trata-se de comércios que sobrevivem por estar em uma zona fronteira, o bairro todo da Vila Portes depende dos consumidores paraguaios e de sua proximidade com a fronteira, e toda vez que a fiscalização se acirra os comércios locais passam por maus bocados para tentar se adaptar e continuarem existindo.

Há a mistura entre os dois idiomas no comércio de ambos os lados da fronteira, vendedores brasileiros que nos atenderam em espanhol e paraguaios falando em portunhol, ou o mais inesperado, uma vendedora brasileira que ao se dirigir a outra brasileira usou palavras em espanhol no meio de uma frase em português.

Durante a conversa com o chefe de gabinete do prefeito de Foz do Iguaçu constatamos que não havia nenhum tipo de comunicação com o governo municipal de Ciudad del Este. O comércio no país vizinho era visto com certa rivalidade.

Acredita-se então que se houvesse interação entre as autoridades dos dois municípios a população, assim, como o comércio local teria muito a ganhar, pois poderia haver incentivos, como a criação de curso de idiomas para auxiliar na comunicação com a população estrangeira, seja ela vizinha ou de locais mais distantes.

Enquanto não há nenhum incentivo nesse sentido o comércio busca se adaptar para continuar atendendo os consumidores, gastando seu portunhol ou buscando por vendedores que saibam falar outra língua.

A relação de troca de moedas é outro item a destacar, como falamos acima em todo comércio da Vila Portes aceitam-se moedas estrangeiras, principalmente o guarani, apenas nos comércios mais formais que vieram de fora e que componha o circuito

superior da economia, como o caso dos Hipermercados, faz-se necessário realizar a troca de moeda antes do ato da compra.

Podemos relacionar este fato à própria interação. Enquanto a interação ocorre por meio do comércio entre os moradores locais e os donos dos estabelecimentos, que conseqüentemente também habitam a fronteira, tudo acontece forma espontânea.

As pessoas se relacionam, interagem umas com as outras, buscam alternativas para facilitar o consumo, e é por meio desse movimento que ambos os comércios tanto de Ciudad del Este, quanto o da Vila Portes em Foz do Iguaçu ganham características semelhantes.

A relação estabelecida por meio do comércio entre paraguaios e brasileiros fronteiriços que buscam vender e consumir produtos proporciona interação espacial, pois há uma mistura e troca de cultura, moedas, costumes, produtos, idiomas, e até mesmo de religião como já mencionamos. Os próprios comércios adaptam seus horários, feriados e funcionamento aos consumidores.

As interações espaciais que ocorrem entre o comércio e a população fazem com a fronteira vista pelo Estado como limite seja diluída, pois as pessoas circulam, interagem, realizar trocas de informações e produtos, e se assemelham de forma espontânea. Partindo desse ponto acreditamos que a integração fronteiriça acontece de maneira mais concreta através comércio informal, ou não tão formal.

O setor que Milton Santos (2004) chamou de circuito inferior na economia urbana é por onde ocorre um movimento de interação espontâneo, tão comum entre os habitantes da fronteira, mesmo que eles próprios não a percebam.

Essas interações acontecem na fronteira desde a criação dos municípios. Faz parte do cotidiano e da identidade dos moradores locais. Por isso acontece essa dificuldade de aceitar que determinados produtos agora são considerados ilegais ao entrarem no país.

Todos esses fatos provam mais uma vez que propostas governamentais elaboradas para a fronteira não englobam a população local, pois nelas são permitidas a circulação de determinados bens, entretanto, outros são barrados.

O papel do Estado diante das fronteiras também revela contradições: se por um lado promove a liberação de capitais e mercadorias, por outro elenca uma série de normas e regras para a circulação da força de trabalho.

Cabe analisar também que a partir do momento em que agentes que não vivem o cotidiano da fronteira, neste caso, nos referindo as prefeituras municipais que lá estão mais ignoram a interação que ocorre entre a população.

Temos também o exemplo dos Hipermercados que vieram de fora para se instalar ali, e exigem que os consumidores realizem a troca do Guarani pelo Real antes de fazerem suas compras nos estabelecimentos. Deste modo, penso que quanto mais formal é a instituição, mais empecilhos ela impõe a interação fronteiriça.

Pois o objetivo dessas instituições não é facilitar a interação entre as populações locais, mas sim, defender os seus próprios interesses, e no caso dos Hipermercados, lucrar com a fronteira. Esses agentes entram no setor formal da economia, caracterizando o denominado por Santos (2004) de circuito superior.

Os Hipermercados em Foz do Iguaçu provavelmente receberam incentivos da prefeitura para se instalarem ali. Assim como o governo federal busca facilitar a entrada e saída de determinadas mercadorias produzidas no circuito superior pela fronteira e tenta barrar o comércio do circuito inferior.

O governo local possibilita que estabelecimentos que compõe o circuito superior estejam presentes no município usufruindo da localização fronteiriça e lhes concede benefícios, enquanto que os do circuito inferior não recebem a mesma ajuda.

Buscamos mostrar que o comércio do circuito inferior movimenta tanto a econômica local quanto contribui para que estabelecimentos de grande porte tenham interesse em se instalar naquele local.

Os consumidores que se vem atraídos pelo comércio que aqui foi chamado de informal, acabam gastando seu dinheiro também em estabelecimentos considerados formais, como, hotéis, restaurantes, Hipermercados, *shoppings* e lojas, é o que Santos (2004) se refere ao dizer que a partir do “momento em que eles se articulam é que os laços de dependência locais se criam e tendem a se fortalecer” (SANTOS, 2004, p. 124).

Desta forma, há uma dependência do comércio formal com o informal na fronteira, pois como já mencionado há Hipermercados localizados próximos à fronteira que lucram através de consumidores paraguaios que estão ali para consumir nos estabelecimentos da Vila Portes.

Outro exemplo seria a de paraguaios comprarem mercadorias nos hipermercados brasileiros (comércio formal) que vendem em atacado para revender no Paraguai. Isto caracteriza o transporte ilegal por meio da fronteira, ou seja, trata-se de produtos considerados legais, vendidos em estabelecimentos de grande porte que

imaginassem estar dentro da lei, e a partir do momento que passa pela fronteira tornam-se produtos ilegais.

Pois o governo paraguaio proíbe a entrada de produtos alimentícios vindos do Brasil em quantidades maiores do que o necessário para o consumo próprio.

É interessante pensarmos também, que o comércio fronteiro, aquele que chamamos de informal possibilita que as pessoas de baixa renda ou de renda intermediária tenham acesso a produtos que costumavam ser consumidos apenas pela elite, dando a essas pessoas a sensação de poder ou de ascensão social.

Por fim, não se pode esquecer as redes que compõem a fronteira e são intensificadas pelo comércio e pela interação espacial local. Essas redes colaboram com inúmeros empregos dentro e fora da fronteira, abrangem incontáveis territórios articulando a fronteira com o resto do mundo.

Sobressaindo as leis governamentais que buscam engessar fronteira, dando lhe movimento e fluidez, tornando, assim, incontrolável os fluxos fronteiriços.

A partir das redes concluímos que não há possibilidade dos governos obter total sucesso sobre a circulação de mercadorias na fronteira. Trata-se de um comércio adaptável que conta com a participação ativa dos moradores locais, que em algumas vezes necessitem realmente comprar determinados produtos, e em outras tantas possuem apenas o desejo de estar por dentro do mundo globalizado e por isso também buscam comprar produtos da moda.

Levanto todos esses fatores em consideração constata-se também que as leis vigentes relacionadas à fronteira e seu comércio não estão de acordo com a vida fronteiriça, nem com a história dos moradores locais e suas necessidades. Poderia dizer até que não condiz com a realidade do mundo contemporâneo, onde há uma vontade exacerbada em consumir.

Desta forma as leis contribuem para que os moradores locais busquem por descaminhos na hora de transportar suas mercadorias, pois não faz sentido para eles deixarem de consumir por conta das leis. Procuram, então, criar estratégias que possam burlar a repressão governamental.

Havendo leis mais condizentes com a realidade fronteiriça e políticas públicas para diminuir as carências da população local, os próprios governos teriam muito a ganhar, pois além de facilitar o crescimento do comércio, dos estabelecimentos, revolveria a questão do desemprego já que o comércio informal muitas vezes possibilita a oportunidade de emprego, mesmo que precário. E a interação das populações que

tanto tem em comum, tudo isso futuramente poderia contribuir com diminuição dos casos de violência na fronteira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABINZANO, Roberto Carlos. **Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistência global**. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: UFMS, 2005.

ACIFI. **Vila Portes, aqui tem tudo**. [200?]. Disponível em <<http://www.revistaacifi.com.br/edicao-4/vila-portes-aqui-tem-de-tudo/>>. Acesso em 30 de junho de 2019.

ADUANA PARAGUAY – DIRECCIÓN NACIONAL DE ADUANAS. **Decomisan azúcar, pollo, produtos frutihortícolas, aceite y calzados en el Este**. 11 de Fevereiro de 2019. 2019. Disponível em: <<https://www.aduana.gov.py/7172-8-Decomisan%20az%C3%BAcar,%20pollo,%20productos%20frutihort%C3%ADcolas,%20aceite%20y%20calzados%20en%20el%20Este.html>>. Acessp em 30 de junho de 2019.

ALBUQUERQUE, Lindomar, J. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira dentre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ALBUQUERQUE, Lindomar, J. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai**. Editora ANNABLUME, 2010.

ALBUQUERQUE, Lindomar, J. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: A imigração brasileira no Paraguai**. Tese de doutorado. Fortaleza, 2005.

ALMEIDA, Eliza, P de. O processo de periferização e uso do território brasileiro no atual período histórico. In: SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 213- 239, 2003.

ALMEIDA, Paulo. R de. **Integração Regional: uma introdução**. São Paulo: Saraiva, p. 192, 2003.

ALMEIDA, Paulo. R de. **Mercosul: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: LTr, 1998.

AMARAL, Arthur. B. do. **A Guerra ao terror e a Tríplice Fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos**. 2008. 278 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ANDRADE, Julia. Por uma política pública de cultura: plural e territorial. In: SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 458-482, 2003.

ARROYO, Mónica. **A internalização do externo no ambiente dos negócios: novos elementos na dinâmica territorial**. In: CASTELLO, Iara Regina. KOCH, Mirian Regina. OLIVEIRA, Naia. SCHAFFER, Neiva Otero. STROHAECKER, Tânia. (org.). *Fronteiras na América Latina: espaços em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

ARROYO, Mónica. Território brasileiro e mercado externo: Uma leitura dessa relação na virada do século XX. In: SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 428-457, 2003.

BATH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BÉLIVEAU, Verónica. G.; MONTENEGRO, Silvia. **La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio**. Buenos Aires: Mino y Dávila, 2006.

BENTO, Fábio. R. **Cidades de fronteira e integração sul-americana**. Ed. Paco Editorial, Jundiaí, 2013.

BOMTEMPO, Denise. C. Dinâmica territoriais e interações espaciais: a configuração do circuito espacial da produção da Nestlé S/A. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.34, v.1, p.72-96, jan./jul.2012.

BORGES, Fernando. M; MARIA, Talana. B; DERROSSO, Giuliano. S. Desafios e oportunidades das lojas de autopeças da Vila Portes no atendimento aos consumidores de Ciudad del Este e Puerto Iguazú. In: **Revista Orbis Latina**, vol.8, nº 1, **Foz do Iguaçu**, Janeiro – Junho de 2015.

BRASIL. **Ministério da Integração Nacional. Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**: Bases de uma política integrada de desenvolvimento regional para a faixa de fronteira. Brasília: MIN, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. SECRETARIA DE PROGRAMAS REGIONAIS. **Faixa de fronteira: programa de promoção do desenvolvimento da faixa de fronteira–PDF**. 2009.

CAMPOS, Luís; PEREIRA, Carlos. **Transformación del ambiente de negocios em Ciudad del Este**: Análisis y acciones de las Empresas de Bienes Informáticos y Telecomunicaciones (BIT), Electrónicos y otras Industrias. Asuncion: 2006. No prelo.

CARDIN, Eric. G. **Sacoleiros e laranjas na tríplice fronteira**: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. 2006. 140 f. Dissertação. (Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista 2012) – Campinas, 2012.

CARDIN, Eric. G. A formação do ser social e a informalidade na Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina). In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTÚDIOS DE ITRABAJO, 7., 2005, Buenos Aires, Argentina**. Anais... Buenos Aires, 2005, p. 01- 21.

CARDIN, Eric. G. Trabalho e práticas de contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Geopolítica (s). Revista de estudios sobre espacio y poder**, v. 3, n. 2, p. 207-234, 2012.

CARNEIRO FILHO, Camilo. P. **Processos de transfronteirização na Bacia do Prata**: a Tríplice Fronteira Brasil – Argentina - Paraguai. 2013. 255 f. Tese. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) – Porto Alegre, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**. A sociedade em rede. Vol.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A rede e o ser. *In*: CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v.1. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra. p. 39-66, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2005 (8ª edição).

CASTRO, Ina. E de. **Geografia e Política: territórios, escalas de ação e instituições**. Ed Bertrand, Rio de Janeiro, 2005.

CATAIA, Márcio. A alienação do território - O papel da guerra fiscal no uso, organização e regulação do território brasileiro. *In*: SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 397-407, 2003.

CATAIA, Márcio. **A relevância das fronteiras no período atual**: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. *In*: IX Colóquio Internacional de Geocrítica, 2007, Porto Alegre.

CATAIA, Márcio. A. **Território nacional e fronteiras internas: a fragmentação do território brasileiro**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

CATÃO, Rafael. C; REOLON, Cleverson. A; MIYAZAKI, Vitor. K. **Interações Espaciais**: Uma reflexão temática. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 231-239, Set. 2010.

CATELAN, Márcio. J. **Heterarquia Urbana**: Interações espaciais interescolares e cidades médias. 2012. 227 f. Tese. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP) – Presidente Prudente, 2012.

CHAPARRO, Jorceli, de B; LAMBERTI, Eliana. O turismo em Corumbá/MS: a relação de sua dinâmica com o SISTUR. **Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR**, Penedo, V. 8, n: 2, dez. 2018, p.174-194.

CIDADES, IBGE Censo. **Foz do Iguaçu**. 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>>. Acesso em 01 de Julho de 2019.

CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade**. *In*: Revista Geographia. Ano 1 – nº2, 1999.

CORRÊA, Roberto. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto. L. **Corporação e Espaço**: uma nota. *In*: Revista Brasileira de Geografia, v. 53, 1997.

CORRÊA, Roberto. L. Interações espaciais. *In*: CASTRO, I. E. et al. (org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 279-318, 1997.

- CORRÊA, Roberto. L. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 61, n. 1, p. 127-134, 2016.
- CORRÊA, Roberto. L. **Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente**. Revista Cidades, v. 9, n. 16, 2012.
- CORRÊA, Roberto. L. **Trajatórias Geográficas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSTA, Wanderley. M da. O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 7, 2006.
- COSTA, Wanderley. M. da. Políticas territoriais no contexto da integração sul – americana. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV n° 7. p. 25-41, jul./dez, 1999.
- COUTO, Leandro. F. **Desenvolvimento, integração e assimetrias: caminhos e descaminhos da aproximação regional na América do Sul**. Tese (Doutorado) apresentada ao Instituto de Relações Internacionais. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- CURY, Mauro. J. F. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências e interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira – Foz do Iguazu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. 2008.
- CUNHA, Fábio. C. A da. **Redes técnicas e poder: a “relevância” dos agentes relevantes**. GEOGRAFIA (Londrina), v. 11, n. 2, p. 265-270, 2002.
- DIAS, Leila. C. **O sentido da Rede: Notas para discussão**. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. (Orgs). **Redes: Sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- DIAS, Leila. C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (org.). **Redes, Sociedade e Territórios**. Ed. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2005.
- DIAS, Leila. C. Redes: Emergência e Organização. In: CASTRO, I. E. et al (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 141-62, 1995.
- DORFMAN, Adriana. **A condição fronteiriça: a experiência local de um objeto geográfico nacional**. 2008.
- DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. 2008. 360 f. Tese (Tese de doutoramento submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Florianópolis, 2009.
- DORFMAN, Adriana. Representações, normas e lugares: contos de contrabando da fronteira gaúcha. Para onde?, **Porto Alegre. Vol. 6, n. 2 (jul./dez. 2012)**, p. 102-113, 2012.

DORFMAN, Adriana; BEM, Daniel. F de. Contrabando, Tragédia e Reflexividade: Antígona na fronteira gaúcha. **Revista do Centro de EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE DA UNIOESTE - CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU v. 15 n. 2 p. 2**, 2013.

DREYFUS, Pablo. La Triple Frontera: zona de encuentros y desencuentros. *In*: HOFMEISTER, W; ROJAS, F.; SOLIS, J. G. (org.). **La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos**. Rio de Janeiro: Konra-Adenauer-Stiftung, p. 105-134, 2007.

DULCI, Tereza. M. P. **As conferências Pan-Americanas: Identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FARINA, Bernardo. C. **Trabalhadores Fronteiriços na tríplice fronteira: confronto entre igualdade jurídica e a realidade**. Dissertação de mestrado, Foz do Iguaçu, 2015.

FERRARI, Maristela. **Fronteira e mobilidade transfronteiriça: Estratégias locais face ao poder dos estados nacionais**. Dourados, 2017.

FIGUEIREDO, César. A.; NACONESKI, Natalina.; PENHARVEL, Janelucy. Histórico da desigualdade social na região de triplice fronteira. **XIII JORNADA CIENTÍFICA DA UNIVEL “Conflitos Mundiais: do local ao global” 28 e 29 de outubro de 2015 – UNIVEL – CPE – Cascavel-PR**, 2015.

FOUCHER, Michel. Considerações geopolíticas sobre as fronteiras contemporâneas. **Revista GeoPantanal – UFMS/AGB**, v. 8, n. 15, p. 23-36. Corumbá/MS, 2014.

FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. Editora Radical Livros, São Paulo, 2009.

FRANCISCO, Pedro. A. P. **Fronteiras estratégicas: O contrabando de cigarros paraguaios no Brasil**. 2014, 147 f. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro) – Rio de Janeiro, 2014.

FRARE, Marcelo. A. **Habitação social e integração: O caso da Vila Portes como proposta de interculturalidade na tríplice fronteira**. 2017. 81 f. Trabalho de conclusão de curso. (UNILA) – Foz do Iguaçu, 2017.

GARCIA, Dalila. T. **Almacenes Paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade**. 2016.

GERHARDT, Tatiana. E; SILVEIRA, Denise. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, Marcos. J; CASTRO, Renan. F de; ALVES, Flamarion. D. **As interações espaciais na configuração e produção dos arranjos funcionais das cidades médias**. *In*: Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 26, 2015, p. 55-72.

GOMES, Maria Terezinha. S; ROSEIRA, Antônio. M. **América Latina e Caribe: Transformações e Desafios da Integração Regional.** (Prelo), 2016.

GOOGLE MAPS. **Alto Paraná: Departamento de Alto Paraná, Paraguai.** 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Alto+Paran%C3%A1,+Paraguai/@-25.5400099,-54.6450817,13.25z/data=!4m5!3m4!1s0x94f5d77b26ce94f3:0x400f0fe5a20905c3!8m2!3d-25.6075546!4d-54.9611836?hl=pt-BR>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

GOOGLE MAPS. **Cidade do Leste, Paraguai.** 2019. Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps/place/Cidade+do+Leste,+Paraguai/@-25.5116253,-54.618132,15.5z/data=!4m5!3m4!1s0x94f68499feb6b1d1:0xce33cb9eeb700b1e!8m2!3d-25.5069299!4d-54.6385999?hl=pt-BR>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

GOOGLE MAPS. **Presidente Franco, Paraguai.** 2019. Disponível em:<<https://www.google.com.br/maps/place/Pres.+Franco,+Paraguai/@-25.6025283,-54.7082263,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94f68e49ae2b8fff:0xafa75cac9d1ed1a6!8m2!3d-25.5589088!4d-54.6124742?hl=pt-BR>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

GOOGLE MAPS. **Vila Portes: Região Central, Foz do Iguaçu - PR.** 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Vila+Portes,+Foz+do+Igua%C3%A7u+-+PR/@-25.5115426,-54.5990575,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94f6900b8a86bb4f:0x219135ab3ce4f43d!8m2!3d-25.5116848!4d-54.588935>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

GUILBERT, Martine; LIGRONE, Pablo. Transfronterización. *In:* BIAGINI, H; ROIG, A. A. **Diccionario del pensamiento alternativo.** Buenos Aires, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. *In:* CASTRO, I. E. et al (org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 165-206.

HAESBAERT, Rogério. Mapeando a Nova Des-ordem. *In:* Anais – **5º Congresso Brasileiro de Geógrafos.** v. 1. São Paulo. AGB. Jul., 1994. p. 308-15.

HAESBAERT, Rogério. O binômio território-rede e seu significado político-cultural; Fim dos territórios, das regiões, dos lugares?. *In:* HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, p.117-142, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Ordenamento Territorial.** Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n. 1, p. 117-124, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HERZ, Mônica; HOFFMANN, Andrea. R. **Organizações Internacionais: história e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2004. Disponível em:<<http://www.usp.br/estecon/index.php/estecon/article/viewFile/322/109>>. Acesso em 10 out 2016.

HISSA, Cássio. E. V. **A mobilidade das fronteiras**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2006.

HOFMEISTER, WILHELM; ROJAS, Francisco; SOLIS, Luis Guillermo. **La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2007.

KLEINSCHMITT, Sandra. C.; AZEVEDO, Paulo. R.; CARDIN, Eric. G. A tríplice fronteira internacional entre Brasil, Paraguai e Argentina: Contexto histórico, econômico e social de um espaço conhecido pela violência e pelas práticas ilegais. **Revista Perspectiva Geográfica**. UNIOESTE V.8, N.9, 2013.

LAMBERTI, Eliana. **Dinâmica comercial no território de fronteira: Reexportação e territorialidade na conturbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero**. 2006, 96 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia) – UFMS, Aquidauana/MS, 2006.

LAMBERTI, Eliana. **Regulação e reprodução do sistema socioeconômico: Análise da trajetória do desenvolvimento do Paraguai**. 2011. 283 f. Tese. (Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS) – Porto Alegre, 2011.

LAMBERTI, Eliana; SATTI, Estevão. D. C; CHAPARRO, Jorceli de. B; PIVA, Silvana. Desenvolvimento, turismo e economia criativa: Algumas conexões a partir da realidade fronteiriça de Ponta Porã/MS. **Geofronter. Campo Grande, n. 3, v. 3, p. 1-16**. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>> Acesso em 12 jan 2019.

LIMA, Fernando. R. F de. **Desenvolvimento regional na fronteira Foz do Iguaçu/BR – Ciudad del Este/PY**. Tese de doutorado. Curitiba, 2011.

MACHADO, João. B. M. **Mercosul: Processo de Integração, origem, evolução e crise**. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

MACHADO, Lia. O. Limites, fronteiras, redes. *In*: T. M. Strohaecker, A. Damiani, N. O. Schaffer, N. Bauth, V. S. Dutra (Org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB Porto Alegre, p. 41-49, 1998.

MACHADO, Lia. O. **Sistemas, fronteiras e território**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

MALAGUTI, Manuel. L. **Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado**. Boitempo Editorial, 2001.

MARTINS, Isis. do M, M. **Haitianos no Brasil: Capilaridades e geografias em interface ao conceito de território-rede**. *Temáticas*, Campinas, 25, (49/50): 63-84, fev/dez. 2017.

MARTINS, José. de S. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(1): 25-70**, maio de 1996.

MARTINS, José. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, Lavínia. R. M de. **O turismo na história de Foz do Iguaçu – PR**. Dissertação de mestrado, Balneário Camboriú, 2010.

MARTINS, Lavínia. R. M de; RUSCHMANN, Doris. van de M. **Desenvolvimento Histórico Turístico de Caso: Foz do Iguaçu – PR**. Caxias do Sul. 2010.

Martins, Romário. **História do Paraná**. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 1989.

MERCOSUL. Circulação de Pessoas e Bens. In: MERCOSUL. **Cartilha de Cidadania do MERCOSUL**. Disponível em: <<http://www.cartillaciudadania.mercosur.int/categs/pt/18>>. Acesso em 02 de Julho de 2019.

MONDARDO, Marcos. L. **Raízes na migração: Des-Re-Territorialização e Redes Sociais**. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz. A. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003)**. Rio de Janeiro: Revan, 680 p. 2003.

MUSEU PARANAENSE. **Povos indígenas no Paraná**. Disponível em <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>>. Acesso em 03 de Agosto de 2019.

OLIVEIRA, Giovani. F.; COSTA, Gustavo. V. L da. **Redes ilegais e trabalho ilícito: comércio de drogas na região de fronteira de Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia**. Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil BGG 38 - p. 137-156, 2012.

OLIVEIRA, Nara. R. O. de et al. **Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade**. Dissertação de mestrado, Foz do Iguaçu, 2012.

PÀEZ, Sergio. L. A. **Multiculturalidad, el caso dela triple frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay**. 2013.

PARAGUAI. Controladoria Geral da República. Informe Final de Fiscalização Especial Imediata (FEI). Lei N° 704/95 e Resoluções CGR N° 119/96, 339/02 e 1190/07 do município de Ciudad del Este. Agravante: Direção Geral de Controle de Bens Patrimoniais do Estado. Relator: Controlador Geral Dr. Camilo D. Benítez Aldana. Assunção, 05 de 2019. Disponível em: <http://www.contraloria.gov.py/index.php/categorias-de-archivos/category/897-municipalidad-de-ciudad-del-este?download=25216:informe-final-resolucion-nro-695-2018-municipalidad-de-ciudad-del-este>>. Acesso em 02 de Julho de 2019.

PENNER, Reinaldo. **Movimiento Comercial y Financiero de Ciudad del Este: Perspectivas dentro del proceso de integración.** Asunción: Banco Central del Paraguay, 1998. Disponível em <<http://www.bcp.gov.py/>>. Acesso em 12 jan 2019.

PEREIRA, Luiz. A. G. Redes e fluxos em geografia: Uma abordagem teórica. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), v. 4, n. 5, 2015.

PEREIRA, Mirlei. F. V. **Redes, sistemas de transportes e as novas dinâmicas do território no período atual: Notas sobre o caso brasileiro.** Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 21, n. 1, 2009.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal.** Revista brasileira de ciências sociais, v. 23, n. 67, 2008.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **La garantía soy yo.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil.** 2009. Tese de doutorado, Porto Alegre 2009.

PINTO, Eduardo. C; GONÇALVES, Reinaldo. **Globalização e poder efeito: transformações globais sob efeito da ascensão chinesa.** Economia e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 2 (54), p. 449-479, ago. 2015.

PINTO, Paulo. A. P. **O ressurgimento da influência cultural chinesa e as oportunidades oferecidas ao Brasil.** Historia Actual Online, n. 7, p. 107-122, 2005.

PINTO, Rafael. A. Territórios Nacionais do Capital Internacional. In: SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos.** Campinas. Edições Territorial, p. 573-582, 2003.

PORTAL. **Município de Ciudad del Este.** 2019. Disponível em:<<http://www.mcde.gov.py/>> Acesso em 01 de Julho de 2019.

PORTAL. **Última Hora.** Assunção, Paraguai, 200-. Disponível em:<<https://www.ultimahora.com>>. Acesso em 01 de Julho de 2019.

PORTO, Jadson. L. R. **A reconstrução da condição fronteiriça amapaense: da expansão colonial às intenções de interações transfronteiriças.** ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. Geografia Política e Geopolítica, p.149-167, 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. ; QUENTAL, Pedro. A. **Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina.** Polis. Revista Latinoamericana, n. 31, 2012.

QUADRA, Dante. **Operação Muralha ultrapassa R\$ 8 milhões em apreensões em 15 dias.** Rádio Cultura Foz. 2019. Disponível em:<<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/05/28/operacao-muralha-ultrapassa-r-8-milhoes-em-apreensoes-em-15-dias/>>. Acesso em 01 de Julho de 2019.

RABOSSO, Fernando. **Dimensões da espacialização das trocas.** A propósito de mesiteros e sacoleiros em Ciudad del Este. Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras do Campus de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu, v.6, n.6, p.151-176, 2004.

RABOSSO, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RABOSSO, Fernando. **Tempo e movimento em um mercado de fronteira: Ciudad del Este, Paraguai.** Sociologia & antropologia | Rio de Janeiro, v.05.01: 405 – 434, 2015.

RAFFESTIN, Claude. **A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira.** In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de Oliveira (org.). Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, p. 09-15 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RECEITA FEDERAL. **Receita Federal em Foz do Iguaçu apreende mais de US\$ 80 milhões de mercadorias no ano de 2017.** 10 de Janeiro de 2018. 2018. Disponível em: <<http://receita.economia.gov.br/sobre/acoes-e-programas/acoes-da-receita-federal/noticias/2018/janeiro-1/9a-regiao-fiscal/alf-foz-do-iguacu-apreende-mais-de-us-80-milhoes-de-mercadorias-no-ano-de-2017>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

RECEITA FEDERAL. **Receita Federal em Foz do Iguaçu apreende mais de US\$ 80 milhões de mercadorias no ano de 2017.** Paraná, 10 de Janeiro de 2018. Disponível em:< <http://receita.economia.gov.br/sobre/acoes-e-programas/acoes-da-receita-federal/noticias/2018/janeiro-1/9a-regiao-fiscal/alf-foz-do-iguacu-apreende-mais-de-us-80-milhoes-de-mercadorias-no-ano-de-2017>>. Acesso em 30 de Junho de 2019.

REDAÇÃO OLHAR DIGITAL. **Facebook Messenger: principais recursos e dicas para o usar o mensageiro.** 11 de Janeiro de 2019. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-messenger-principais-recursos-e-dicas-para-usar-o-mensageiro/81158>>. Acesso em 01 de Julho de 2019.

RIBEIRO, Gustavo. L. **El sistema mundial no-hegemónico y la globalización popular.** Série Antropologia. Vol. 410. Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, p. 7-23, 2007.

RIBEIRO, Miguel. A. **Abordagens analíticas das redes geográficas.** Boletim Goiano de Geografia, v. 20, n. 1, p. 77-106, 2000.

RIBEIRO, Maria de Fátima. B. **Memórias Do Concreto: vozes na construção de Itaipu.** Cascavel - Paraná: Edunioeste, 2002.

ROSEIRA, Antônio Marcos. Foz do Iguaçu, integração regional e dinâmica espacial na tríplice fronteira. In: **Encuentro de Geografos da América Latina, 2009, Montevideu. 12 Encuentro de Geografos da América Latina, 2009.**

ROSEIRA, Antônio Marcos. **Foz do Iguaçu, Cidade Rede sul-americana.** São Paulo, 2006.

RÜCKERT, Aldomar; DIETZ, Circe. Integração regional, a região transfronteiriça da bacia do Rio da Prata e os projetos de infraestruturas de conexão. *In: Confins*, n. 17, 2013. Disponível em: <http://confins.revues.org/8216>. Acesso em: 24 out. 2016.

RUFINO, João Paulo. F; SILVA, André. F; CRUZ COSTA, Ana Paula. G. **Desconstrução do mito sobre a utilização de hormônios exógenos na produção avícola.** *Rev. Cient. Avic. Suin.*, v. 2, n. 2, p. 043-054, 2016.

SANT' ANNA, Fernanda. M. **O Papel de Integração Fronteiriça para a Integração Regional na América Latina**, 2013.

SANTOS, José Carlos dos. **Uma leitura micro da tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina.** Florianópolis, 2015. Disponível em: <[www.snh2015.anpuh.org/resources/.../1433683866\\_ARQUIVO\\_Textofinal2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/.../1433683866_ARQUIVO_Textofinal2015.pdf)> Acesso 04/01/2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 2006 [1996].

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Trad. Myrna T.R. Viana. São Paulo: EDUSP, 2004 [1979]. 433 p.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, Orlando. B. dos; CURY, Mauro. J. F. Segurança nacional na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: exército brasileiro. **Tempo da Ciência**, v. 22, n. 44, p. 89-99, 2015.

SAQUET, Marcos Aurélio.; MONDARDO, Marcos. L. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** *Revista Nera*, n. 13, p. 118-127, 2008.

SCHERMA, Márcio Augusto. **As políticas brasileiras para a faixa de fronteira: um olhar a partir das relações internacionais.** Tese de doutorado. Campinas, 2015.

SCHEUERMANN, Gerson. N. **Utilização de hormônios na produção de frangos: mito ou realidade?.** *J Health Sci Inst.* 2015;33(1):94-9. Universidade Paulista, São Paulo-SP, Brasil, 2015.

SEOANE, Alfredo. V. F. Integración economía y Fronteras: bases para um enfoque renovado. *In: SEOANE, A.F., ORIAS, R. A. e TORRES, W. A. Desarrollo Fronterizo: construyendo una nueva agenda.* La Paz: Universidad de la Cordillera, 2009.

SIGNIFICADOS. **Significado de WhatsApp.** 2015. Disponível em <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em 01 de Julho de 2019.

SILVA, Fábio. M da. **Documento especial fronteiriço: acordos internacionais e desacordos locais.** 2013. 84 f. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal) – Corumbá, 2013.

SILVA, Gutemberg. de V.; GOUVÊ, Ítalo. A. M. Relações internacionais Amapá-Guiana Francesa: Aspectos comerciais das interações globais e transfronteiriças. **REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1**, p.1245-1259, 2013.

SILVA, Luiz. A. M. da. **Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação no mundo do trabalho**. Caderno CRH, v. 37, p. 81-109, 2002.

SILVA, Silvana. C da. Território, fronteiras e interações espaciais: os imigrantes bolivianos em São Paulo. **REVISTA GEONORTE, Edição Especial 3, V.7, N.1**, p.1281-1297, 2013.

SILVEIRA, Maria Laura. América Latina: por uma pluralidade de pactos territoriais. *In*: OLIVEIRA, M. P. de; COELHO, M. C. N.; CORRÊA, A. de M. **O Brasil, América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas (I)**. Rio de Janeiro, Editora Lamparina, 2007.

SILVEIRA, Maura Laura. Por uma teoria do espaço latino-americano. *In*: DE LEMOS, A. I. G. et al. (org.). **Questões territoriais na América latina**. Buenos Aires. Ed. CLASCO, 2006.

SLOMSKY, Luiza. **Política de segurança na Tríplice Fronteira (Brasil-Argentina-Paraguai): Identificação das atuais estratégias de cooperação**. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Itajaí, 2015.

SOUZA, Adelita. A de et al. **Itaipu e a urbanização da zona de fronteira do Iguazu: cidade e conjuntos habitacionais da usina hidrelétrica**, 2012.

SOUZA, Aparecida. D de. **Memórias e histórias do contrabando em Foz do Iguazu**. 2009.

SOUZA, Maria Adélia A de. **Território brasileiro: usos e abusos**. Edições territorial. Campinas, 2003.

SOUZA, Marcelo. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias et al (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

SOUZA, Marcelo. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2013.

SZEKUT, Andressa; DE OLIVEIRA, Jorge Eremites. A presença de brasileiros na recente colonização do Paraguai. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 303-331, 2016.

TELLES, Vera. da S. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Editora Argvmentvm, Belo Horizonte, 2010.

TOLEDO, Junior. R de. Telecomunicações e uso do território brasileiro. *In*: SOUZA, M. A. A. (Org.). **Território brasileiro: Usos e abusos**. Cap. 5. Campinas: Territorial, p.93-107, 2003.

TOZI, Fabio. Geografias da desigualdade: Uso do território Brasileiro e Fome. *In:* Souza, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 495-507, 2003.

TURRA, Juleusa. M. T. Formação Socio-Espacial, Território e Seus Usos. *In:* SOUZA, M. A. A de. (org.). **Território Brasileiro: Usos e Abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 380-396, 2003

VIVER EM FOZ DO IGUAÇU. **Vila Portes, o último bairro do Brasil, não folga nem em dia de Tiradentes**. Disponível em: <<http://viveremfozdoiguacu.blogspot.com/2015/04/vila-portes-o-ultimo-bairro-do-brasil-nao-folga-em-feriados.html>>. Acesso em 30 de junho de 2019.

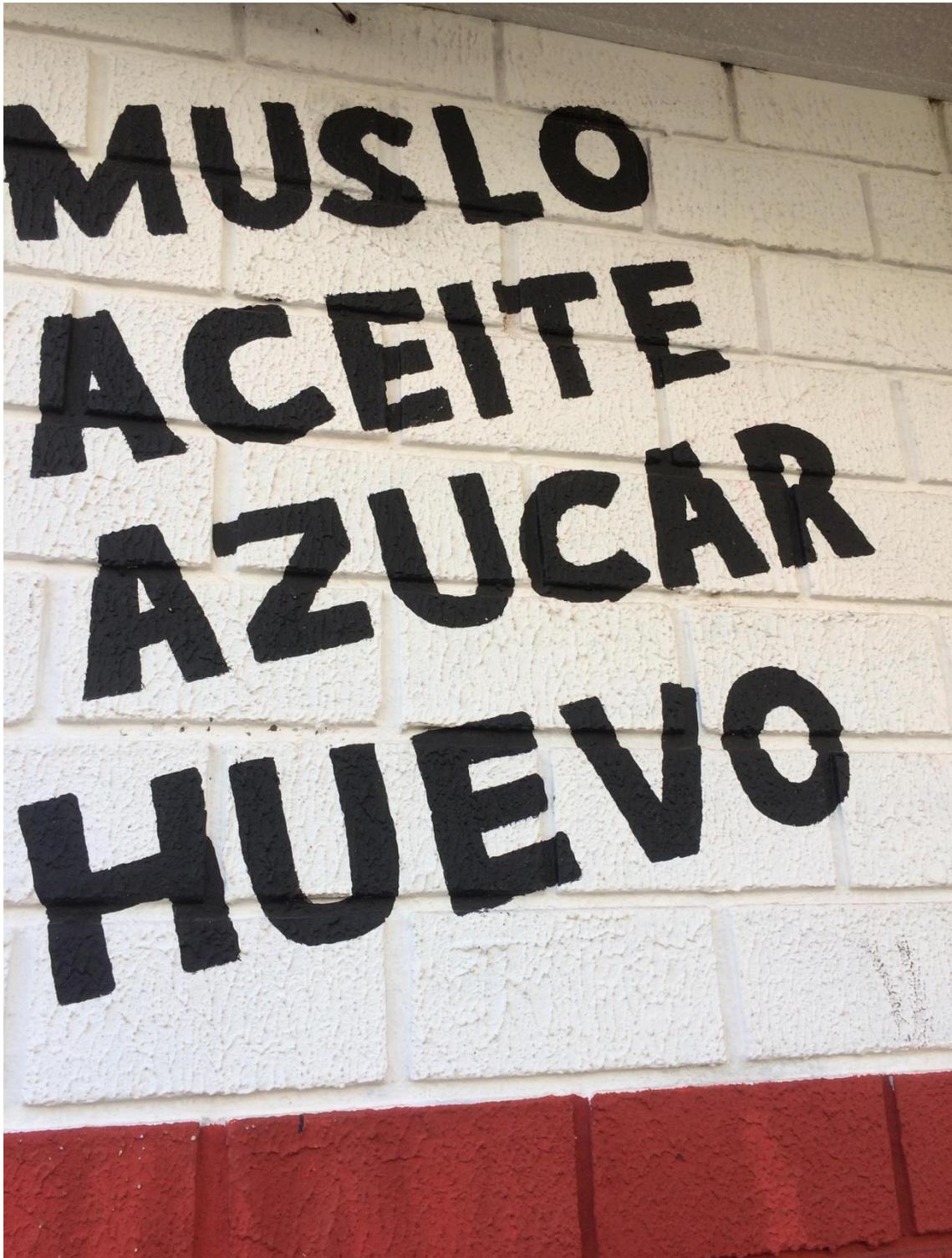
WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos**: história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

ZAPATA, Nelson. Brasil inunda Paraguay com produtos de contrabando. **ABC COLOR**. 2 de Abril de 2016. 2016. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/notas/brasil-inunda-paraguay-con-productos-de-contrabando-1467326.html>>. Acesso em 30 de junho de 2019.

ZAPATA, Nelson. Ciudad del Este: de la ciudad a la región industrial y de servicios. **ABC COLOR**. 8 de Novembro de 2014. 2014. Disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/economico/ciudad-del-este-de-la-ciudad-a-la-region-industrial-y-de-servicios-1304208.html>>. Acesso em 30 de junho de 2019.

## ANEXO 1

Figura 49 - Fachada do estabelecimento na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

## ANEXO 2

Figura 50 - Van paraguaia sendo carregada de produtos na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

### ANEXO 3

Figura 51- Interior do ônibus que circula em CDE



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

#### ANEXO 4

*Figura 52- Outra fachada em espanhol na Vila Portes*



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

## ANEXO 5

Figura 53 – Loja de vestuários na Vila Portes em que a vendedora fala espanhol



Fonte: Camila Manoel Pereira (2018).

## ANEXO 6

Figura 54 - Produtos comercializados na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

## ANEXO 7

Figura 55 - Outro jogador brasileiro (Adriano) em propaganda de loja paraguaia



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

## ANEXO 8

Figura 56 - Caminhão da Copacol descarregando na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).

## ANEXO 9

Figura 57 - Táxi paraguaio na Vila Portes



Fonte: Camila Manoel Pereira (2019).